UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

BRUNO RAMOS RODRIGUES

O ENCONTRO DAS RUAS PELOS MUROS DA CIDADE DE JOINVILLE (2006-2013)

FLORIANÓPOLIS, SC
2016

BRUNO RAMOS RODRIGUES

O ENCONTRO DAS RUAS PELOS MUROS DA CIDADE DE JOINVILLE (2006-2013)

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História

Orientadora: Gláucia de Oliveira Assis

FLORIANÓPOLIS, SC
2016

R696e Rodrigues, Bruno Ramos
O encontro das ruas pelos muros da cidade de Joinville (2006-2013) / Bruno Ramos Rodrigues. - 2016.
294 p.: il. ; 21 cm

Orientadora: Gláucia de Oliveira Assis
Bibliografia: p. 279-294
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016.

1. Santa Catarina – História. 2. Migração. 2. Arquitetura e urbanismo. I. Assis, Gláucia de Oliveira. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD: 981.64 – 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

BRUNO RAMOS RODRIGUES

O ENCONTRO DAS RUAS PELOS MUROS DA CIDADE DE JOINVILLE (2006-2013)

Dissertação apresentada ao curso do Programa de Pós-Graduação em História como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre

Banca examinadora:

Orientadora: _____
Professora Dra. Gláucia de Oliveira Assis
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membro: _____
Professora Dra. Márcia Ramos de Oliveira
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membro: _____
Professora Dra. Wivian Weller
Universidade de Brasília - UNB

Florianópolis, SC
13/10/2016

RESUMO

A presente dissertação versa acerca da cidade catarinense de Joinville, sendo esta uma localidade com inúmeras disputas, tensões e discursos relacionados ao seu caráter identitário e étnico, perpassando por discussões que envolvem e remetem aos processos e fluxos de migração ligados tanto ao seu passado de fundação durante a segunda metade do século XIX, bem como de uma história ligada ao tempo presente e as recentes movimentações dos anos 1980 e 1990. Durante a década de 1970 a cidade catarinense passou por um intenso processo de industrialização, voltando-se principalmente ao setor do metal-mecânico, que, por sua vez, atraiu e, sobretudo, necessitou atrair mão-de-obra de diversas localidades, dentre ela, a dos (i)migrantes. Este processo trouxe consigo a necessidade de revisar e repensar este "novo" fluxo migratório, bem como o seu caráter urbano (infraestrutura). Para além do capital humano ligado ao trabalho que ingressou em Joinville, outras práticas, tramas, redes-sociais e ideias adentraram os diversos espaços da cidade, acarretando em sociabilidades e experiências que, de certa maneira, destoavam, negociavam e abalavam os lastros de uma cidade que estabelecia uma nostalgia estetizada ao seu passado germânico, lançando-a em conectividade ao global. Dentre estas novas práticas sociais e culturais que configuram a cidade em seu tempo presente, tanto pela vinda de (i)migrantes internos por volta da década de 1980 e 1990, como pelas redes abertas por estes, se pode destacar o Movimento Hip-Hop e o Grafite que demonstram as transformações presentes na Joinville contemporânea, tanto em seus espaços físicos urbanos, quanto em sua presença na(s) programação(ões) de eventos culturais locais, a exemplo do Festival de Dança e o Encontro das Ruas, sendo este último criado no intuito de valorizar o Hip-Hop e os seus elementos,

dando visibilidade, sobretudo entre os anos de 2006 a 2013, à cena do grafite local e a interação com grafiteiros/as de diversas cidades brasileiras. Estas novas modalidades de vivências e de se introduzir, identificar e relacionar com a urbe (e com os demais aspectos que envolvem o mundo e a cidade nos tempos atuais) se fizeram de forma conturbada, tendo como mediador, por vezes, a mídia e seus veículos de comunicação, sítios eletrônicos, portais e campanhas da cidade que lançavam olhares sobre estas novidades (Grafite ou Pichação? Prática que agride ou que agrada?), mas também a narrativa dos próprios grafiteiros e grafiteiras locais e as suas mais plurais produções de intervenção urbana. Neste diálogo aberto entre a historiografia joinvilense e estes mais variados elementos interligados com o tempo presente, fora possível identificar e perceber as permanências e rupturas acerca das experiências urbanas locais, sinalizando aspectos da trajetória desta prática (bem como do Movimento do *Hip-Hop)* para a urbe e o contato de alguns de seus praticantes com este cenário em constante estruturação.

Palavras-chave: Joinville, Migração, História do Tempo Presente, Grafite, Movimento *Hip-Hop*.

ABSTRACT

This dissertation about Santa Catarina city of Joinville, which is a location with numerous disputes, tensions and speeches related to the identity and ethnic to his character, passing by discussions involving and refer to processes and migration flows linked both to its past foundation for the second half of the nineteenth century, as well as a history linked to the present and the recent movements of the 1980s and 1990. During the 1970s the city of Santa Catarina went through an intense process of industrialization, turning mainly to the metal sector-mechanical, which, in turn, attracted and, above all, needed to attract labor-work from different locations, including imigrants. This process brought with it the need to review and rethink this "new" migration, as well his urban character (infrastructure). Apart from the human capital on the work that he joined in Joinville, other practices, plots, networks, and social ideas entered various areas of the city, resulting in sociability and experiences, in a way, clashed, negotiating and shook the ballast of city established a aestheticized nostalgia to his German past, launching it into global connectivity. Among these new social and cultural practices that shape the city in its present time, both for imigrants coming around the 1980s and 1990s, or the networs opened these, we can highlight the Hip-Hop Movement and Graffitti demonstrating the present transformations in contemporary Joinville, both in their urban physical spaces, and in its presence (s) program (s) local cultural events, such as the Dance Festival and the Meeting of the Streets, the was created in order to enhance the Hip-Hop and its elements, giving visibility, especially between the years 2006-2013, the local graffiti scene and interacting with graffiti from the several Brazilian cities. These new types of experiences to introduce, identify and relate to the metropolis

(and other aspects involving the world and the city in modern times) were made of troubled way, with the mediator, sometimes the media, electronic sites, portals and campaigns of the city that cast eyes on these new (Graffiti or Picho? Practice that attacks or pleasure?), but also the story of the men and women graffitti artists themselves and theirs plural intervention productions urban. In this open dialogue between Joinville historiography and these various elements connected with this time identify and understand the continuities and ruptures about local urban experiences, signaling aspects of the history of this practice (and the Hip-Hop Movement) to the metropolis and contact some of its practitioners with this scenario in constant structure.

Keywords: Joinville, Migration, History of Present Time, Graffitti, Hip-Hop Movement.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos são dirigidos às pessoas que se fizeram enquanto peças fundamentais para o desenvolvimento deste presente trabalho e que me apoiaram para superar os obstáculos que emergiam no decorrer do Mestrado em História.

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Osmar Rodrigues e Mariana Ramos Rodrigues por tudo o que me fora ensinado e pelo esforço despendido para a minha criação e formação enquanto indivíduo, bem como pela compreensão e pelo incentivo dado para que eu rumasse uma trajetória que se distanciava de perto deles, depositando em mim grande confiança e apoio desde a graduação em História até a Pós-Graduação em História.

Agradeço aos meus irmãos Marcos, Cristiana e Marcelo Ramos Rodrigues, assim como as minhas cunhadas e cunhados, Maura, Ana Lúcia e Celso e pelas inúmeras conversas, ajudas (em todos os sentidos) e risadas. Estendo este momento aos meus sobrinhos Thiago, André e Vitor que, devido à distância (desde a minha saída de São Paulo até o presente ano de 2016), não tive o tempo que gostaria de curtir eles, bem como de dar todo o carinho que queria ter dado se estivesse mais próximo.

Este trabalho não se faria possível sem o apoio direto da minha companheira, amiga e namorada Angélica Vulczak que dedicou boa parte do seu tempo com palavras de incentivos, paciência e, principalmente me ajudando sempre que fora necessário (obrigado pelas caronas!). Este afeto se amplia à nova família que emergiu fruto deste relacionamento e que se fez parte integrante e crucial para a realização dos dois anos de curso, sendo estes o meu sogro Amarildo Vulczak, a minha sogra Edézia Vulczak, meu cunhado e cunhada Anderson e Andrielle Vulczak (irmãos caçulas de coração).

A presente dissertação também não se faria viável sem a companhia de dois grandes amigos que tive ao longo das aulas, da escrita e da realização do Mestrado, sendo eles Bruno Silva e Diego Machado, no qual passamos por diversos momentos nesta etapa de mestrado/doutorado que tivemos. Obrigado pelas risadas, caronas, indicações, experiências, saídas e socializações de materiais que vocês dois me proporcionaram! Outro amigo que, mesmo distante, sempre me apoiou em todas as decisões e com quem eu sempre pude contar em todos os momentos, muito obrigado meu amigo Pedro Santos.

Agradeço em especial aos professores que ministraram aulas extremamente instigantes e contributivas para o enriquecimento do presente trabalho acadêmico, tendo uma participação decisiva em diversas escolhas e olhares que foram adotadas para analisar o grafite em Joinville.

Gostaria de agradecer, em especial, a querida professora, amiga, conselheira e orientadora Gláucia de Oliveira Assis pelas orientações, ajudas, leituras, empréstimos de material e tempo despendido para assistir escutar, refletir, direcionar estudos e me ajudar em todas as dificuldades que encontrei ao longo da pesquisa, bem como as sugestões, opiniões e apontamentos que me ajudaram a amadurecer enquanto pessoa, acadêmico e pesquisador. Muito obrigado!

“De uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas as respostas que dá às nossas perguntas”.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fachada grafitada da antiga sede da Prefeitura de Joinville. 33
Figura 2 - Grafite e Pichação em Joinville. 99
Figura 3 – Grafitagem de Época Mouco em Joinville. 136
Figura 4 – Grafite de Igor "Gôri" na Rua Juscelino Kubitscheck (Centro) - Joinville 144
Figura 5 – Pintura do muro da auto mecânica Concórdia. 155
Figura 6 - Grafitagem do coletivo "Pinte e Lute" acerca do cancelamento do "Dia da Consciência Negra" no ano de 2013. 161
Figura 7 – Intervenções políticas do coletivo Pinte e Lute. .. 163
Figura 8 - Mural em tapumes grafitado na Rua Ministro Calógeras (próximo ao centro de Joinville) acerca da insatisfação com a Copa do Mundo de 2014..... 168
Figura 9 - Situação do antigo local grafitado na Rua Ministro Calógeras após o início do evento da Copa do Mundo de Futebol..... 169
Figura 10 - Crítica a onda contemporânea de justiça com as próprias mãos em diversas cidades e regiões brasileiras..... 172
Figura 11 - *Outdoor* da "Campanha contra o vandalismo" presente na Rua Santa Catarina (sentido Sul da cidade) em Joinville. 174
Figura 12 - Registro do público participante (convidado e espectador) da primeira edição do Encontro das Ruas..... 193
Figura 13 - Convite do 2º Encontro das Ruas realizado em Joinville 198
Figura 14 – *Folder* do Encontro das Ruas de 2008 – O maior encontro de *Hip-Hop* do Sul do país 201
Figura 15 – Verso do *folder* do Encontro das Ruas de 2008 - informações 201

Figura 16 - 4º Encontro das Ruas –presença de painéis de grafite. 204
Figura 17 – Público observando a grafitagem nos muros do Centreventos Cau Hansen. 207
Figura 18 - Grafitagem nos muros do Centreventos Cau Hansen. 208
Figura 19 - Parte interna do *flyer* de divulgação da 5ª Edição do Encontro das Ruas. 213
Figura 20 - Muros ao entorno do SESC (centro) de Joinville durante a 5ª edição do Encontro das Ruas em 2010. 215
Figura 21 - Grafite representando o Movimento do *Hip-Hop* nas paredes do Centreventos Cau Hansen em Joinville.....216
Figura 22 - Bailarina grafitada “dançando” entre os grafites nas paredes do Complexo Edmundo Doubrawa. 224
Figura 23 - Fachada grafitada do edifício tombado da antiga sede da Prefeitura de Joinville. 235
Figura 24 – Cartaz de divulgação da 33ª edição do Festival de Dança de Joinville.....266

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 19

1. PARA ALÉM DA GERMANIDADE: O FLUXO MIGRATÓRIO PARA JOINVILLE DURANTE O FINAL DO SÉCULO XX 47

1.1 GERMANIDADE IMAGINADA: UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO 55

1.2 "GERMANIDADE" ABALADA? AS MUDANÇAS NA CIDADE A PARTIR DO FLUXO DE PESSOAS E IDEIAS DURANTE OS ANOS DE 1970, 80 E 90. 74

2. "AGRIDE OU AGRADA"? A PRESENÇA DO GRAFITE NA CIDADE DE JOINVILLE 97

2.1 GRAFITE OU PICHAÇÃO? DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS 102

2.2 QUEM SÃO OS SEUS PRATICANTES? A TRAJETÓRIA DO GRAFITE EM JOINVILLE 118

2.3 DISCURSOS MIDIÁTICOS ACERCA DA GRAFITAGEM JOINVILENSE 152

3. O ENCONTRO DAS RUAS E O FESTIVAL DE DANÇA 177

3.1 A INSERÇÃO DO MOVIMENTO DO *HIP-HOP* NO FESTIVAL DE DANÇA E AS TENSÕES DA GRAFITAGEM EM JOINVILLE 186

3.2 PERMANÊNCIAS E RUPTURAS ACERCA DO GRAFITE EM JOINVILLE 253

CONSIDERAÇÕES FINAIS 269

REFERÊNCIAS 279

INTRODUÇÃO

A cidade de Joinville, localizada na região Nordeste do estado de Santa Catarina e fundada em 9 de março de 1851, enquanto cenário de pesquisa, explicita numerosos discursos que remetem ao processo imigratório para a região durante a segunda metade do século XIX buscando sustentar uma identidade "tipicamente germânica" ligada a estes indivíduos que realizaram o processo de fundação da cidade. Esta idealização de passado heroico e basilar para alguns fragmentos da sociedade joinvilense se encontrou por vezes abalado, como no caso de algumas conjunturas políticas nacionais[1] durante o início do século XX, bem como potencializado em outros períodos, fomentando este imaginário através de documentos oficiais e/ou de festividades que traziam à tona esta relação histórica da cidade com uma memória "hegemonizada". Os fluxos de informação e ideias ligados ao tempo presente, como por exemplo a mobilidade de grupos étnicos imigrantes ou de novas experiências urbanas, apresentam uma multiplicidade de apropriações identitárias

---

[1] O nacionalismo autoritário apresentado pelo Estado Novo através da Campanha de Nacionalização buscou suprimir as culturas e linguagens (idiomas) que não fossem brasileiras. Os impactos deste processo na região de Joinville podem ser encontrados no capítulo "É proibido ser alemão" da historiadora Ilanil Coelho (COELHO, 2005).

que, quando colocadas em relação com estas “raízes locais”, por vezes coincidem com os anseios locais, tornando-as ressonantes e mobilizadas por diferentes órgãos e/ou setores regionais (o turístico, por exemplo), ou se apresentam de forma dissonante, aparentando-se enquanto marginais às expectativas construídas envolta da comunidade que vive na cidade, necessitando ser evitada. Estas duas perspectivas, que serão melhor trabalhadas ao longo desta dissertação, não se fazem de modo excludente, podendo um grupo ou uma prática transitar por estes dois campos, dependendo da instrumentalização direcionada sobre este/esta.

Os estudos recentes sobre estes fluxos de indivíduos migrantes e de ideias nesta cidade catarinense acabam por (re)visitar e discutir os lastros que a cidade construiu com um passado idealizado e, de alguma forma, problematizá-los com novas preposições e perspectivas na tentativa de dialogar com a historiografia local e com as identificações que transbordam os limites locais, apresentando novas personagens e discussões ricas para o campo histórico[2]. Este caráter étnico explorado na

---

[2] Na historiografia local, recente alguns autores discutem a chegada destes migrantes europeus do século XIX e as dificuldades encontradas na região, como no caso de GUEDES (2005), as tramas que emergem desta relação presente e passado através de festividades e fluxos migratórios (COELHO, 2011), bem como a cultura da memória presente em Joinville através de suas comemorações (MACHADO, 2009).

cidade se faz presente através da tonalidade “germânica” que toma o (in)consciente de alguns de seus habitantes (nascidos ou não), bem como dos olhares que são voltados para o local através de propagandas, festividades, políticas e turismo. Esta paisagem demarcada acaba, sobretudo, solapando as múltiplas experiências e fluxos que se fazem atuantes e constituintes das mudanças e permanências históricas da localidade. Esta paisagem, como observada pela historiadora paulista Ilanil Coelho (2011), indicam as formas e os processos que os sujeitos se apropriam do território urbano, onde se é buscado compreensão dos princípios identitários, as espetacularizações e mercantilizações da cultura, e as hierarquias que aparecem em um jogo relacionando o passado e o presente.

Na década de 1970, com a intensificação do processo de industrialização da cidade, Joinville carecia de mão de obra para atuar e trabalhar em suas indústrias, sendo realizada inúmeras propagandas e propostas que serviam enquanto um “chamariz” em busca de trabalhadores para os setores industriais locais. No decorrer de 1980 Joinville se torna a cidade mais populosa de Santa Catarina, principalmente através do alto fluxo e o estabelecimento de migrantes de várias regiões brasileiras, tendo com maior intensidade o estado do Paraná, de São Paulo e do Rio Grande do Sul, acarretando na necessidade de incisivas mudanças de infraestrutura urbana,

fazendo com que o poder público tomasse providências para inibir e coagir este processo migratório (COELHO, 2011), transformando o imigrante que se fora desejado na década de 1970 em indesejado ao longo dos anos de 1980 e 1990 devido ao direcionamento destes ao município. O historiador joinvilense Diego Finder Machado (2009), munindo-se de reflexões historiográficas produzidas sobre este momento, disserta que:

> Nas dobras deste discurso, podemos perceber um descontentamento com o fim de um modelo de cidade que poderia ser comparada a uma "pequena Alemanha em terras catarinenses" e uma aversão, implícita, em relação aos atores que seriam, em sua visão, responsáveis por toda esta "desordem" contemporânea: os milhares de migrantes, advindos de diversas partes do país, que também escolheram Joinville para realizar seus sonhos de uma vida melhor. Em suas próprias palavras [referindo-se ao historiador Apolinário Ternes], "tradicionalmente conhecida por sua condição de cidade industrial, além de seus desempregados próprios, a cidade começou a acolher de forma intensiva os desempregados de fora, em busca de emprego aqui. (MACHADO, 2009; 58)

As transformações que ocorreram principalmente no campo econômico, social e cultural durante o final do século XX em Joinville, são realizadas por intermédio da reestruturação do setor industrial, a partir de seus empregos e a

implantação de novas tecnologias destinadas à este setor e a sua influência direta na vida urbana, principalmente pela implantação de projetos políticos e empresariais destinados à expansão do setor de serviços que crescia (não apenas na região) e também pelos novos deslocamentos humanos para a cidade.

Segundo Ilanil (2011), a partir das publicações midiáticas da década de 1980, os migrantes internos são referenciados nas páginas dos jornais dando enfoque à sua presença "inoportuna" e a "desordem" causada por estes que se faziam dois terços da população joinvilense. A cidade, neste momento de expansão populacional e urbana, careceu de estratégias para acomodar os novos habitantes, tendo alguns investimentos em infraestrutura, porém levando estes imigrantes a tomarem as regiões periféricas da cidade, sendo algumas destas locais com grande intensidade de manguezais[3]. Estes locais que, indubitavelmente, se faziam (em sua grande

---

[3] O caderno intitulado "Joinville bairro a bairro (2008)" traz informações sobre os bairros que compõem a cidade de Joinville, apresentando suas histórias, suas criações, população, loteamentos e localidades mais importantes. Dentre estes espaços, por exemplo, o bairro Comasa é descrito pela presença imigrante da década de 1970 e as dificuldades encontradas neste local, principalmente pela presença dos manguezais e a distâncias de serviços básicos. O conteúdo presente na obra fora elaborado pela Prefeitura Municipal de Joinville (PMJ) em parceria com a Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável de Joinville (IPPUJ).

maioria) impróprios para a habitação são, assim como salienta o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad em seu texto “O que é um imigrante?” (1998), uma espécie de “esforço mínimo” de determinados indivíduos, grupos ou setores que utilizaram da mão de obra dos migrantes enquanto fora conveniente, fazendo desta (re)locação enquanto um alívio às suas próprias preocupações morais.

A comunidade imaginada[4] joinvilense fora extrapolada pelos recentes fluxos migratórios que, a partir deste, trouxeram novos sentidos, tramas, conflitos, hibridismos, informações e identidades à cidade, podendo ser entendido, assim como dissertado pelo antropólogo argentino Nestor Garcia Canclini (2003), em um movimento ligada às modificações acarretadas pelo sentido de globalização, trazendo consigo um jogo de relações identitárias, culturais e sociais, se fazendo mister o pensamento sobre este através de inquietações e relações entre o global e o local, partindo de discussões que não se restrinjam apenas ao campo econômico, mas que envolvam múltiplos elementos contribuintes para um fluxo intenso de práticas. As

---

[4] O conceito de “comunidade imaginada” será utilizado ao longo desta dissertação a partir dos pensamentos de Benedict Anderson (2008), sobretudo pelo falso pensamento de que um largo grupo de pessoas que convivem em um mesmo território (nação) comunguem ou partilhem das mesmas ideias, vida e ações, tendo por assim, em mente, uma certa homogeneidade.

diferenças e semelhanças são existentes cotidianamente nos atos e ações destes atores e autores sociais que vivenciam e praticam a cidade que, sobretudo, disputam e mesclam apropriações tanto de identificações quanto de culturas, fugindo, de alguma maneira, dos discursos maniqueístas presentes na sociedade, criando novas experiências e vivências que fogem do trivial homogêneo, por meio de uma espécie de "intercâmbio". Vivenciar a cidade e guiar-se por esta não se faz apenas pela "(...) orientação que nos dão os mapas ou o GPS, mas também pelas cartografias mentais e emocionais que variam segundo os modos pessoais de experimentar as interações sociais" (CANCLINI, 2008; 15).

Esta trama em que relaciona o global e o local, os movimentos transnacionais e as redes e fluxos de ideias e de indivíduos, fazem emergir práticas que, assim como dissertado anteriormente, confrontam e, para além disto, coexistem em um mesmo espaço de sociabilidade como, por exemplo, a cidade de Joinville. As manifestações artísticas urbanas, a exemplo do grafite[5] e as suas inscrições, podem fazer emergir

---

[5] O Grafite (ou *Grafitti*, como na escrita original) na presente pesquisa será adotado enquanto manifestação cultural urbana que intervêm no espaço da cidade e a utiliza enquanto suporte de forma autorizada ou transgressora, tendo o seu caráter efêmero e caracterizado por sua estética de formas, moldes e cores, utilizando, sobretudo, de *spray* de tinta ou pincel. Algumas discussões acerca da conceituação artística do Grafite podem ser

discussões que transbordam as fronteiras geográficas e articulam com elementos que fogem o próprio espaço, mas que, de uma forma ou de outra, articulam com este. Transitando pela região central joinvilense se pode notificar a intensa presença dos grafites através das suas formas, estilos e cores estampadas pela cidade, apresentando e possibilitando inúmeras reflexões acerca destas produções, seja pela sua mobilização políticas e contestatória, pela sua recorrência em locais não autorizados, ou pela mobilização desta intervenção cultural em locais de destaque na urbe, sinalizando as intensas modificações, (re)adaptações e pastiche de múltiplos fluxos do tempo presente sobre este cenário contemporâneo. Sendo assim, "O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada" (CERTEAU, M. de. 1996), disponibilizando táticas e estratégias[6] que se enfrentam em variadas camadas sociais e a

---

encontradas em GITAHY, C. 1999; e RAMOS, C. M. A., 1994; assim como no campo da história em KNAUSS, P. 2001.

[6] Os conceitos de *tática* e *estratégia*, são utilizados e mobilizados pelo historiador francês Michel de Certeau ao longo de suas obras e escritos o primeiro seria a intervenção realizada por um grupo de dominados para subverter o poder vigente, utilizado, sobretudo, de manobras cotidianas, o segundo, por sua vez, seriam os esquemas impostos por membros do poder (dominantes), estabelecendo algum tipo de exercício de poder sobre os primeiros. Instrumentalizando tais conceitos para a presente pesquisa, estes serão utilizados enquanto uma possibilidade de perceber o grafite (manifestação de caráter urbano e que utiliza deste espaço de maneira intervencionista) enquanto uma reação de atores sociais (grafiteiros) à planos e imposições que, por vezes, não incluíam estes no conjunto social, onde o primeiro realizariam *táticas* para enfrentar (em determinados

cidade se apresenta enquanto criadora de "(...) novos padrões de troca de espaços para a sociabilidade e para os rituais da vida pública" (MAGNANI, 2002; 26).

O intenso fluxo interno de pessoas e de informações que se fazem e fizeram presentes em Joinville, assim como em demais regiões do Brasil, durante o século XX e início do século XXI, tanto em busca de serviços, estudos, novos rumos e cotidianos, fomentaram as novas práticas e vivências da urbe, bem como conectaram espaços para além de seus limites geográficos e fronteiriços, dentre estas novas vivências o Movimento do *Hip-Hop*[7] pode ser destacado enquanto uma prática que influenciou ideologica, social e culturalmente um grupo relevante de jovens. Wivian Weller (2011) apresenta o histórico desta prática no Brasil, que surge nos guetos nova-iorquinos e aparece, em meados dos anos 1980, principalmente na cidade de São Paulo, onde o seu centro urbano servira enquanto palco para jovens *office-boys*, na hora do almoço, se reunirem na Avenida 23 de Maio ou na entrada do Metrô São

---

momentos) as *estratégias* dos grupos dominantes, e/ou tencionando a relação entre eles. Para maior contato com os conceitos ver CERTEAU, Michel de. Introdução geral. In: -. CERTEAU, Michel et al. A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer, Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

[7] Estudar e conhecer o Movimento do *Hip-Hop*, sua presença nos Estados Unidos e a sua disseminação e diferença em território brasileiro, se faz necessário, no caso específico desta pesquisa, para analisar o contato de grafiteiros e grafiteiras atuantes no cenário joinvilense com a prática do Grafite.

Bento para dançarem *break* e escutar *rap*. O *Hip-Hop* surge como uma expressão cultural juvenil no centro da cidade, diferentemente do que ocorreu nos Estados Unidos da América, atraindo jovens de diversas áreas periféricas da metrópole[8].

Alguns materiais midiáticos, como os jornais, e produções audiovisuais (acadêmicas)[9] presentes na cidade de Joinville, fornecem ricas pistas acerca das informações e discussões sobre a presença e a trajetória do Movimento do *Hip-Hop* e do Grafite em e para Joinville, o contato destes grafiteiros e grafiteiras com esta prática e a sua relação com o *Hip-Hop*, quem são alguns destes indivíduos, a naturalidade do/da praticante e a sua relação com a cidade, assim como as ressonâncias e dissonâncias que a manifestação do Grafite pode

---

[8] O primeiro capítulo de WELLER (2011), intitulado "O Hip-Hop como expressão criativa da identidade étnico-racial e geracional", apresenta um histórico acerca do Movimento Hip-Hop nos bairros periféricos nova-iorquinos no final da década de 1970, onde se tinha a predominância de população negra (afro-americana) e hispânica. Este movimento se manifesta e se espalha enquanto cultura de rua que articula as "vozes" oprimidas e marginalizadas dos jovens por meio da música (*rap*), da dança (*break*) e da expressão artística (*grafite*), em forma de contestação ao racismo e a discriminação.

[9] Dentre os audiovisuais produzidos sobre a cena do grafite e do hip-hop em Joinville pode ser citado: "TRAÇOS URBANOS" (2014), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s1qaQbOqRmc>; "COLETIVO CHÁ – Um olhar sobre a arte urbana em Joinville" (2012), disponível em: <https://vimeo.com/26090924>; "Joinville entre ritmo e poesia: a história do rap joinvilense" (DUARTE. G. 2013), disponível em: http://www.portaljoinville.com.br/blogs/ladob/29241.

evocar em determinadas temporalidades. Dentre os materiais ligados a mídias locais, como os jornais A Notícia e Notícias do Dia (com grande circulação na região) durante o início do século XXI, por exemplo, quando o assunto se refere a Grafite e Pichação[10], por vezes, ambas intervenções urbanas são associadas enquanto iguais ou equivalentes e/ou interpretadas enquanto marginais e ligadas ao vandalismo, sendo uma composição que agride e rompe a ordem de Joinville, causando prejuízos e sentimentos adversos à prática, apresentando discursos de moradores que tiveram seu estabelecimento utilizado enquanto suporte da prática e de indivíduos que observam elas em fachadas de locais públicos (biblioteca, museu e praça), bem como reportagens com praticantes da arte urbana que defendem as suas perspectivas e a distanciam do caráter de "vandalismo" e/ou "depredação" de bens.

Por sua vez, alguns destes audiovisuais produzidos acerca da *cena*[11] do Grafite e do *Hip-Hop* em Joinville[12],

---

[10] Ao longo deste trabalho será apresentada a diferença e a conceituação teórica entre Grafite e Pichação.

[11] O conceito de *cena* será mobilizado ao longo do presente texto acadêmico aos moldes das discussões proporcionados por Will Straw (2005), onde este apresenta o conceito enquanto uma modalidade cultural formada, alimentada e disseminada por grupos que ocupam e interagem com os diversos espaços urbanos e culturais.

[12] Dentre os audiovisuais que abordam a temática estão: Traços Urbanos (2014); Coletivo Chá (2014) e; Joinville entre ritmo e poesia (2013). Todos estes materiais se fazem disponíveis no sítio eletrônico *Youtube*.

apresentam, a partir da oralidade de seus participantes, o contato que estes tiveram com tal prática, sendo por vezes elencado uma datação que remete aos anos de 1990 e o fluxo de informações e pessoas presente entre São Paulo e a cidade catarinense, onde amigos, parentes e conhecidos trouxeram da capital paulistana materiais (fitas, revistas e áudios, por exemplo) que serviram enquanto introdução à esta cultura. Tais materiais servem, assim como salientado anteriormente, enquanto fontes indiciárias para uma primeira análise acerca de quem, como, de qual forma e quando o Grafite e o *Hip-Hop* adentram ao cenário cultural e urbano joinvilense.

O Grafite, enquanto em sua composição subversiva se faz prevista enquanto crime sujeito a punição segundo o Código Penal Brasileiro[13], fora se esgueirando e se fazendo notório em todo o território nacional e internacional a partir de encontros e eventos de grafitagem (muitas vezes autorizados) que visavam "colorir a cidade" (lema que se faz corriqueiro e adotado pelos atores desta manifestação), surgindo diversos expoentes como os grafiteiros e grafiteiras: OSGÊMEOS (SP),

---

[13] Tanto o grafitagem, quanto o picho se fazem presentes no âmbito da marginalidade e do vandalismo em caso de serem realizados em locais sem o consentimento do proprietário ou do órgão/setor competente, o grafite, sobretudo, se faz descriminalizado, em caso do cumprimento destas circunstâncias a partir da Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011 que altera o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.

Nunca (SP), Kobra (RJ), Nina (SP), Panmella Castro (RJ), dentre outros e outras que transitam em várias esferas midiáticas divulgando seus trabalhos. Em Joinville, a abertura para novos olhares e maiores discussões acerca da temática fora mediada pelos meios de comunicação da cidade pautando-se no Encontro das Ruas[14], evento que surgiu durante a 24ª edição do Festival de Dança de Joinville[15], realizada no ano de 2006, que buscou ser o festival mais completo do gênero no Brasil e na América Latina, nascendo por assim o Encontro das Ruas, sendo destinado à arte presente na cultura urbana e realizado no Complexo Centreventos Cau Hansem. O Encontro das Ruas proporcionou a reunião e socialização de diversos simpatizantes e atuantes do Movimento do *Hip-Hop* local e nacional, bem como demais dançarinos de ligados ao *street dance*, que utilizaram das atividades e oficinas presentes no evento para além da competição, mas, todavia, para fomentar e mobilizar a prática, apresentando-a à um público que, por vezes, não possuía conhecimento e/ou familiaridade com ela.

---

[14] Mais informações acerca da História do Festival de Dança de Joinville disponíveis em: <http://ifdj.com.br/2013/linha-tempo.php>.

[15] Festival que teve a sua primeira edição em 1983 com apenas cinco dias é realizado na cidade de Joinville, sendo um expoente nacional e internacional ao gênero da dança, disponibilizando, atualmente, onze dias de evento (sendo o maior festival de dança do mundo). Com o seu crescimento notório o evento abarca diversas atividades simultâneas como realização de mostras, cursos, oficinas e discussões acerca da dança. *Idem.*

Segundo a reportagem intitulada “Encontro das Ruas e Encontro de Grafitti trazem colorido especial a Joinville” do jornal Notícias do Dia (2013) “Até 2009, os grafiteiros de Joinville não participavam do Encontro das Ruas. A alternativa era organizar o movimento e pintar o muro do América [estádio do time América F.C.]”. A participação efetiva do grafite dentro do evento ampliou a visibilidade da cena na cidade, principalmente com a pintura no Expocentro Edmundo Doubrawa[16] e do antigo edifício da Prefeitura Municipal de Joinville, ambos localizados na área central.

A antiga sede administrativa da Prefeitura Municipal de Joinville, localizada na esquina das ruas Max Colin e Doutor João Collin (centro), que se constitui como edificação tombada enquanto Patrimônio Histórico pela Fundação Cultural de Joinville, fora, em julho de 2013, utilizado enquanto suporte para o 9º Encontro das Ruas, antecedendo a 31ª Edição do Festival de Dança de Joinville. Tal ato gerou e mobilizou discussões acerca da prática do grafite na cidade, do imóvel utilizado para a grafitagem (tendo em vista o seu caráter histórico e a relação com o passado e a memória da cidade), o

---

[16] Evento realizado no ano de 2011 que contou com a participação de diversos grafiteiros e grafiteiras brasileiros/as que atuam no território nacional e internacional, sendo possível, a partir de oficinas, presenciar a atuação destes indivíduos e também conhecer mais sobre a manifestação cultural urbana do Grafite.

posicionamento dos órgãos responsáveis envolvidos, como a Comissão do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Natural de Joinville (COMPHAAN), que se fez favorável ao uso deste e, por meio de comentários *online* nos sítios eletrônicos dos jornais locais, leitores de Joinville que refletiram e se manifestaram sobre o ato, tanto concordando, quanto discordando.

Figura 1 - Fachada grafitada da antiga sede da Prefeitura de Joinville.

Fonte: Rodrigo Phillips / Agência RBS. Disponível em: <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/cultura-e-variedades/anexo/noticia/2014/08/ha-mais-de-dez-anos-predio-da-antiga-prefeitura-de-joinville-serve-como-deposito-4566516.html>. Acesso em: 2 de ago. 2016.

Estes dois marcos temporais, os anos de 2006 e 2013, sendo o primeiro – 2006 - compreendido enquanto o início do

Encontro das Ruas e a inserção do Movimento do *Hip-Hop* em um evento prestigiado, tanto na cidade de Joinville, como na esfera nacional (tendo respaldos internacionais), como o Festival de Dança, e o segundo – 2013 - enquanto uma efetiva notoriedade do Grafite que, neste momento, adquire certo lugar de destaque nas mídias locais, principalmente quando esta prática, estabelecida no tempo presente, confronta alguns paradigmas e memórias locais. Ambos recortes, quando mobilizados, se fazem capazes emergir discussões e percepções acerca da mudança de experiências e vivências urbanas por parte de algumas camadas sociais, bem como capazes de apresentar uma perspectiva cultural da sociedade joinvilense para além do que fora imaginada, que por vezes articula ou se afasta desta, mas que, sobretudo, coexiste no mesmo cenário.

> Um caminhar atento pelas diversas vias que cruzam a cidade de Joinville nos indica a existência de práticas urbanas múltiplas e multifacetadas que, de maneira mais intensa e muito mais subversiva do que os comportados usos dos jardins dos museus pelos recém-casados interessados em compor belos retratos matrimoniais, desestabilizam as exuberantes aparências pelas quais a cidade de Joinville é transformada em atrativo destino turístico (...) Prostitutas, travestis, homossexuais, mendigos, vendedores ambulantes, artistas de rua, artesãos, engraxates, ladrões, ébrios, pichadores, entre muitos outros personagens que habitam as margens da cidade contemporânea, são colocados fora dos limites

> delineados pelas molduras que enquadram as cidades dos cartões postais. (MACHADO, 2009, p. 87)

Neste diálogo estabelecido por MACHADO (2009) para com a cidade de Joinville, se faz uma medida pertinente para adentrar nas discussões sobre a área urbana de Joinville, sobretudo naquelas que não se "enquadram as cidades dos cartões postais", ou seja, aquelas práticas realizadas por grupos ou indivíduos que, cotidianamente, atuam sobre a cidade e produzem reflexões nela, proporcionando novos tipos de relacionamentos e interação com o local, mas que, de maneira controversa, continuam sendo personagens invisíveis e/ou marginalizados quando lançados em confronto com os anseios de representação e identidade que qualificam esta região catarinense**.** Para além destes detalhes e da baliza temporal, esta manifestação de caráter urbano frisa a constante conectividade de Joinville com outros espaços, nas suas mais possíveis facetas (sociais, econômicas, culturais, políticas, dentre outras), remetendo aos fluxos de pessoas, informações e ideias ligados, principalmente, ao final do século XX e início do século XXI, mas que se fazem constantes no cenário globalizado atual, apresentando as contribuições, por exemplo, das redes de diálogo aberta por/com estes e estas e a recepção destes elementos pela comunidade (imaginada) joinvilense.

A perspectiva da História do Tempo Presente se faz um elemento intrínseco para se pensar a problemática desta pesquisa, bem como o recorte temporal estabelecido e a gama de fontes disponíveis quando adotada esta escala histórica, assim como muito bem define Henry Rousso em entrevista à revista Tempo e Argumento (2009) “É isso para mim a História do Tempo Presente. É um manter-se à distância face ao próprio presente, uma tarefa dura”, tal argumento demonstra que analisar o “próprio presente” (o tempo vivido) e os elementos que compõem a realidade do pesquisador e da pesquisa, é uma tarefa extremamente complexa, pois, sobretudo, é necessário distanciar-se um pouco para perceber as nuances do objeto de pesquisa. Os desafios que são apresentados por esta adoção temporal ao historiador do tempo recente, por outro lado, o garante também uma riqueza de corpus documental que, assim como bem disserta a historiador Márcia Maria Menendes Motta, se manifestam enquanto “(...) um convite quase irresistível, principalmente para os que consolidaram sua trajetória em uma temática marcada por rupturas, mas também por continuidades inscritas no presente”. (MOTTA, 2012, p. 32).

Tendo em vista esta dificuldade de investigar e problematizar o próprio tempo vivido, serão aqui utilizadas, enquanto metodologia, análises de jornais locais que

apresentam algum aspecto de reflexão ou discussão acerca do Grafite, sendo estes contribuintes para perceber os discursos lançados sobre tal manifestação e a mudança destas falas, bem como as pistas que emergem acerca da trajetória da grafitagem na cidade, por conseguinte, foram elaboradas e realizadas entrevistas pautadas na História Oral com grafiteiros (participantes do evento e questão), buscando aprofundar e entender a sua trajetória histórica até o contato com a prática do grafite e do *hip-hop* em Joinville, assim como com o coordenador-geral do Festival de Dança e um dos idealizadores do Encontro das Ruas (durante o ano de 2006-2013). Para além do uso de jornais (sobretudo ANOTICIA e Notícias do Dia, entre os anos de 2001 e 2016), entrevistas e uma bibliografia temática (que aborde tanto a historiografia joinvilense e o processo migratório local, bem como discussões teóricas que aprofundem sobre o grafite no campo da história e sua presença em diversas regiões brasileiras), foram levantados, analisados e utilizados materiais disponíveis para a consulta do Festival de Dança (que possuiu uma documentação detalhada sobre todos os Encontros das Ruas), como o arquivo interno do próprio Instituto de Dança, visando maior conhecimento de sua criação, elaboração, estrutura, parcerias, escolhas de participantes, assim como outros detalhes que enriqueçam o conhecimento da prática do grafite em Joinville. Este recorte

temporal (2006-2013) nos evidência, sobretudo, um lugar de destaque da grafitagem na localidade, sobretudo por estar presente em um dos maiores circuitos de dança (inter)nacional e por atrair um público diverso para conhecer e se aproximar desta prática urbana. Outro ponto de destaque para o Encontro, bem como para o recorte temporal, é de que as “marcas urbanas” deixadas por este se fazem, exclusivamente, nas áreas centrais da cidade, o que coloca o Grafite sob o olhar constante de todos e todas que transitam diariamente no local (como pode se perceber na Figura1), por outro lado, a existência do grafite joinvilense vai para além do evento em si, existindo diversas pintura de jovens e coletivos independentes que tomam conta de outras regiões da urbe, trazendo discussões políticas, sociais e culturais por meio da grafitagem.

O primeiro capítulo da presente dissertação, intitulado “Para além da Germanidade: o fluxo migratório para Joinville durante o final do século XX”, se faz inicialmente voltado para uma discussão historiográfica acerca da cidade de Joinville, sendo mobilizada publicações que, de certa maneira, contribuem, por meio de suas (re)visitações e problemáticas, para o enriquecimento da investigação de alguns fragmentos da história local, sobretudo, as mudanças e permanências em relação a uma certa “identidade germânica” (construída de maneira estetizada) que se apresenta de forma homogênea e

linear (ausente de conflitos e problemas) lastrada em um passado que se faz presente através de elementos discursivos, arquitetônicos e festivos que o dão corpo e fazem emergir, por assim, o interesse local na preservação de memórias que se lançam em um constante jogo passado-presente, tendo como epicentros a fundação da cidade, o processo migratório da segunda metade do século XIX, o dito "progresso" aberto por estes e os epítetos cunhados para o local. Os usos destas perspectivas recentes acerca da história de Joinville possibilitam, sobretudo, perceber algumas mudanças com relação ao tempo histórico vívido pela sociedade joinvilense[17], tendo em vista os novos anseios da cidade, as modificações da relação com a "identidade tipicamente germânica" da cidade em relação aos fluxos migratórios do século XX (sobretudo após a década de 1970) e as múltiplas formas de viver e experiênciar a cidade.

O segundo capítulo, "Agride ou Agrada? A presença do Grafite na cidade de Joinville", se destina, inicialmente, em uma aprofundada discussão teórica e conceitual (envolvendo elementos do campo da arte, da história e da sociologia) que

---

[17] Se faz interessante para tal reflexão a mobilização dos conceitos "espaço de experiência" e "horizonte de expectativa" do historiador alemão Reinhart Koselleck em sua obra intitulada "Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos" (KOSELLECK, 2012), sobretudo para perceber as mudanças na dimensão temporal do movimento histórico em Joinville.

busca distinguir a prática do Grafite e do Picho, apresentando algumas técnicas e estilos utilizadas por ambas, as intencionalidades presentes em cada uma das manifestações urbanas, bem como o surgimento em comum entre eles e seu possível distanciamento, utilizando, todavia, de suportes bibliográficos que abordem o papel fundamental da contracultura e do Movimento do Hip-Hop para a disseminação destas práticas culturais por todo o mundo, envolvendo debates que dissertam entre o local-global, processo de globalização e trânsito de ideias de maneira transfronteiriças. Para além do debate teórico e histórico destas modalidades de expressar-se no urbano e de elementos que salientam a trajetória destes no Brasil, os discursos midiáticos locais (tomando como base os jornais “A Notícia” e “Notícia do Dia”) e conteúdos presentes em sítios eletrônicos (como perfis de grafiteiros, páginas de coletivos, *blogs*, dentre outros) que abordam a cidade de Joinville, servindo enquanto fontes imprescindíveis para identificar a presença destas escritas na cidade, a relação da cidade para com elas (por meio da narrativa destes materiais) e a atribuição de valores ao grafite e aos grafiteiros (Agride ou Agrada? Agride mas Agrada?), visando perceber a possibilidade de sintonia entre estas novas práticas que surgem e espraiam na cidade e o fluxo migratório interno para o local.

Buscando outros discursos, agora, assim como bem aponta o cientista social brasileiro José Guilherme Cantor Magnani (2002), de perto e de dentro[18], a História Oral será utilizada por meio de seu enquadramento temático para identificar alguns elementos que possam contribuir para (re)montar aspectos da trajetória do grafite para a região de Joinville e a relação e contato destes grafiteiros atuantes na cena local com o Grafite. O uso destas ricas fontes (principalmente da oral) possibilitam aprofundar em discussões pertinentes ao campo histórico/historiográfico da cidade, bem como para a problemática na qual envolve a dissertação, revelando "histórias dentro da história" (ALBERTI, 2008) e outro olhar para a área urbana joinvilense.

Ao longo desta etapa da dissertação e do terceiro capítulo serão mobilizados alguns outros conceitos do campo da antropologia urbana elaborados por Magnani (2002), como o de *pedaço*, *mancha* e *circuito*. A noção de pedaço, por exemplo, pode apresentar semelhanças de referências espaciais

---

[18] MAGNANI (2002) utiliza de dois conceitos para apresentar algumas de suas propostas relacionadas a pesquisas situadas no campo da antropologia urbana, sendo estes a proposta de um "olhar de perto de dentro" onde partiria de arranjos elaborados e estruturados pelos próprios atores sociais em investigação (encontros, identificações, simbolismos, dentre outros) e, por outro lado, o "olhar de fora e de longe" que apresenta pouca relevância à estes atores, não os identificando enquanto participantes da trama urbana (um dos exemplos utilizados é pela visão panorâmica midiática).

e de comunicação própria entre determinados membros do grupo, tendo redes de relações com pares que informa a forma de apropriação particular sobre o espaço urbano e a sua sociabilidade e, principalmente, o reconhecimento destes atores sociais pelo uso de símbolos, hábitos de consumo e modo de vida semelhantes. Segundo o autor "Gangues, bandos, turmas, galeras exibem – nas roupas, nas falas, na postura corporal, nas referências musicais – o pedaço a que pertencem" (MAGNANI, 2002, p. 22), tal análise pode, sobretudo, contribuir para perceber vivências em comum entre grafiteiros e grafiteiras joinvilenses. Por sua vez, o conceito de *mancha* "Diferentemente do que ocorre no pedaço, para onde o indivíduo se dirige em busca dos iguais, que compartilham os mesmos códigos, a mancha cede lugar para cruzamentos não previstos para encontros até certo ponto inesperados para combinatórias mais variadas" (MAGNANI, 2002, p. 23), ou seja, é um espaço onde se movimentam diversas ideias, pessoas e enquanto um ponto físico mais plural. O *circuito* se apresenta enquanto um regime de trocas e encontros em contextos mais amplos e diversificados na cidade, se tornando um rico elemento para entender, por exemplo, o Encontro das Ruas e seus atores e participantes.

Como terceiro capítulo, intitulado "O Encontro das Ruas e o Festival de Dança", foi investigada a criação e

elaboração de um evento paralelo ao Festival de Dança que envolve e viabiliza, socialmente e culturalmente, o Movimento do *Hip-Hop* e o Grafite através dos seus editas de participação e inscrição, bem como os convidados selecionados que estiveram presentes nas amostras de grafitagem. Para o desenvolvimento desta etapa da dissertação se faz mister o uso, sobretudo, da pesquisa em arquivos institucionais do Festival de Dança de Joinville (assim como o conteúdo disponibilizado e presente em seu sítio eletrônico) visando compreender a formulação deste Encontro que envolve arte e dança de cultura urbana, as intencionalidades de criação deste evento e a conjuntura institucional e política para isto, utilizando de seus editais e demais documentos disponíveis para o acesso do pesquisador. Tal procedimento buscou, em suma, entender primeiramente a inserção do Movimento do Hip-Hop e do Grafite em tal festival e a equipe que estrutura(ou) e elaborou critérios para a realização do evento, bem como a mudança que este trouxe/disponibilizou para o cenário do grafite joinvilense.

A mídia local, novamente, por meio de suas reportagens e pequenas exposições sobre ambos os eventos se fizeram enquanto fontes interessantes para perceber os direcionamentos de olhares locais e nacionais para um dos maiores festivais do país, bem como as tensões, narrativas e problemáticas abertas pela integração do Grafite e suas pinturas na área central

joinvilense. Este conjunto de fontes fora instrumentalizada no presente capítulo em conjunto com entrevistas temáticas, com indivíduos que participaram (tanto como organizador e grafiteiro ou como convidado e expectador) destes encontros, contribuindo com este de alguma maneira. Algumas narrativas sobre o evento em si, foram encontradas nos periódicos supracitados (ANoticia e Notícias do Dia) ou em materiais digitais disponíveis em sítios eletrônicos que debateram acerca da temática na cidade de Joinville. Outro material que se fez valioso e passível de investigação foram as atas da Comissão do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Natural de Joinville (COMPHAAN) do ano de 2013, possibilitando identificar alguns dos agentes envolvidos na liberação da grafitagem de 2013, bem como o discurso elaborado para justificar o aval de intervenção no edifício tombado. Tais elementos citados, em cruzamento com as demais fontes elencadas na pesquisa, forneceram compreensões e discussões acerca das permanências e rupturas sobre a presença do Grafite na cidade de Joinville e as múltiplas narrativas emitidas sobre tal manifestação de caráter urbano, artístico e cultural, contribuindo, por sua vez, para o enriquecimento do debate histórico local.

Como última etapa desta dissertação, são apresentadas as conclusões e amarras acerca do trabalho – dividido em três

capítulos - e as suas discussões, visando, sobretudo, explicitar as respostas obtidas nesta pesquisa histórica sobre o grafite na cidade de Joinville, utilizando para a análise o Encontro das Ruas e as movimentações paralelas a este, bem como abrir possibilidades para novas empreitadas de análise e buscas para o campo científico através de questionamentos que não foram passíveis de serem resolvidos em tempo de mestrado.

1. PARA ALÉM DA GERMANIDADE: O FLUXO MIGRATÓRIO PARA JOINVILLE DURANTE O FINAL DO SÉCULO XX

> Até pelo menos a metade da década de 1990, sob o impulso dos fluxos contemporâneos – especialmente os migratórios – e na polifonia - da cidade, havia vozes um pouco desafinadas, mas bastante estridentes que buscavam aclamar e identificar Joinville como cidade alemã. A intencionalidade de tal aclamação contrastava com o olhar estatístico populacional dos órgãos de pesquisa. (COELHO. 2011; 19)

A memória guardada por um viajante em sua primeira visita à cidade catarinense de Joinville pode torna-lo uma presa fácil ao enquadramento estetizado sobre o local, levando-o a concebê-la enquanto "tipicamente Germânica"[19], através de uma história digna das leituras presentes em Contos de Fadas, envolvendo "Príncipes e Princesas", embelezada por flores e construções que remetem aos ares europeus, sem deixar de

---

[19] Em uma discussão que contribui para perceber determinadas semelhanças em cidades catarinenses, sobretudo as que se caracterizam enquanto por uma "essência Germânica" e um passado ligado à imigração destes grupos teutos para a região, Blumenau, como aborda PEREIRA (2014): "Desde os primeiros anos da fundação da Colônia Blumenau no Vale do Itajaí catarinense em meados de 1850, a construção de uma cultura teuta esteve presente no cotidiano imaginário de seus colonizadores imigrantes. Ainda que a Colônia ao longo do tempo tenha recebido fluxos migratórios oriundos de diferentes países do globo, foi a tradição alemã que deixou traços mais marcantes na paisagem sonora bluemenauense do período" (PEREIRA, T. 2014; 21).

lado, sobretudo, a sua grandeza enquanto "Manchester Catarinense"[20] e o seu potencial econômico e habitacional, o que faz dela a "Maior cidade do Estado". Outras alcunhas podem permear o imaginário deste ou desta pessoa, seja pela "Cidade das Bicicletas" ou a "Cidade da Dança", porém, todavia, instigando a este/a forasteiro/a crer em uma localidade hegemônica, ordeira e sem conflitos ou diferenças.

> A cidade de Joinville, assim como outras cidades catarinenses, apresenta uma peculiaridade, constituindo-se em um campo fértil para a produção e reprodução de imagens sedutoras e fascinantes acerca de seu passado histórico. Por um lado, ao celebrar símbolos como flores e príncipes, uma história de belas tradições e de um povo de origem nobre é evocada. Já, por outro, ao trazer para este cenário os caminhos da construção da cidade, tais imagens evidenciam uma história de sangue, suor e lágrimas, remontando ao caráter trabalhador e empreendedor de seus colonizadores para explicar o conquistado progresso econômico. Vários epítetos, decorrentes desse olhar ambivalente sobre o

---

[20] Segundo o geógrafo e pesquisador Marco Aurélio Dias, em sua dissertação de mestrado, "No período de crescente aumento no número de indústrias a partir da década de 1950, Joinville passou a ser conhecida como 'Manchester Catarinense'. O motivo era o fato de possuir inúmeras indústrias e suas pujantes chaminés. Uma alusão à cidade de Manchester na Inglaterra berço da revolução Industrial (...) esse título 'autodesignado' foi cunhado para ratificar a imagem de cidade com 'vocação natural' para o trabalho" (DIAS. 2011), no tempo presente, como será possível notificar ao longo desta discussão, o "orgulho" de Joinville ter esta (e outras) titulações ainda se faz corriqueiro nos mais variados discursos.

> passado, servem ao enaltecimento de sua trajetória histórica como, por exemplo: “Cidade dos Príncipes”, “Cidade das Flores”, “Cidade da Ordem”, “Cidade das Bicicletas”, “Cidade da Dança”, “Cidade do Trabalho”, “Manchester Catarinense”, dentre tantos outros. (MACHADO. 2009; 27)

Conhecer os discursos produzidos sobre a Joinville do tempo presente a partir de luzes do passado se faz, assim como bem disserta e nos alerta em seu trabalho acadêmico o historiador joinvilense Diego Finder Machado (2009), indubitavelmente, mister para se perceber os anseios, os desejos e as narrativas que constroem alguns sentimentos compartilhados por grupos que se identificam com estas perspectivas, a exemplo de elementos que informam, por exemplo, o “ser joinvilense”, o “viver Joinville” e, principalmente” o de se “ver a cidade”. Ao encontro do que dissertado pelo historiador, a antropóloga social colombiana América Larrín (2008), em sua pesquisa voltada ao Festival de Dança de Joinville e as características particulares e políticas da cidade catarinense, intitulada “O ‘negócio’ da arte e da cultura: Para uma antropologia do Festival de Dança de Joinville”, disserta que:

> Não é à toa que Joinville se apresente comoa cidade dos príncipes, das flores, da dança, das bicicletas, a Manchester catarinense... Minha

> impressão é que todos estes adjetivos e complementos ao nome da cidade falam de como, para se definir na frente dos outros (interlocutores ou pares - neste caso outras cidades e municípios, na frente de um todo maior, a nação e o mundo), é necessário demonstrar que há algo de diferente e único que reveste de grandeza e importância a esta cidade e seus habitantes, que no caso, pode se dar em discursos que ressaltam a posse de um tesouro ou patrimônio cultural. (LARRÍN, A. 2008; 24)

Muitos destes aspectos se fazem lastrados ao passado (resgatado) de colonização e fundação da cidade, disseminando uma imagem cristalizada que ultrapassa os seus limites geográficos e toma corpo em outros locais do território nacional através de propagandas e reportagens que fomentam esta figura desbotada e repleta de ranhuras que, de alguma forma, solapa outras possibilidades de experiências históricas.

Dentre algumas produções que circulam na mídia (nas mais diferentes plataformas), a propaganda turística intitulada “TV TAM Nas Nuvens”, sendo esta elaborada pela companhia área TAM AIRLINES (2011), visa apresentar os atrativos da cidade catarinense, seus principais pontos de visitação, seu “exotismo germânico” e a sua arte manifestada pela dança. Na narrativa deste vídeo promocional, a apresentadora elenca alguns dos epítetos joinvilenses já mencionados neste trabalho, como a “Cidade de cultura Alemã”, “Cidade dos Príncipes” e a “Capital da Dança”, remetendo, sobretudo os dois primeiros, à

um passado de migração germânica da segunda metade do século XIX. Para além desta “ressurreição” de um passado heroicizado, atributos do presente se fazem anunciados de forma gloriosa por enquadramentos fotográficos que apresentam alguns pontos turísticos da cidade, principalmente aqueles que, por meio de sua composição arquitetônica, remetem à uma estética “tipicamente germânica”.

Outros vieses turísticos (que se configuram enquanto rótulos) são projetados pela série “JN no Ar” do programa da Rede Globo de Televisão “Jornal Nacional” (2010), onde um dos repórteres e sua equipe viajam por diversas localidades brasileiras apresentando as suas especificidades. Dentre estas viagens, um dos capítulos é destinado à Joinville, onde, por meio de imagens do Moinho de Vento que compõe o pórtico de acesso principal à cidade e uma narração que elucida a “germanidade” presente no local, bem como o caráter trabalhador de seus cidadãos, a partir de cenas compostas por indivíduos uniformizados e andando de bicicleta rumando ao serviço, o programa a apresenta enquanto “Terra de trabalhadores, fundada por imigrantes, a cidade tem orgulho das comidas trazidas pelos Suíços e Alemães”. O grupo seleto de imigrantes que compõem a cidade, ainda na contemporaneidade, se faz de forma bem destacada nesta reportagem.

Outra emissora televisiva, a TV Gazeta com o programa intitulado “Hoje tem” (2011), em um dos seus quadros convida o telespectador para conhecer os belos locais brasileiros, dentre estes a cidade de Joinville fora contemplada. As imagens do programa, intercaladas por *flashs* da coloração da bandeira da Alemanha, realiza uma visão panorâmica da região, ilustrando aspectos arquitetônicos e gastronômicos joinvilense, tendo como intuito frisar a cidade pela sua “germanidade”. A narração (em *off*) salienta sobre a grandeza da cidade, que se faz fruto da colonização alemã, e que, o turista, ao caminhar pelo município encontrará, ainda hoje, a força da Alemanha em suas construções (casas em técnica construtiva enxaimel) e nos costumes locais, tudo bem objetivado com imagens que reafirmam a fala.

Estes exemplos, dentre outros inúmeros produzidos e que circulam as múltiplas esferas de comunicação, anunciam aspectos da a imagem que fora pulverizada e é estruturada e mantida sobre a cidade norte-catarinense, bem como todas estas narrativas turísticas apresentam elementos em comum: germanidade, cultura alemã, imigração germânica, cidade grande, ordeira e desenvolvida. Estas “(...)vozes um pouco desafinadas, mas bastante estridentes que buscavam aclamar e identificar Joinville como cidade alemã” (COELHO. 2011; 19), ainda possuem um forte eco no imaginário sobre a localidade.

Prender-se exclusivamente à estas amarras narrativas midiáticas é lançar-se para apenas uma perspectiva histórica de construção de uma sociedade joinvilense, abrindo mão de seus múltiplos aspectos culturais, das maneiras de se ver, viver e vivenciar a cidade na contemporaneidade, de visitar a memória e o passado local. Mergulhar na historiografia de Joinville se faz um movimento necessário ao historiador ou historiadora que pretende conhece-la no tempo presente, sobretudo na intencionalidade de conhecer aspectos da construção desta identidade que, cotidianamente, é colocada ao lado de tantas outras que circundam e convivem na cidade.

Os movimentos de migração interna para a região nos decênios finais do século XX, por exemplo, se fazem enquanto momentos riquíssimos para se perceber mudanças que contrastam com o discurso hegemônico (produzido) acerca de "germanidade genuína", assim como apresenta ao pesquisador(a) a abertura para outras modalidades de experiênciar e se identificar com Joinville, indo muito além de bicicletas, flores, príncipes, princesas e o preto, vermelho e amarelo das cores da bandeira da Alemanha. Estes fluxos trouxeram consigo, para além de mão de obra e do capital humano, novas ideias, conhecimentos, informações sociabilidades e redes que se interconectam com outros espaços e indivíduos, projetando ainda mais Joinville a inquietações

que transcendem o próprio território nacional e suas fronteiras com os diversos aspectos de um mundo global e globalizado.

> Joinville – como tantas outras cidades contemporâneas – pulsa (n)o tempo presente, marcado por disjunções, superposições e complexidades de fluxos de pessoas, tecnologias, finanças, imagens e informações. Seus paradoxos – visíveis e invisíveis – igualmente pulsam nos sujeitos (moradores da cidade) que vivenciam e promovem entrecruzamentos, mediações e hibridismos, desenrolando jogos entre semelhanças e diferenças. (COELHO. 2011; 30)

A complexidade destes fluxos de pessoas e ideias, experiências e vivências fazem de Joinville, assim como de outras cidades, uma localidade de que necessitou rever e ressignificar alguns de seus aspectos culturais cristalizados, dentre eles, a sua identidade até então homogeneizada.

A primeira parte deste capítulo, irá discutir a formação de uma “germanidade joinvilense” através de debates históricos e historiográficos da região, buscando, sobretudo, perceber as relações sociais com este passado de colonização e as mudanças para com este ao longo do século XX. Em um segundo momento, o foco estará nas mudanças causadas pelo intenso fluxo de migração interna para o local durante a intensificação do processo de industrialização da cidade, nos anos de 1970, 80 e 90, e as contribuições e mudanças presentes

na região, onde, para além da força de trabalho e o capital humano destinado ao setor metal-mecânico em constante expansão, ocorreram mudanças significativas na cidade, tanto na sua infraestrutura urbana (aumento significativo do contigente populacional), assim como nas novas práticas de se relacionar e apropriar-se desta cidade catarinense.

1.1 GERMANIDADE IMAGINADA: UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO

Na busca de conhecer e entender a relação com a imagem de um “espírito tipicamente germânico” e da “germanidade” que algumas camadas da sociedade joinvilense mantêm e sustenta nas mais variadas esferas no tempo presente, se faz necessário realizar um percurso de volta ao passado. Munindo-se da historiografia da cidade e das recentes discussões e pesquisas acerca do projeto de colonização e fundação de Joinville durante a segunda metade do século XIX e o percurso destes no desenrolar do século XX, pode-se perceber que a figura destacada do migrante germânico, que ajudou neste processo de construção e estruturação desta cidade, fora revisitada, proporcionando novas perspectivas sobre esta “consciência hegemônica”.

Tais elementos podem esclarecer ao pesquisador e/ou pesquisadora um cenário destoante ao que por vezes ainda é propagado na atualidade, onde uma história harmônica, repleta de sucessos e empreitadas bem-sucedidas é colocada em alerta, demonstrando as diferentes intemperes enfrentadas por estes imigrantes (de diversas nacionalidades) que buscavam seus objetivos pessoais em território brasileiro, sobretudo na localidade de Santa Catarina. Algumas circunstâncias contribuíram para a atração destes indivíduos.

O contexto econômico do Brasil oitocentista tinha enquanto característica uma econômica voltada ao latifúndio monocultor e a uma sustentação de uma sociedade escravista, que funcionava enquanto engrenagem deste modelo de produção, tendo regiões brasileiras com alta concentração populacional. Segundo a historiadora Sandra P.L de Camargo Guedes:

> Em meados do século XIX, tratava-se de um país governado por um imperador, D. Pedro II, com uma economia essencialmente agrícola, voltada ao mercado externo, onde prevalecia a grande propriedade monocultora de café nas províncias de São Paulo e Rio de Janeiro, de açúcar no Nordeste, de borracha na Amazônia e da pecuária espalhada em várias partes do país, mas principalmente no Rio Grande do Sul. O restante era considerado um imenso ‘vazio populacional’, já que as populações indígenas, que ocupavam todo o território nacional, não

> eram levadas em conta, por não fazerem parte do mundo ‘civilizado’. (GUEDES. 2005; 12)

Sob constantes pressões da coroa inglesa referente ao tráfico de escravos, em 1850 o império brasileiro cede acerca das intervenções britânicas, acarretando diretamente no modo de produção local, fazendo as imensas fazendas de produção agrícola, sobretudo cafeeira, (re)estruturarem-se para manterem as suas vendas. A diminuição de mão-de-obra, anteriormente advinda deste tráfico negreiro, afetou diretamente os latifundiários que careciam contornar esta situação que afetava diretamente a economia nacional, para isto fora adotada (em reflexo do movimento inglês) o uso de capital humano assalariado, atraindo para isto um contingente migratório estrangeiro, de sua maioria europeia (que passava por um longo período de crise – emprego, fome e miséria).

A crise que assolava alguns países europeus e as suas camadas populacionais, em conjunto com os anseios do império brasileiro, assim como o setor latifundiário, em evitar um possível colapso da economia e do sistema que o mantinha, viram nesta possibilidade de trabalho uma maneira de contornar ambos os problemas.

> Os imigrantes que vieram para o Brasil sabiam que uma vida nova somente seria possível em locais onde não houvesse fome, desemprego ou

> guerras, realidade pelas quais passava a maioria dos países europeus na segunda metade do século XIX. Sonhava-se com o paraíso: um local onde se pudesse reproduzir uma nova pátria, sem os problemas políticos e econômicos pelos quais estavam passando naquele momento e onde pudessem preservar a sua cultura (GUEDES. 2005; 18)

Este processo, segundo GUEDES (2005), contribuiu para a formação e povoamento de futuras cidades, principalmente na Província de Santa Catarina, modificando, para além disto, o quadro populacional que, no Império, concentrava-se nas regiões Sudeste e Nordeste. Joinville, como dissertam diversos historiadores e historiadoras da região, se fazia enquanto dote da Princesa Francisca Carolina, irmã do de Dom Pedro II, como presente de casamento com o príncipe francês de Joinville (na França) François Ferdinand Phillipe. Devida a mudança para a terra natal do marido, bem como a necessidade de reestruturarem o patrimônio, o casal desfez-se de partes das posses de terras catarinenses.

O processo migratório para a região fora iniciado, sobretudo com a criação da Sociedade Hamburguesa de Colonização de 1849, que ficaria responsável para implantação de uma colônia (Dona Francisca) na localidade[21]. Em suas

---

[21] Se faz necessário e mister alertar que a região já contava com comunidades nativas organizadas, como os Guarani, Kaigang e Xokleng.

pesquisas ao acervo documental joinvilense (referente ao período), Sandra (2005) disserta que em um contrato estabelecido entre o Império brasileiro e a Sociedade, a última deveria providenciar a infra-estrutura necessária à formação deste núcleo, como hospital, escolas e igrejas, bem como estradas e utensílios fundamentais para uma composição agrícola e rural (ferramentas e sementes), todavia "(...) quando os primeiros imigrantes [alemães, suíços e noruegueses]chegaram à Colônia Dona Francisca, em 9 de março de 1851, quase nada havia sido feito" (GUEDES. 2005; 16), assim como a região se fazia extremamente úmida e com um solo instável devido ao mangue e as chuvas, sendo necessário que estes trabalhadores buscassem localidades mais firmes e produtíveis para cultivar e firmar residência. Para além destes problemas referentes ao solo e a região joinvilense, a historiadora, em sua obra, disserta sobre relatos de doenças e epidemias que os emigrantes passaram. O paraíso idealizado por estes indivíduos fora, aos poucos, se chocando com a realidade vivenciada.

O grupo, para além da sua composição de trabalhadores, também possuía esferas que perpassavam a camada da elite europeia, que, com a junção de dinheiro que

---

Tais grupos entraram em conflito com os imigrantes que se estabeleceram na região.

arrecadaram em terra natal, viram no novo solo a possibilidade de começarem seus negócios para manter o seu *status quo* e estreitando relações com o setor político emergente. A maioria dos emigrantes trazidos pela Sociedade Hamburguesa de Colonização durante o século XIX relataram, por meio de cartas à familiares (estudadas por Sandra P.L. de Camargo Guedes) relatam sérios problemas, principalmente referentes ao medo da morte em decorrência de doenças.

Dentre os diferentes desafios encontrados por estes se fazia de suma importância o afastamento do local de fixação da população longe das margens de rios e locais de risco de enchentes (GUEDES. 2015; 26). A historiadora, em suas investigações acerca do passado joinvilense, se depara com diversas dificuldades destes indivíduos, desde a criação de hospitais, cemitérios, escolas e igrejas (o que se fazia estabelecido em contrato da Sociedade com o Império), bem como o acesso a medicamentos e infraestruturas necessárias para a vida cotidiana da província, como remédios para diminuir dores de doenças e picadas de insetos, aparatos para evitar óbitos e a mortalidade infantil crescente (referente ao parto).

Gyralda Seyferth, ao analisar a dimensão cultural da imigração no século XIX para a região da cidade catarinense de Blumenau e o seu impacto étnico, salienta algumas das

dificuldades encontradas por estes grupos em sua empreitada que podem ser relacionados com o que houvera na colonização em Joinville

> Então, no que consiste, empiricamente, a cultura teuto-brasileira na virada para o século XX, marcada pela configuração da colônia Blumenau nos seus primórdios (com extensão para outras "colônias alemãs" da região)? Cabe, fazer referência à política de colonização voltada para a localização de imigrantes em terras devolutas, um procedimento que não ameaçava os interesses da grande propriedade monocultora. Esse regime de povoamento de áreas de florestas e sem vias de comunicação terrestre – caso das colônias de Blumenau e Brusque – foi idealizado no âmbito do aparelho de Estado sem incluir potenciais colonos brasileiros. Nas primeiras décadas, a maior parte dos imigrantes, e mesmo a segunda geração, teve pouco ou nenhum convívio com a sociedade nacional, e isso teve reflexos na formação comunitária étnica, tanto quanto a ideia mais geral de, naquele lugar, territorializar a nova *Heimat*[22] (na sua associação com o lar). (SEYFERTH. 2011; 51)

Alguns destes problemas perpassaram também a esfera religiosa, onde boa parte dos imigrantes que se assentaram no

---

[22] "Na prática, a ideia de *Heimat*, e seu qualificador, a germanidade, supõe o uso comum da língua alemã, uma característica enfatizada em vários textos e depoimentos, seja de viajantes ocasionais, seja de colonos comuns" (SEYFERTH. 2011; 51).

local possuíam a crença pautada no luteranismo, em contraponto a sociedade católica brasileira.

> Ao que parece, apesar das diferenças religiosas, já se nota a superioridade de algo muito mais importante, ou seja, o fato de todos serem imigrantes e, acima de tudo, alemães. O fortalecimento dessa germanidade, ou *Deutschtum*, deu-se ainda mais intensamente a partir da década de 1870, com a unificação do Estado alemão. (GUEDES. 2005; 34)

A sociedade joinvilense em formação fora se estruturando e, na medida do possível, realizando a "utopia do paraíso além-mar" enfrentando inúmeras intemperes e dificuldades que, sobretudo, não são informadas em camadas da historiografia local, onde são apenas salientadas grandes feitos e conquistas. Longe de realizar uma "ode" aos imigrantes que aqui aportaram, ou salientar o caráter de pioneirismo e o "poder do espírito germânico" que em vários momentos da história de Joinville é elencada a este passado, a professora Sandra Guedes (2005) apresenta dados que compõem o contexto regional na segunda metade do século XIX, a formação de uma sociedade que buscava (re)produzir sonhos em terras novas e buscavam soluções para resolver os problemas encontrados, desmitificando, todavia, o caráter

hegemônico, linear e harmônico que fora durante muito tempo apresentado.

O processo de estabelecimento deste grupo em específico, os germânicos, se faz um elemento extremamente rico para a presente pesquisa, sobretudo para perceber a relação da sociedade joinvilense do tempo presente com este passado estetizado que, como trabalhado anteriormente, se faz diferente do que por vezes narrado. A criação de uma hegemonia germânica e de uma comunidade que fora se desenvolvendo ao longo do final do século XIX pautada em um "espírito" (no sentido da cultura – sem deixar de lado o religioso – que será melhor abordado posteriormente) que os unia nesta nova empreitada em terras brasileiras. Nesse sentido, como bem trabalhado por Gyralda Seyferth, estes grupos étnicos:

> (...) não possuem apenas culturas ou ancestralidade compartilhada, eles elaboram as duas coisas para compor uma ideia de ancestralidade que cerca as definições de grupos ou comunidades, procura mostrar que os rótulos étnicos (ou outras categorias) não estão no vazio, tem uma base real a sustentá-los. (SEYFERTH. 2011; 50)

No capítulo "É proibido ser alemão: é tempo de abrasileirar-se" do livro (organizado por Sandra Guedes) "Histórias de (I)migrantes: O cotidiano de uma cidade" a

historiadora e professora Ilanil Coelho inicia salientando que os migrantes que vieram para a Colônia Dona Francisca neste período oitocentista possuíam em sua mentalidade a ideia de manterem-se alemão em terras novas. Segundo a autora:

> O manter-se alemão seria (...) a referência para a criação dos novos espaços de vivência dos imigrantes e de seus descendentes (...) Expressaria a etnicidade de um grupo social que afirmava num contexto marcado por diferenças e conflitos étnicos. (COELHO. 2005; 161)

A necessidade de firmar-se enquanto grupo, tendo em vista a diversidade de outros grupos imigrantes que circundavam o Brasil e a região sul, passava pelo processo de preservação de uma identidade adquirida no local de partida e, ao mesmo tempo, na negociação com a(s) cultura(s) do local de chegada. Ilanil faz uma trajetória em sua escrita que apresenta ao seu leitor as mudanças da relação nacional (e os seus anseios de hegemonia de uma “identidade brasileira”) com os grupos migrantes que no país aportaram.

No início do século XX, precisamente com a emergência dos valores nacionalistas do Estado Novo, se tem, em 1938, uma política voltada para a nacionalização a partir de leis que visavam “(...) suprimir toda e qualquer atividade política de estrangeiros no Brasil” (COELHO. 2005; 162),

além forçar uma adaptação à sociedade brasileira. Esta posição política adotada por meio da Campanha de Nacionalização atingiu diretamente a região de Santa Catarina, sobretudo os teuto-brasileiros[23]. O caráter de Campanha é muito bem analisado por COELHO (2005), onde a adoção desta se dá pela combinação de esforços do governo e da camada militar, por meio de incisões operacionais.

Tendo em vista a composição do primeiro grupo de imigrantes que chegaram na Colônia, a comunicação entre os membros desta sociedade em crescimento se baseava no idioma alemão, tanto nos jornais que circulavam o local, como nas escolas, cultos e nas demais formas de relações cotidianas existentes na cidade, perdurando tal situação até meados dos anos de 1930 (COELHO; 2005). Tais elementos fomentaram e (re)estruturaram uma nova possibilidade do "sentir-se alemão" dos teuto-brasileiros, onde:

> (...) baseando-se em valores interpretados como genuinamente alemães, esses imigrantes e seus

---

[23] Tiago Pereira (2014) em sua dissertação no campo da Musicologia/Etnomusicologia, discute acerca dos impactos que a Campanha de Nacionalização teve sobre o contexto urbano Blumenau a partir do musicista e imigrante alemão, Heinz Geyer, o que afetou diretamente nas composições desta cidade presente no Vale do Itajaí. Neste aspecto, a campanha estadonovista influenciou e causou mudanças significativas em diversas localidades brasileiras e, no caso de Joinville e Blumenau, por exemplo, em grupos teutos.

> descendentes postularam a sua distinção, consideraram-se membros de uma "comunidade" com qualidades próprias, gestadas no processo de desenvolvimento físico, espiritual e moral do povo alemão.
> Por extensão, a "comunidade" teuto-brasileira é também definidade pela raça, línguam índole, cultura e pelo caráter alemão. Porém há um outro componente presente nessa identidade que distingue os teuto-brasileiros dos alemães. Trata-se da cidadania brasileira, pela qual os membros do grupo étnico também se definem (...) o grupo étnico teuto-brasileiro – enquanto grupo organizado – impõe sua distinção tanto em relação aos alemães, já que são filiados politicamente ao Estado brasileiro, como também em relação aos brasileiros, por pertencerem étnica e culturalmente à comunidade nacional alemã. (COELHO. 2005; 164)

A comunidade que começa a ser estabelecida na cidade de Joinville, por meio de uma distinção das demais, se assemelha ao que versa o cientista político Benedict Anderson acerca do que ele considera enquanto a criação de uma "comunidade imaginada".

> Ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria dos seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (...) Na verdade, qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada. As comunidades se distinguem não por sua

> falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas. (ANDERSON. 2008; 32-33)

Tanto o governo brasileiro da década de 30 buscava hegemonizar e idealizar uma comunidade (aos moldes de Anderson) que experimentava, vivenciava e socializava as mesmas relações de cultura, de idioma e de anseios, as comunidades de emigrantes, como no caso específico de Joinville (e para a presente discussão) dos teuto-brasileiros/germânicos que buscavam estabelecer uma distinção entre a "identidade de origem" com as novas possibilidades identitárias em terras novas, criando um sentimento conciso e compartilhado.

Para além desta situação referente a cultura e identidade, ocorreram diversas mudanças com relação ao modo de produção da região, da constituição de uma área urbana e no crescimento local. A vinda de imigrantes europeus para Santa Catarina (assim como para outras regiões brasileiras) e o processo de uso de mão de obra assalariada, favoreceram para o desenvolvimento de algumas cidades brasileiras, tanto na parte populacional, advinda do fluxo de pessoas, como no

quesito de infraestrutura, conectividade entre as áreas de produção e industrialização[24] do país.

Dentre algumas mudanças na região, se pode citar a construção de algumas estradas, como a "Estrada da Serra"[25], bem como uma estrada de ferro que ligava Joinville e São Francisco do Sul, modificando significativamente a paisagem urbana e a diversificação econômica.

> Foi no palco dessas transformações históricas que emergiu o grupo teuto-brasileiro organizado, portador de uma identidade referenciada pela origem e cultura alemãs, mas também pela cidadania brasileira – seja por nascimento ou pelo direito de solo. Portanto, a identidade teuto-brasileira afirmou-se no confronto e como diferenciação do grupo étnico teuto-brasileiro no conjunto social. (COELHO, 2005; 167)

---

[24] Tanto DIAS (2011) e TERNES (1986) dissertam sobre o potencial industrial que começa a emergir na cidade de Joinville a partir da chegada destes grupos de imigrantes e a implantação e uso de maquinários e investimentos em alguns setores para além do ramo da monocultura agrícola, sobretudo para o desenvolvimento da produção da madeira (por meio de serralherias) e da erva-mate, no final do século XIX. Algumas das indústrias criadas nestes período de formação joinvilense permanecem até o tempo presente, a exemplo da tecelagem Döhler ou a empresa de parafusos Ciser (DIAS. 2011).

[25] A Estrada da Serra possibilitou, todavia, a expansão e agilidade no comércio da Erva-Mate pois "(...) ligava o planalto – região limítrofe com o Paraná: Canoinhas, Campo Alegre, Mafra e São Bento do Sul – a Joinville, a qual possuía rápida e fácil comunicação fluvial com o porto de São Francisco do Sul, imprimiu uma especificidade própria ao processo de industrialização e urbanização de Joinville" (COELHO. 2005; 166).

Segundo a historiadora Ilanil Coelho (2005), estas disputas identitárias foram explicitadas na imprensa brasileiras, onde se era chamada a atenção para intensificação de medidas governamentais capazes de intervirem nestes grupos “estrangeiros” de maneira eficaz, fazendo-os assimilarem a “brasilidade” que o Estado promovia. Tais pensamentos ultrapassaram a esfera dos jornais de circulação da época e tomaram forma nos círculos de convivência das cidades, estabelecendo um choque étnico-cultural com estes indivíduos migrantes na cidade de Joinville, sobretudo após a campanha nacionalizadora do Estado Novo.

A Campanha de Nacionalização em Santa Catarina afetou atuou diretamente no sentido de “germanidade” que se manifestava em diversas localidades do estado, estas intervenções buscavam “(...) suprimir as manifestações que antepusessem à idéia de brasilidade” (COELHO. 2005; 171). Dentre as manobras adotadas pelo Estado brasileiro se deu a tentativa de uniformização do idioma, coibindo as múltiplas línguas presentes no país que não fosse o português.

No levantamento historiográfico realizado por Ilanil, se é salientado que na cidade de Joinville, o programa de nacionalização fora dirigido pela 5.º Região Militar tendo auxílio do 13.º Batalhão de Caçadores, tornando ambos enquanto mecanismos de supervisão e ação do Estado de forma

truculenta (uso da força quando necessário), sobretudo na fiscalização do uso do idioma “não-brasileiro”.

> Até final da década de 1930, o idioma alemão era predominante, tanto na zona rural como na urbana, sendo utilizado no ensino (público e privado), no comércio, nas repartições públicas e, obviamente, no ambiente familiar. Entretanto não se pode deixar de destacar o desenvolvimento do bilinguismo (alemão-português), primeiramente na população urbana, tornando-se mais intenso à medida que a região se integrava economicamente. (COELHO. 2005; 175)

A fiscalização não se restringiu apenas na esfera cotidiana e na vida pública, mas se alastrou para os diversos espaços de socialização da Joinville do início do século XX, onde o receio do uso da língua alemã (muitas vezes o único idioma de conhecimento) se manifestava também no âmbito privado, onde ficavam a mercê de possíveis denúncias e delações. Escolas[26] e Igrejas se faziam locais de intensava supervisão, pois eram espaços com forte presença da língua

---

[26] Maiores discussões acerca das Escolas de grupos germânicos na cidade de Joinville, a exemplo da *Deutsche Schule*, e o ensino na cidade de Joinville, podem ser encontrados na obra “Tempos de educar: os caminhos da história do ensino na rede municipal de Joinville/SC – 1851/2000” organizado e escrito pela historiadora Iara Andrade Costa e a educadora Cláudia Gabardo (COSTA & GABARDO. 2005).

estrangeira[27], para além destes, os jornais locais também passaram pelo crivo da censura nacionalista[28].

Esta patrulha organizada pelas forças militares na região joinvilense provocaram o fechamento de inúmeras escolas teuto-brasileiras, bem como a punição de indivíduos que contrariassem as normas, leis e decretos instituídos pelo Estado nacional. As duas grandes guerras e, sobretudo, o perigo nazista intensificaram a vigilância e potencializaram a "proibição de ser alemão" (frase que, por sinal, compõe o título do texto de Ilanil) no Brasil, criando uma onda, segundo COELHO (2005), que emudeceu a comunidade teuto-brasileira e incentivou as mais diversas formas de denúncia.

Assim como discutido até o presente momento, a situação das comunidades imigrantes europeias na região de Joinville, constituem, indubitavelmente, enquanto grupos que de maneira rica, contribuírem na construção da cidade, em seu desenvolvimento cultural, econômico e político, a conectaram, por meio de estradas e ferrovias, com outras regiões brasileiras.

---

[27] Segundo Marco Aurélio Dias "Para concretizar esse projeto [nacionalista], [o Estado Novo] impediu os imigrantes alemães, italianos e seus descendentes de usarem de língua estrangeira em território brasileiro" (DIAS. 2011), sobretudo com as movimentações da ideologia fascista e nazista que permeava o início do século XX.

[28] "O *Kolonie Zeitung* foi redigido e editado em língua alemã até setembro de 1941, salvo apenas um intervalo de 1917 a 1919, quando o jornal, em função das pressões provocadas pela Primeira Guerra, foi editado em português com o título *Actualidade*" (COELHO. 2005; 176).

Tais elementos, como visto, não ocorreram de forma harmônica e sem percalços, passaram por inúmeras dificuldades, medos e anseios que outros grupos espalhados no território nacional também enfrentaram, sendo perseguidos e também por vezes “abandonados”. As políticas nacionais, como no caso da Campanha de Nacionalização e o Estado Novo, coibiram diversas expressões linguísticas e culturais destes indivíduos, buscando uma “comunidade imaginada” hegemônica.

Os teuto-brasileiros em Joinville resistiram na medida do possível, mantendo os seus costumes e idioma dos seus predecessores por meio de uma socialização restrita em espaços reduzidos, possibilitando, por assim, a disseminação destes costumes a futuras gerações. O “ser alemão” “(...) passou a representar idéias de eficiência, pioneirismo, progresso, disciplina e organização" (COELHO. 2005; 191), estruturando o sentido de “espírito empreendedor” após as políticas nacionalistas (espírito este que permeia o imaginário de muitos indivíduos no tempo presente), fortalecendo assim um sentimento que por muito tempo compôs o cenário da cidade.

Longe de dissertar que não houve contribuição da comunidade germânica (bem como de outros imigrantes e migrantes) e dos teuto-brasileiros na composição atual de

Joinville, ou hierarquizar estas contribuições, a presente etapa do capítulo buscou versar que o sentido de "ser alemão" fora construindo e (re)modelado em diversas momentos e contextos da história política, cultural e social do Brasil, florescendo, assim como leva o nome deste subcapítulo, uma germanidade imaginada (aos moldes da teoria de Benedict Anderson (2008)) onde homens, mulheres e as mais diversas camadas sociais, partilhavam e experienciavam da mesma maneira o cotidiano da cidade e colônia entre a metade do século XIX e início do século XX.

Os decênios finais do século passado e início do novo milênio trouxeram mudanças diretas na sociedade joinvilense (em todos os aspectos), sobretudo lançando-a em conectividade com outras culturas, vivências e experiências, ampliando (para além destes) alguns de seus setores econômicos, as suas indústrias e, principalmente, a relação (trans)nacional[29] de Joinville com outras localidades. A chegada de novos/as

---

[29] A história de Joinville, assim como de outras cidades, possui alguma forma de relação com as mudanças e fluxos (de qualquer esfera – política, cultural e econômica, por exemplo) que ocorrem em diferentes sociedades, criando uma espécie de conectividade (em forma de uma "rede") entre o local e o global. O professor e historiador Bartolomé Yun Casalilla define este viés histórico, a "história transnacional", enquanto "*More than the history of the world as a whole, and indeed more than the history of the process of globalisation, what we are suggesting is a history of the mutual influences between distant áreas and cultures*" (CASALILLA. 2007; 676), ou seja, a possibilidade de interação de múltiplos locais.

(i)migrante causou uma reviravolta nas certezas e nas raízes profundas de Joinville acerca do seu passado em relação do seu presente, forçando-a a rever e negociar algumas de suas identidades[30] e lançar-se ao pluralismo da contemporaneidade globalizada[31]. É sobre isto que será versado no ponto seguinte deste capítulo.

1.2 "GERMANIDADE" ABALADA? AS MUDANÇAS NA CIDADE A PARTIR DO FLUXO DE PESSOAS E IDEIAS DURANTE OS ANOS DE 1970, 80 E 90.

Ao longo do século XX a cidade de Joinville, assim como as mais diversas urbes mundiais, fora projetada à um movimento de intenso fluxo de pessoas, de ideias e identidades, informações, tecnologias e culturas que, direta ou indiretamente, influenciaram o modo de viver, se identificar e relacionar-se com o local de chegada, criando laços que

---

[30] A identidade, ou as múltiplas facetas da identidade, segundo o sociólogo Start Hall (2005) se apresenta de forma plural, mutável e não essencializada (como já fora em tempos pretéritos) no mundo contemporâneo.

[31] O conceito de globalização será trabalhado ao longo deste trabalho aos moldes do pensador contemporâneo Nestor Garcia Canclini (2003), sobretudo pelo sentido apregoado pelo autor enquanto um movimento complexo, com múltiplas conexões, sendo um processo aberto e em constante mudança, relacionando diversas esferas sociais, como a cultura, a política e a economia, bem como os intensos fluxos de ideias, pessoas e informações.

conectavam o lugar de partida e o de chegada. Nesta movimentação contemporânea, a até então “cidade Germânica” começa sentir as mudanças do mundo moderno e a necessidade de, junto a este, (re)modelar-se perante as novidades (não apenas tecnológicas, mas urbanas, econômicas, políticas e sociais) do presente e do futuro.

Alguns(mas) pesquisadores(as) e historiadores(as) joinvilenses buscaram analisar este impacto da migração, mais precisamente a interna, sobretudo no que tange na vida cotidiana da cidade e o seu desenvolvimento. Seguiremos, nesta etapa, as pistas e reflexões abertas por estes e estas investigadores(as) que debruçaram-se sobre a história de Joinville a partir das migrações (principalmente das contemporâneas) e as suas influências culturais, que exerceram, aparentemente, um aspecto cosmopolita sobre esta cidade norte-catarinense, bem como certas cisões e confrontos acerca do caráter étnico de alguns grupos e a germanidade estabelecida na região. Tais procedimentos de análise histórica servirão para munir a presente pesquisa em sua busca de estabelecer relação com algumas das novas práticas urbanas, pulsantes em diversas áreas joinvilense, e a contribuição social, econômica e cultural destes grupos que migraram.

O livro “Pelas tramas de uma cidade migrante”[32] escrito por Ilanil Coelho em 2011 objetivando, através de seus três capítulos e um arremate final, explicar Joinville enquanto lugar praticado por joinvilenses e (i)migrantes a partir dos processos de apropriação do urbano, buscando compreender as operações identitárias (no caso da pesquisa algumas festas étnicas), as (re)interpretações de pertença, a espetacularização do passado, a mercantilização e hierarquização da(s) cultura(s) que, todavia, acabam fortalecendo e mantendo velhos discursos. A autora, na introdução da obra, apresenta algumas de suas problemáticas investigativas

> Nesse processo de trama, entrelace e invenção foi possível ainda problematizar as operações e as transformações que fissuraram a representação univocamente alemã de Joinville e conspiraram contra ela a partir da metade da década de 1990. É nesse momento que começam a ganhar eco representações da cidade como “palco da diversidade étnica e cultural”. Como e quais discursos e práticas atribuíam sentidos a essa mudança? Quais termos e interpretações promoviam o reconhecimento e a proclamação dessa diversidade? Quais as invenções urbanas que atravessavam a cidade, quer na materialidade de suas formas, quer nas marcas de suas

[32] O livro é concebido a partir da tese de doutoramento (com o mesmo título da obra) da professora e pesquisadora Ilanil Coelho na linha de História Cultural da Universidade de Santa Catarina sob orientação do Dr. Prof. João Klug.

> sociabilidades, quer nos sentimentos de pertencimento em relação a ela?
> A análise procura, assim, abordar e discutir a cidade menos como formação de aglomerado humano e mais como território por onde se entrelaçam experiências e narrativas de tempos cruzados e espaços diversos. (COELHO. 2011; 20)

Estas perspectivas adotadas por ela se fazem ricas empreitadas para compreender as mudanças de aspectos cotidianos em uma cidade "tipicamente germânica", sobretudo com o intenso fluxo de pessoas e ideias a partir dos decênios finais do século passado. Vale realizar, para este momento da pesquisa, um aprofundamento nas partes da obra da autora, sobretudo em suas discussões e diálogos teóricos, históricos e historiográficos, bem como no uso metodológico de ferramentas e fontes para abordar a temática.

O primeiro capítulo de seu livro, "Diversidade como espetáculo: Joinville numa vitrine viva e estilhaçada", tem como objeto de análise algumas das festas realizadas na cidade, onde COELHO (2011) percebe representações pulsantes na Joinville do tempo presente a partir do passado e as suas memórias que se manifestam de forma instrumentalizadas. Uma das festas abordadas neste capítulo é a "Festa das

Tradições”[33], evento este detentor de um caráter étnico que fora organizado pelo poder público, onde se apresentavam (como um espetáculo - segundo a autora) fragmentos materiais e simbólicos referentes às identidades destes grupos[34] (étnicos) que compõem o cenário cultural joinvilense, onde se (...) havia uma forte intenção de apresentar a festa como uma vitrine, como uma espécie de museu festivo (...) num espaço definido, o Megacentro Wittich Freitag, situado no Complexo Expoville, próximo ao pórtico oficial de entrada da cidade. (COELHO. 2011; 27)

Nesta empreitada investigativa a autora busca observar as razões para a realização da festividade, a visibilidade da diversidade cultural, as tensões e disputas, os elementos que não narram uma Joinville única e homogênea, mas que dizem

---

[33] Outras festividades, como a “Festa do Arroz” e a “Festa da Polenta”, são analisadas no capítulo e, assim como a das Tradições, a historiadora utiliza de falas autorizadas de lideranças étnicas, bem como fontes iconográficas, bibliográficas, periódicos impressos e fontes orais.

[34] Ao longo do primeiro capítulo, Ilanil Coelho (2011) apresenta ao seu leitor e leitora as tendas referentes a cada grupo étnico que integrava a “Festa das Tradições” de Joinville. O “passeio” pelos *stands* se dá pela narrativa da autora em seu caminhar (munida de um bloco de notas) e sua observação de cada espaço destinado a estes países que compunham a feira, sendo iniciado pelos italianos, depois os alemães, por terceiro os africanos (onde era remitido enquanto “África” – o continente), açores, por sequência os suíços e, por último, os árabes. A autora realiza, ao longo da sua escrita, relatos de suas conversas com as lideranças dos grupos étnicos que faziam parte do evento, os aspectos estéticos das tendas, a disposição dos espaços e os elementos apresentados nas amostras.

muito sobre uma Joinville transformada pelo impulso da imigração. Tais apontamentos evidenciam a presença, sobretudo após a segunda metade do século passado, de múltiplas culturas e experiências presentes na região e que vão, assim como vem sido maturado ao longo do presente trabalho, na contramão de um sentido único e homogêneo de se viver, de se identificar e relacionar com esta cidade em análise, o que vai muito além de uma via "essencialmente germânica".

> Joinville – como tantas outras cidade contemporâneas – pulsa (n)o tempo presente, marcado por disjunções, superposições e complexidades de fluxos de pessoas, tecnologias, finanças, imagens e informações. Seus paradoxos – visíveis e invisíveis – igualmente pulsam nos sujeitos (moradores da cidade) que vivenciam e promovem entrecruzamentos, mediações e hibridismos, desenrolando jogos entre semelhanças e diferenças. A festa das Tradições seria, então, um entre outros tantos indícios que subsidiariam a minha problematização sobre a cidade contemporânea e as percepções sobre os processos migratórios. (COELHO. 2011; 30)

A discussão da autora, que se inicia sobretudo a partir da década de 1980[35], nos possibilita observar um cenário

---

[35] Na década de 1980, em Joinville, houveram diversas transformações econômicas, sociais e culturais, a exemplo da restruturação do setor industrial, a busca por emprego industrial e a incorporação de novas tecnologias, afetando diretamente as dimensões da vida urbana,

“cosmopolita” não tão “linear” e “harmonioso” no qual é apresentado na “Festa das Tradições” e muito menos receptivo com estes grupos étnicos e com os demais (i)migrantes. Tanto Ilanil Coelho (2011), quanto Marco Aurélio Dias (2011) citam o papel dos imigrantes para a potencialização do desenvolvimento industrial da região, salientando que a economia brasileira, pós-Segunda Guerra Mundial (posterior a 1945), fora beneficiada com a exportação[36] que, por consequência, fomentou as indústrias nacionais, tendo influências também na região Sul do país, como nas cidades de Joinville e Blumenau (DIAS. 2011).

Neste cenário de expansão e estruturação das indústrias e de um processo de desenvolvimento destas se careceu, sobretudo, de mão de obra para atuar em diversos setores abertos por estas, necessitando de um capital humano tanto

---

desdobrando-se para deslocamentos humanos para a cidade e, sobretudo, multifacetados relacionamentos sociais no espaço da urbe (consumos, lazeres, aproximações, estranhamentos, dentre outros).

[36] Durante a década de 1980 a exportação para o exterior se apresentou como o mais importante mercado consumidor para as empresas joinvilenses, sobretudo para o setor metal-mecânico. Nos anos de 1990 as empresas locais (“internacionalizadas) buscaram novas tecnologias e mão de obra barata e/ou qualificada, sendo desdobrado em um cenário com alto índice de demissões e baixa contratação, advindo de um processo de automatização da produção. Entre 1980 e 2000 se teve o aumento de 63,89% do produto interno bruto municipal e um crescimento demográfico continuo, porém com baixo acesso a empregos, se apresentando enquanto um efeito da globalização (COELHO. 2011; 70-71)

qualificado quanto sem experiência, sendo tal iniciativa realizada no decorrer da década de 1970.

> Mesmo com todo o desenvolvimento ocorrido no setor terciário da economia joinvilense, foi a industrialização, que segundo Ternes (1986:137) e Rocha (1997: 23) nasceu, não somente da acumulação de capital adquirido no ciclo da erva-mate e exploração de madeira, mas também pela qualificação do imigrante que chegou a Joinville, como já visto nos capítulos anteriores, o principal agente modificador da estrutura sócio-econômica do município. A alteração na base econômica, de colônia agrícola para cidade industrial ocorrida no início do século XX, caracterizou o início dessa transformação. A agricultura, pouco produtiva, passa dar lugar a indústria geradora de empregos e renda para a população e para os empresários, antigos artesãos. Aos poucos agricultores tornaram-se operários e camponeses transformaram-se em citadinos. (DIAS. 2011)

As transformações econômicas, sociais e culturais da década de 80 em Joinville, são realizadas por intermédio da reestruturação do setor industrial, assim como bem salientado por Marco Aurélio Dias (2011), a partir de seus empregos, da vinda de um grupo diversificado de migrantes internos e a implantação de novas tecnologias destinadas a este setor. Para além desta esfera houve influência direta em sua vida urbana, principalmente pela implantação de projetos políticos e empresariais destinados à expansão do setor de serviços que

crescia (não apenas na região) e também pelos novos deslocamentos humanos para a cidade. Com este movimento de “atração” e busca de indivíduos para as linhas de produções indústrias, a cidade se torna, durante os anos de 1980, a localidade mais populosa de Santa Catarina, principalmente através da vinda e o estabelecimento destes migrantes de várias regiões brasileira (deslocando-se sozinhos ou acompanhados de seus familiares), tendo com maior intensidade as regiões do Paraná, de São Paulo e do Rio Grande do Sul, acarretando em uma grande mudança na infraestrutura urbana.

Segundo a autora estas modificações instigaram novas modalidades de hábitos de consumo e lazer, introduzindo diversificados processos de localizar-se na cidade, bem como encontros e desencontros que ocasionaram intolerâncias e estranhamentos (COELHO. 2011). Esta inquietação e estranhamento, aparentemente, demonstram as transformações e fissuras que a “homogeneidade” alemã presente em Joinville sofrera, lançando-a às múltiplas experimentações e apropriações possíveis dos espaços da cidade. Segundo Coelho, é neste momento que se começa a ganhar eco a representação de Joinville enquanto um palco da diversidade étnica e cultural. Tal fenômeno não se faz enquanto uma exclusividade joinvilense, outras cidades catarinenses passaram por processos de expansão/urbanização/industrialização semelhantes, onde as

suas “identidades consolidadas” tiveram um choque com outras práticas e experiências urbanas, neste sentido, Florianópolis, por exemplo, teve um impacto interessante com a onda modernizante e pelos novos fluxos migratórios internos como aborda Márcia Fantin em “Cidades Divididas” (2000).

> Esse fluxo modernizante acelerou mudanças não só no modelo de cidade e no traçado urbano mas, essencialmente, no modo de vida dos antigos moradores e no perfil da sua população atual (...) A cidade “pacata” cedeu lugar a uma cidade “grande”, “agitada” e “modernizada”, que passou a ser conhecida nos anos 90 como “Capital turística do Mercosul”. A cidade vive outro ritmo (...) continua crescendo e atraindo um grande número de novos moradores, muitos deles vindos das grandes cidades. Este fluxo migratório com origem na evasão dos grandes centros urbanos tem se intensificado no Brasil e é significativo o número de pessoas que não suportam mais viver nas metrópoles e buscam alternativas de vida mais tranquila em outras cidades. Um dos caminhos preferidos tem sido as chamadas “cidades médias” [como Joinville na época]. (FANTIN, M. 2000; 16)

Estes desconfortos foram repercutidos nas mídias locais joinvilense (assim como nas constatações da obra de Márcia Fantin), apresentando um discurso que expunham estes

indivíduos, migrantes internos, enquanto "indesejáveis"[37] (tendo em vista que na década de 1970 se apresentavam enquanto "desejáveis") e "desordeiros" perante a "cultura local – germânica".

> Pelos jornais, é possível verificar incômodos e desconfortos, tanto por parte das lideranças políticas quanto empresariais, perante as perturbações causadas pela então denominada 'questão do migrante', sob a qual a cidade alemã teria se transformado numa 'cidade imã que atrai os forasteiros', 'cidade gorda', 'pesadona' e 'triste'.
> (...)
> Em 1989, no aniversário de Joinville, o jornal A Notícia publicou várias opiniões acerca do tema que mais importunava o poder público. Os migrantes já seriam 2/3 da população, e aos problemas de toda ordem decorrentes dessa presença urgiam situações imediatas. (COELHO, 2011; 64)

A população passou, segundo os dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

---

[37] Ilanil Coelho (2011) faz, ao longo de sua obra, uma discussão da mudança de percepção de moradores (nascidos) na cidade acerca do migrante interno que se estabelece em Joinville entre os decênios finais do século XX (anos 70, 80 e 90). Os migrantes considerados "desejáveis" eram aqueles que possuíam, na década de 1980, uma formação e um conhecimento especializado capaz de enriquecer e fomentar o setor industrial local, a exemplo de engenheiros, arquitetos, empresários, dentre outros. Por outro lado, os indivíduos "indesejáveis" se caracterizavam por aqueles que, sem uma mão de obra qualificada, se arriscavam no deslocamento para a região joinvilense em busca de trabalho e mudança de vida, sendo estes dois elementos muitas vezes incertos.

(IBGE) – entre a década de 70 e 80 – disponibilizados pela autora (2011), de 126.559 habitantes para 235.812, onde 48% destes não eram naturais da cidade. O interesse estratégico de determinadas camadas joinvilenses na imigração - a partir do viés da mão de obra e do capital humano - faz emergir as pertinentes discussões do sociólogo argelino Abdelmalek Sayad em seu capítulo “O que é um imigrante?” (1998).

Por meio de exemplos, o autor traça características do que é a migração, como se constitui, quem são os migrantes (imigrantes e emigrantes), a partir de uma provocação que, segundo Sayad, se faz de uma dupla contradição: Seria o imigrante e a migração um estado provisório indefinido ou um estado definitivo que passa o sentimento de provisório? As indagações e as reflexões do sociólogo são direcionadas aos povos argelinos na França, porém seu diálogo (interesse local x migração x condições, leis e direitos do/a migrante) se faz extremamente rico para ampliar o leque de investigação sobre a Joinville do final do século passado.

A expansão econômica, nesta perspectiva, é a principal consumidora da imigração em sua busca de mão-de-obra, produzindo uma “ilusão coletiva”, onde o/a imigrante é visto como uma força de trabalho provisória, temporária, que está em trânsito e só é aceito e autorizado a ficar se estiver sujeito e atrelado a um trabalho, sendo esta, segundo SAYAD (1998),

uma condição que acaba por subordinar o sujeito. Nesta perspectivam tanto o sociólogo, quando a historiadora, aparentemente percebem, munidos pelos discursos erigidos por indivíduos circundantes dos locais de estudos (políticos, conservadores e empresários, por exemplo), os migrantes acabam por se tornar um problema social grave. Segundo Abdelmalek:

> Mas, a despeito de todas as resistências (culturais) que a sociedade argelina podia opor à extensão (geográfica e social) do fenômeno, essa imigração iria evoluir e tender para uma imigração de povoamento, confirmando assim a regra quase geral de todos os movimentos migratórios: toda imigração de trabalho contém em germe a imigração de povoamento que a prolongará; inversamente, pode-se dizer que não há imigração reconhecida como de povoamento (com exceção talvez dos deslocamentos de populações que a colonização requer ou ainda dos movimentos de populações consecutivos ao estado de guerra ou aos remanejamentos de fronteiras) que não tenha começado com uma imigração de trabalho. (SAYAD. A. 1998)

Assim como em Joinville os migrantes deslocaram-se, inicialmente em busca de emprego em forma de uma “resposta” às propagandas de procura de mão de obra ao setor industrial que se projetava e ampliava na cidade, porém, por

conseguinte, acabaram por se estabilizar e, em forma de uma rede[38], trouxeram seus núcleos familiares.

A cidade, neste momento de expansão populacional e urbana, careceu de estratégias para acomodar os novos habitantes. Alguns investimentos em infraestrutura foram realizados - sobretudo devido a ocupação de regiões periféricas da cidade[39] - bem como a realização de estratégias de desenvolvimento urbano, a exemplo da criação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville (IPPUJ) no ano de 1991 e de alguns bairros[40]. Estes locais que se faziam

---

[38] A antropóloga, professora e doutora Gláucia de Oliveira Assis disserta que a teoria de rede, ou redes-sociais, se apresenta enquanto uma abordagem alternativa ao estruturalismo neoclássico, onde papel destas se apresentariam enquanto uma resistência às pressões macroestruturais, e determinariam as migrações dos indivíduos (quem deve (i)migrar) onde "Esses laços unem migrantes e não-migrantes em uma rede complexa de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidas por um conjunto informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos" (ASSIS. 2007. 752). Tais apontamentos não excluem a existências conflitos e tensões dentro das redes.

[39] "Conforme nos relatou o ex-prefeito Marco Antonio Tebaldi, diante das perturbações advindas das transformações decorrentes do crescimento do movimento migratório em direção à cidade, a partir de 1986 o poder municipal deu início a um projeto que visava intervir diretamente sobre as ocupações das regiões periféricas, sobretudo às margens dos manguezais" (COELHO. 2011; 66).

[40] O bairro joinvilense Guanabara, por exemplo, fora criado sob a Lei nº 1.526 de 1977, onde a concentração populacional fora advinda sobretudo pelo forte movimento migratório a partir da década de 60, possuindo caminhos improvisados que não obedeciam ao planejamento urbano, não possuindo escolas e comércios no bairro. A localidade do bairro se faz próxima de mangues, o que, em suma, dificulta(ou) o uso do solo para a

impróprios para a habitação, são, assim como salienta SAYAD (1998) um esforço mínimo que atua enquanto um alívio às preocupações morais dos indivíduos/grupos/setores que utilizaram da mão de obra dos migrantes.

Muitos dos migrantes e das famílias migrantes que se movimentaram para Joinville foram alocadas em espaços inapropriados para a moradia onde careceu, para além da construção de novos bairros (como salientado anteriormente), da mobilização destes grupos (com apoio de setores governamentais) em criarem condições mínimas para alocarem estes novos moradores em áreas de mangue. Segundo Marco Aurélio Dias em suas pesquisas:

> As condições de moradia e saúde nessas áreas eram precárias. Com suas Casas construídas dentro do manguezal as famílias que ocuparam o local viviam em "condição da maré". As casas eram palafitas, para chegar a elas os moradores construíam passarelas e trapiches. Água e luz eram distribuídas através de "rabichos". Todos os dejetos das residências eram jogados ao redor delas, e para piorar, muitas crianças, na ausência dos pais (ou não), brincavam dentro do manguezal" (DIAS. M. 2011)

---

agricultura. (FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE JOINVILLE. [s.d.]; 113)

Nesta perspectiva, tendo em vista este detalhamento do autor acerca das condições precárias e insalubres encontradas por diversas famílias migrantes, pode se perceber que os investimentos da cidade tanto no setor industrial, quanto em propagandas que visavam encontrar mão-de-obra para trabalharem neste setor em crescimento, não acompanhavam, todavia, uma infraestrutura urbana de qualidade à estes trabalhadores e trabalhadoras que buscavam (e arriscavam) uma nova vida em um local, até então, desconhecido. Este cenário, que fora se construindo a partir da ocupação de localidades periféricas ou com a presença de "forasteiros" em manguezais, direcionou um novo olhar para estes indivíduos que adentravam e, cotidianamente, participavam da vida urbana joinvilense, onde os "velhos moradores" teciam julgamentos sobre a possível "desordem" que Joinville se encontrava no momento, tanto pelas mudanças no cenário da urbe, como pelas novas práticas culturais e sociais que emergiam no local. Neste sentido, Joinville, se tornava:

> Uma cidade que exigia tal controle por certo era incontrolavelmente apropriada pelos seus moradores. O tom de indignação explicitado pelos jornais denuncia, a contrapelo, práticas desviantes, criações anônimas, maneiras de fazer indesejadas, mas ao mesmo tempo carregadas por uma inventividade imprevisível por parte daqueles que genericamente eram

> categorizados como migrantes ou forasteiros. (COELHO. I. 2011; 72)

Os discursos de caráter preconceituosos, xenofóbicos e elitistas acabaram sendo dirigidos aos mais variados migrantes que circundam Joinville e que estabeleciam algum tipo de vínculo com o local. Segundo a historiadora, durante os anos finais de 1980 e início de 1990 o sentimento de tradição germânica (nutrido a partir do processo de colonização até o momento) agonizava, sobretudo pela quebra da familiaridade no cenário urbano a partir das novas movimentações internas contemporâneas e da manifestação cultural de outros grupos étnicos presentes na cidade.

> O caráter incomodativo das festividades dessas novas tradições urbanas não se revela, entretanto, pelo fato de elas emergirem como tradições, isto é, como repertório de verdades para os comportamentos sociais, mas por representarem simbolicamente a perda da hegemonia da tradição germânica como emblema unívoco tradicional – sempre recorrido – para dar sentido ao passado e ao presente da cidade. Assim, penso que a constatação e o reconhecimento da diversidade cultural joinvilense se constituíram como processo que antagonizou sujeitos sociais, vivências e relações de estranhamento num contexto marcado por intensos fluxos que colocaram a nu o que não era e o que não poderia mais ser considerado familiar. (COELHO, I. 2011)

Neste sentido, a hegemonia da “essência” germânica se apresentava abalada e, sobretudo, extrapolada, apresentando uma das múltiplas facetas da globalização e do processo de (i)migração (interna ou externa) contemporânea e a suas influências sobre o câmbio de identidades e culturas. Assim como nos instigar a refletir Canclini acerca deste ponto:

> Tampouco a língua nem a comida constituíam marca identitárias que nos inscrevessem rigidamente em uma única nacionalidade. Ambos extraímos de vários repertórios hábitos e pensamentos, marcas heterogêneas de identidade, que nos permitiam desempenhar papéis diversos e até fora de contexto.
> Pareceu-me evidente que já não é possível entender esses paradoxos por meio de uma antropologia para a qual o objeto de estudo são as culturas, locais, tradicionais e estáveis. E que, portanto, o futuro dos antropólogos (e de outros cientistas sociais) depende de reassumirmos essa outra parte da disciplina que nos treinou a examinar a alteridade e a interculturalidade, as tensões entre o local e o global. (CANCLINI. 2003; 56)

Os (i)migrantes, neste jogo de relações sociais e culturais, se apresentam para a camada conservadora joinvilense enquanto “Desviantes, iludidos, sub-raça, perigosos e violentos. Como invasores de espaços e lugares (físicos e simbólicos), os migrantes parecem pôr em risco o futuro e o ‘passado presente’ da cidade” (COELHO. 2011; 177). Em uma

discussão semelhante sobre a disputa territorial e simbólica da cidade Florianópolis (Santa Catarina) entre “nativos” e os “de fora”, Márcia Fantin aborda que:

> Na ótima desses “nativos”, os de “fora” que “roubam” espaço de trabalho e disputam no campo da arte, da cultura. Até mesmo no espaço político cresce o número de vereadores, deputados, secretários e prefeitos e também o número de eleitores que são “de fora”. Cresce o número de investimentos turísticos, de pousadas, de hotéis, lojas, bares, boates – que deram certo – que pertencem aos “de fora”. Cresce também o número de artistas e escritores que moram na cidade e escolhem a cultura ilhoa como fonte criadora do seu trabalho, ganhando muitas vezes projeção maior do que artistas e produtores locais (...) Ao meu ver são essas múltiplas experiências urbanas – de desenraizamento, de apropriação, de perda – que produzem também diferentes percepções da cidade, que estão no cerne da relação entre “nativos” *versus* “estrangeiros”. Nutrindo e acirrando o conflito entre os “autênticos” ilhéus e os chamados “invasores”. (FANTIN, M.; 45-46).

Estas presenças “inoportunas” aparentemente fizeram que Joinville tivesse uma mudança em seus planos de presente e futuro, neste sentido poderíamos realizar um esforço intelectual e reflexivo e aproximar este pensamento de relação do tempo histórico com a teoria proposta por Reinhart Koselleck (2006) acerca do “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativa”. Ambos os conceitos se destinam

enquanto categorias históricas que, segundo o historiador, entrelaçam passado e futuro, sendo, sobretudo, a primeira categorização ligada a experiência e a segunda com a expectativa. Tais apontamentos não transformam estas duas possibilidades de investigação do tempo histórico em estanque, mas sim modificável no decorrer do transcurso do tempo. Reinhart salienta que:

> A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias.
> Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser prevista. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem. (KOSELLECK. 2006; 309-310)

A experiência e o sentimento de “cidade germânica”, “germanidade”, de “progresso” fora passada ao longo da constituição cultural, social, econômica e política de Joinville,

tanto através de indivíduos do(s) grupo(s) de imigrantes que chegaram na cidade na segunda metade do século XIX, bem como pelos seus descendentes teuto-brasileiros que, a partir desta identidade ancestral, se fizeram diferenciar dos demais coletivos étnicos, inclusive a nacional. Nesta linha de raciocínio pode-se conceber que a expectativa de desenvolvimento da localidade, de seu povo, de seus comércios, indústrias e demais elementos que compõem a região joinvilense seguiram e manteriam este sentido de progresso e hegemonia aberto pelos germânicos no passado, projetando um futuro estruturado tão glorioso quanto o de seus antepassados.

Marcada por “esperança”, assim como pelo “medo”, o horizonte de expectativa dos grupos dominantes e de descendentes de alemães das camadas populares locais, fora abalado, sobretudo com o movimento de migração interna fortemente potencializado pós-década de 60 na cidade, assim como pelas novas maneiras de se apropriar de Joinville, se identificar, se socializar, proporcionando novos encontros, desencontros e tramas urbanas. As certezas de uma projeção de futuro idealizado pelo presente, a partir de um passado vivido e transmitido, na contemporaneidade, se apresentam de forma abalada, sobretudo devida a constante aceleração de nosso tempo recente, onde “(...) a diferença entre experiência e

expectativa é sempre superada, e de forma cada vez mais rápida (...)" (KOSELLECK. 2006; 322). O "superar" pode ser entendido enquanto a abertura para novos tempos históricos a partir de suas múltiplas estruturas[41] em mudança.

Neste cenário de "esperança e medo" que marca as expectativas de Joinville e os fluxo contemporâneos de imigração internas, a germanidade agoniza (assim como salienta Ilanil Coelho em sua obra), possuindo uma voz estridente que ecoa ao longo da temporalidade da história joinvilense e luta para manter-se em um palco que se apresenta enquanto multicultural e globalizado, com diferentes relações locais, globais e transnacionais – culturais, econômicas, políticas e sociais, por exemplo – necessitando articular-se com as experiências trazidas por estes grupos que se estabeleceram na cidade.

Partimos deste ponto, onde a cidade se modifica ao longo do século XX sob múltiplas influências, para investigarmos alguns dos elementos que vieram no bojo destes

---

[41] As estruturas, para o historiador alemão, não se revelam, necessariamente, por meio de sucessões de eventos passados, mas por cenários que se modificam lentamente em um longo período de duração, onde "(...) todas têm em comum o fato de que suas constantes temporais ultrapassam o campo de experiência cronologicamente registrável dos indivíduos envolvidos em um evento (...)" (KOSELLECK. 2006; 136), ou seja, são contextos estruturais que se tornam supraindividuais, extrapolando o tempo vivido do evento, tornando-se um constante processo.

fluxos de pessoas, ideias, informações e tecnologias - fenômeno este que influenciou diversos espaços e cidades brasileiras -, sobretudo a introdução de manifestações culturais e artísticas urbanas, o Grafite e a Pichação, a relação destas apropriações com a imigração interna para Joinville e os discursos locais produzidos sobre estas novas práticas de identificação e apropriação recente.

2. “AGRIDE OU AGRADA”? A PRESENÇA DO GRAFITE NA CIDADE DE JOINVILLE

> Pichadores e grafiteiros, ao ocuparem os espaços sacralizados pela cultura, estão transgredindo as convenções e colocando em crise os aparatos da cultura. Ambas, como linguagens de transgressão, são movimentos de contracultura e têm seu processo centrado no ritual de risco, pois violam as expectativas da cultura que pré-determina, num texto como o da cidade, como e quando o seu espaço e tempo podem ser utilizados. Tanto é assim que, escrever, desenhar ou colocar cartazes, em qualquer espaço ou por qualquer indivíduo ou grupo, só é permitido com licença prévia do departamento de urbanismo da prefeitura. Qualquer violação a essas regras que compõem o contexto da cidade, põe seu praticante em estado de alerta e risco, pois este passa a estar sujeito a multas e até cadeia. Por isto, grafiteiros ou pichadores, ao se apropriarem desses espaços, sem autorização prévia, suportam uma carga emocional muito grande. (RAMOS. 1994; 44)

A possível memória guardada por um viajante em sua primeira visita à cidade catarinense de Joinville pode torna-lo uma presa fácil ao enquadramento estetizado sobre o local, levando-o a concebê-la enquanto “tipicamente Germânica”, através de uma história digna das leituras presentes em Contos de Fadas, envolvendo “Príncipes e Princesas”, embelezada por flores e construções que remetem aos ares europeus, sem deixar de lado, sobretudo, a sua grandeza enquanto

“Manchester Catarinense” e o seu potencial econômico e habitacional, o que faz dela a “Maior cidade do Estado”. Outras alcunhas podem permear o imaginário deste ou desta pessoa, seja pela “Cidade das Bicicletas” ou a “Cidade da Dança”, porém, todavia, instigando a este/a forasteiro/a crer em uma localidade hegemônica, ordeira e sem conflitos ou diferenças.

Basta uma caminhada mais demorada por Joinville para que se encontre diversos aspectos urbanos que não são narrados em propagandas, portais de notícias ou panfletos de agências de viagens sobre a localidade, desde os problemas com a infraestrutura urbana (buracos, ausência de calçadas, falta de saneamento em regiões periféricas, dentre outras) até as marcas presentes em diversas paredes, fachadas e muros - fruto de uma cartografia das ruas - proporcionada por uma mistura de expressão artística e apropriação territorial, como o Grafite e a Pichação (ver Figura 2).

Figura 2 - Grafite e Pichação em Joinville[42].

Fonte: Elaborada pelo autor (2014)

Esta cidade "não narrada/apresentada" não deve ser entendida enquanto contraponto à primeira Joinville

[42] O grafite realizado por Igor "Gôri", representa um jacaré (nomeado de "Fritz" que vive nas proximidades de um dos principais rios que corta a cidade de Joinville (Rio Cachoeira). Devido a poluição – advinda do despejo indevido de dejetos e de resíduos de empresas próximas – a região exala fortes odores (dependendo do nível da maré) e, de cartão postal da cidade, acabou por se tornar um ponto crítico (devido a alagamentos e sujeiras). Uma das críticas presentes na fotografia (e no Grafite) se dá pela coexistência de alguns animais presentes no rio com a poluição crescente do local.

apresentada anteriormente (com seus diversos epítetos), muito menos em um jogo de escala hierárquica com dois polos – bom e ruim ou belo e feio – mas sim compreendidas enquanto as múltiplas faces e aspectos que uma cidade contemporânea pode apresentar, onde diversas maneiras de ver, viver e relacionar-se nela são lançadas cotidianamente e de maneira que coexistam em um mesmo espaço. Sobretudo, mesmo neste primeiro momento onde se tem em vista a complexidade de uma cidade do tempo presente, não se deve enganar que os discursos produzidos sobre e pela urbe não são carregados de intencionalidades, não fazendo de Joinville uma exceção.

Como visto no primeiro capítulo do presente trabalho a cidade de Joinville passou por diversos processos de reformulação de sua imagem e fora lançada, no século passado, à uma conexão para além do seu território físico e geográfico, fazendo emergir novas maneiras de praticá-la, principalmente pelo alto fluxo de pessoas e ideias que circularam ou se estabeleceram na região (migrantes de diversas regiões brasileiras) durante este período e que, todavia, se estendem aos dias atuais. Assim como previamente citado, o Grafite – assim como a pichação – se faz enquanto um dos elementos pertencentes à esta movimentação migratória ocorrida em Joinville e nas mais diversas cidades do país e do mundo, criando uma “nova possibilidade de Joinville”, ou seja, uma

nova forma de viver este local – tanto de maneira permissiva como subversiva.

O segundo capítulo do trabalho se faz, primeiramente, destinado à apresentar as semelhanças e diferenças da grafitagem e da pichação, elencando alguns de seus pilares de base (surgimento no Movimento do Hip-Hop e seus preceitos) bem como suas intencionalidades e, por conseguinte, um breve histórico do início da prática do Grafite e da Pichação no Brasil, sobretudo a partir da cidade de São Paulo – local que é considerado como o início desta prática no país -, sendo para isto utilizado diversos debates pertinentes ao campo científico (tanto da história, como da sociologia e das artes).

Como uma segunda etapa, serão apresentados alguns de seus praticantes nesta esfera de manifestação artística de cultura urbana, visando entender aspectos que demonstrem e/ou apresentem a trajetória do Grafite em Joinville. Os entrevistados são, sobretudo, colaboradores e participantes do evento Encontro das Ruas da cidade, realizado entre 2006 e 2013, sendo assim possibilitam – para além do caminho do grafite até a localidade – a compreensão de como a prática fora adentrando nos circuitos festivos joinvilenses, principalmente em seu maior festival (Festival da Dança), bem como o envolvimento destes com a grafitagem e o seu universo, seus primeiros contatos e interesses para com esta apropriação.

Alguns discursos midiáticos locais acerca da prática do Grafite na cidade de Joinville, como os jornais ANOTICIA, Notícias do Dia e seus anexos, bem como sítios eletrônicos independentes, proporcionam perspectivas para além das narrativas dos próprios integrantes desta manifestação urbana, por vezes apresentando os pensamentos de alguns setores da sociedade, bem como uma possibilidade de perceber as mudanças e permanências destes pensamentos ao longo do tempo. Tais elementos elencados no corpo deste capítulo, dão subsídio para compreender a presença do grafite em uma cidade contemporânea.

2.1 GRAFITE OU PICHAÇÃO? DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

Na busca de compreender as discussões que se desenrolarão ao longo deste trabalho acadêmico, se faz necessário, primeiramente, tentar definir e conceituar o que se entende e o que será entendido enquanto “Grafite” e “Pichação”. Tal separação, nesta dissertação, se torna importante para vislumbrar o material selecionado, os posicionamentos teóricos adotados, bem como o esclarecimento da forma como tais temas serão abordados. A preocupação em cercar a definição de o que é Grafite e/ou

Pichação se dá pela ampla dimensão que tais práticas urbanas tiveram ao longo da história, tomando especificidades em determinadas localidades, a exemplo do Brasil que busca definir (até mesmo em seu código penal[43]) o que se entende por ambas as práticas, ou como alguns países que não possuem esta separação, por vezes nem existindo a nomenclatura "Picho" ou "Pichar"[44].

Em suma o Grafite será entendido enquanto uma manifestação artística urbana (permitida ou subversiva) que busca comunicar-se com o outro a partir das cores de seus desenhos e letras, tendo uma maior preocupação com a estética e com a comunicação ampla. O Picho deve ser compreendido

---

[43] Diferentemente da pichação, o grafite, com maior frequência, é aceito socialmente devido ao seu caráter artístico e a sua amplitude de interpretação, reflexão e entendimento se comparado ao picho. Ambas se mantêm no âmbito da marginalidade e do "vandalismo" em caso de serem realizados em locais sem o consentimento do proprietário ou do órgão/setor competente, porém o grafite se faz descriminalizado a partir da Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011, alterar o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.

[44] No livro intitulado "O mundo do grafite: arte urbana dos cinco continentes" organizado pelo fotografo e grafiteiro alemão Nicholas Ganz, o autor salienta que o Brasil, para além da grafitagem, "(...) é famoso por sua 'pixação', um estilo alongado e críptico de escrita que se originou em São Paulo" (GANZ. 2010; 19). Em países norte-americanos, como o Estados Unidos, e europeus, como a Alemanha, a Inglaterra e a Itália, dentre outros, não existe a divisão entre pichação e grafite, sendo ambas as práticas conhecidas como "*Grafitti*, tendo esta expressão presente tanto no diálogo cotidiano das pessoas, bem como em seus códigos penais e leis. Diversos estrangeiros visitam algumas cidades brasileiras, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro, para conhecer o que seria a "Pichação".

neste trabalho como uma manifestação se mobiliza por meio dos suportes urbanos, sendo restrita à subversão e a uma preocupação com a construção de letras e códigos que se comunicam – de maneira monocromática – com grupos específicos capazes de decodificar a sua escrita. Tanto a pichação, quanto o grafite, pauta-se no uso de tinta (por meio do *spray*[45] ou do pincel/brocha/rolo) em espaços diversos da cidade (a exemplo dos muros e fachadas residenciais ou comerciais).

Sobretudo, se faz extremamente necessário entender a trajetória e a mudanças históricas que tais formas de expressão passaram (e passam) ao longo do tempos, assim como a sua inserção e proliferação em território brasileiro (Como começa? Onde? De que forma? Por que? Dentre outras questões). A prática da grafitagem pode nos remeter, por exemplo como dissertam algumas(ns) pesquisadoras/es, às múltiplas formas de expressar-se por meio da escrita presentes nas mais diversas sociedades, podendo ser salientado que:

---

[45] Segundo o historiador Paulo Knauss "Com o recurso da lata de jato de tinta portátil, o movimento do grafite contemporâneo lançou suas bases mais duradouras (...) A inscrição grafitesca chamou a atenção pela recorrência em todas as partes da cidade (...) O recurso técnico do *spray* permite a produção ligeira, bem como a produção de matizes apenas com o direcionamento e o distanciamento do jato e o controle do bico do jato. A mesma tinta consegue assim produzir diferentes tons da mesma cor, definindo linhas ou manchas airadas" (KNAUSS. 2001; 335-336).

> O grafite tem seu registro histórico também nos murais da antiguidade, mais precisamente nos túmulos dos faraós egípcios, com predomínio da função decorativa e requinte de técnicas utilizadas, narrando fatos que entrelaçam imagem e texto. Também os primeiros cristãos, em reuniões secretas, deixavam seus registros em forma de grafite com os símbolos da Igreja nas catacumbas romanas. (CRUZ & COSTA. 2009; 96)

Neste aspecto o Grafite pode ser apresentado enquanto uma forma de expressão humana que utiliza de uma técnica (escrita, pintada ou ambas) nos mais variados suportes existentes, servindo, sobretudo, enquanto uma maneira de narrar e/ou dialogar com o outro, tanto por meio de uma linguagem aberta a todos, assim como pelo o uso de códigos específicos de determinados grupos.

Baseando-se nesta abertura inicial para tentar responder e conceituar “o que é grafite?”, podemos perceber – como discutido em parágrafos anteriores – que o conceito de grafitagem está imbricado, neste momento, ao de comunicação pela escrita. Esta possível percepção acabaria por restringir por demais a possibilidade de atuação do grafite na contemporaneidade, mas, todavia, serve enquanto um aspecto de sua mudança temporal.

Tanto o grafite, quanto a pichação do tempo presente – para além das práticas muralistas mexicanas do início do século XX[46] – estão associadas a maneiras de expressar-se na urbe utilizada por grupos marginalizados que encontraram nestas práticas uma forma de fazer-se notável e disputar espaço em uma sociedade desigual. Neste ponto de convergência, podemos observar a matriz comum destes dois atos urbanos, sobretudo por meio de estudos temáticos direcionados aos grupos que se formam envolta e em conjunto de ambas, bem como pela conectividade entra múltiplos locais que elas abrem a partir do contato de diversos indivíduos (sobretudo jovens) com o movimento.

Estas manifestações e apropriações urbanas que utilizam a cidade como seu meio e suporte para a existência, como o picho e o grafite, são práticas que remontam à períodos próximos ao tempo presente, principalmente ligados à contracultura, a manifestação popular de grupos excluídos socialmente, aos *guetos* nova iorquinos e, sobretudo, o seu uso

---

[46] Segundo a pesquisadora e professora Célia Maria Antonacci Ramos "O muralismo tem um significado social diferente do significado dos grafites/pichações; não é a simples vontade de interferir no ambiente como suporte de expressão e comunicação, para chamar a atenção sobre si ou sobre o suporte, ele reivindica uma maior atenção à arquitetura da cidade. O muralismo pretende o monumental, quer ser obra de arte durável e apreciada" (RAMOS. 1994; 56). Neste sentido a autora demonstra bem a diferença entre a prática do muralismo e o caráter efêmero e susceptível da grafitagem e da pichação.

subversivo e político. Um dos exemplos cabíveis a ser mencionado se faz as escrituras presentes em paredes, fachadas e muros durante os anos de Ditadura Militar brasileira (1965-1984) – contendo várias frases de luta contra o regime, palavrões ou pornografias, como bem salienta Paulo Knauss "O que mais chamou a atenção durante a década de 1970, especialmente na segunda metade, foram as inscrições de sentido político que se utilizaram largamente da lata de jato de tinta ao longo da luta pela redemocratização no Brasil e em defesa do fim do regime militar" (KNAUSS. 2001; 341).

Todavia o grafite fora tomando novas formas de articular-se com a urbe e tornar-se "mais visível" e "popular" sendo o Movimento do Hip-Hop um dos elementos que favoreceu a sua disseminação para outras localidades para além dos Estados Unidos da América. Segundo a pesquisadora Wivian Weller, em uma de suas pesquisas acerca de movimentos juvenis (a cultura do Hip-Hop) em São Paulo e em Berlim, se percebe que:

> Nos últimos anos, e de forma cada vez mais intensa, podemos observar que os jovens vêm lançando mão da dimensão simbólica como a principal e mais visível forma de comunicação, expressa nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam diante de si mesmos e da sociedade. É possível constatar este fenômeno nas ruas, nas escolas ou nos espaços de

> agregação juvenil, onde os jovens, se reúnem em torno de diferentes expressões culturais, como a música, a dança, o teatro, dentre outras, e tornam visíveis através do corpo, das roupas e de comportamentos próprios, as diferentes formas de expressar e de se colocar diante do mundo. (WELLER. 2011)

A discussão aberta pela autora em uma de suas obras disserta que um dos principais impulsionadores desta cultura urbana juvenil (grafite e pichação) é o Movimento do Hip-Hop, tendo o seu início em bairros periféricos Nova Iorquinos na final da década de 1970, sobretudo por meio de uma população de predominância negra (afro-americana) e hispânica, sinalizando o movimento enquanto uma cultura de rua dotada com a finalidade de articular as vozes oprimidas e marginalizadas destes jovens (WELLER. 2011; 23), por meio de alguns elementos, festas de bairro envolvendo estes grupos, ou pelo ato dos jovens espalharem suas *tags* (assinaturas do picho e do grafite e/ou seu *nick (apelido*)) em muros e fachadas das áreas centrais da cidade.

O Hip-Hop, pautada na tríade dança (*break*), música (*rap*) e arte (*grafite*), em sua função de articular a ideologia e a expressão de jovens residentes em bairros periféricos estadunidense, acaba por expandir o movimento e suas especificidades de “contra-cultura” (a partir da rua) para outras localidades do globo. Por volta de 1980, praticamente dez anos

após este movimento ter se consolidado, a cultura presente no Hip-Hop se espraia pelo Brasil, sobretudo na cidade de São Paulo, mais precisamente em seu centro. Este local servira enquanto palco para jovens *office-boys*, que na hora do almoço, se reuniam na Avenida 23 de Maio ou nas proximidades do Metrô São Bento, sobretudo para dançarem *break*, escutarem música e trocarem informações durante este momento de lazer (WELLER. 2011).

Como a pesquisadora Wivian Weller nos alerta, o Brasil teve as suas especificidades para com o movimento nova-iorquino, principalmente acerca de seu "berço" de desenvolvimento, sendo moldado na área central de uma grande cidade brasileira e em uma década conturbada, o que se fez de maneira diferente do cenário estadunidense, que o movimento teve a sua ampliação a partir de bairros marginais da sociedade. Tal perspectiva, não significa que, todavia, os participantes destas rodas de encontro não eram moradores da periferia paulistana que, no intervalo de seu serviço, aproveitavam daquela hora para socializar com pessoas que compartilhavam de um pensamento, de uma vivência e/ou de experiências parecidas.

Na década de 1970, por exemplo, a música e ritmo *black internacional*[47] já possuía vários adeptos em São Paulo, existindo festas e bailes que tocavam este estilo musical, isso acabava por facilitar muito, posteriormente, a aproximação da população com a cultura do hip-hop e, principalmente, do rap e do estilo visual do movimento (WELLER, 2011). A estruturação deste *lifestyle* (estilo de vida) em terras paulistanas se faz uma discussão necessária para compreender como este tipo de mobilização urbana acaba por espraiar-se por norte a sul do país, bem como lançar os seus três elementos (dança, arte e música) de uma maneira que os tornam figuras rotineiras e cotidianas em diversos espaços e cidades brasileiras. Para além da estética do movimento do hip-hop, de suas rimas, sua arte e de suas coreografias individuais ou em grupo, como aborda em sua obra Wivian Weller, a sua "essência" faz parte, também, de uma forma contestatória contra as mazelas econômicas, políticas e sociais, onde seu caráter de arte se torna transgressora.

> O espaço visual da cidade se altera, ganha uma outra dimensão pela ação de grupos ou indivíduos que por ali passam e imprimem sua marca. O muro vira mural, e o túnel deixa de ser um simples corredor de acesso a outros

---

[47] O ritmo *black* pode ser caracterizado pela *soul music* e pelo *funk*, musicalidade esta destacada em diversos locais.

> núcleos da cidade para ser um veículo da comunicação de massas, suporte para manifestações de todo e qualquer cidadão". (RAMOS. 1994; 43)

A partir desta perspectiva e do cenário cotidiano apresentando nas mais variadas cidades e sociedades atuais, a arte da massa e a arte da rua – como são denominadas as práticas do grafite e da pichação – nos apresentam algumas das maneiras adotadas por diferentes pessoas e grupos para experiênciar e vivenciar os espaços cotidianos[48]. Assim como Weller aborda a presença das danças, rimas e trocas de informação acerca do Hip-Hop na capital paulista, a professora e pesquisadora Celia Maria Antonacci Ramos em sua obra "Grafite, Pichação e CIA" (1994) nos apresenta as marcas visuais que emergem, pouco a pouco, em São Paulo, sobretudo, salientando os objetivos e as semelhanças e diferenças entre estes códigos urbanos[49].

---

[48] Segundo o historiador William da Silva e Silva "O grafite se afirmou no Brasil fazendo parte do cotidiano da população, isso através de um alcance muito além de puramente alterar a paisagem urbana, ele partilha e dá voz a conflitos" (SILVA-E-SILVA. 2012; 613)

[49] "Grafite, Pichação e CIA" fora apresentada como dissertação do mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP em 1993 por Celia Maria Antonacci Ramos. Os capítulos da obra são divididos com as Diferenças, as Semelhanças, e a presença destas duas práticas em São Paulo, onde a autora realiza um levantamento da trajetória de ambas e acompanha um grupo de artistas urbanos da cidade, o "Tupinãodá".

Por estes códigos, a autora entende que, primeiramente, as ambições destas formas de arte (pichação e grafite) é a comunicação, porém, aderindo formas diferentes de apropriação em um mesmo suporte (a cidade) e com os mesmos materiais (a tinta). Um dos exemplos elucidados pela autora é de que a pichação opta pela agressão e contestação, sobretudo em localidades com certo valor histórico, econômico, social e/ou cultural do local, por isso a sua preferência em imprimir a sua mensagem em monumentos e lugares sacralizados e hipervalorizados (RAMOS. 1994; 47). O Grafite, por sua vez, se apresenta enquanto uma prática que circulou os meios acadêmicos e universitários[50], o que fez dela uma forma de expressão intensamente difundida em circuitos artísticos, neste sentido, como salienta RAMOS:

---

[50] A autora, apesar de fazer este apontamento, disserta que ambos possuem a mesma natureza transgressora e advém de uma mesma raiz. O discurso se refere, principalmente, às escritas urbanas presentes nas paredes em forma de poemas e frases (inteligíveis a todos) que, com o passar do tempo, começaram a ter que dividir espaço com novas formas de apropriação/manifestação cultural, artística e urbana (grafite e pichação) e com os seus grupos, sendo práticas muito utilizadas por alguns acadêmicos da arquitetura, das artes plásticas e por técnicos em desenho. Dentre alguns universitários podem ser apontados Alex Vallauri (etíope radicalizado brasileiro, conhecido como um dos percursores do *stencil* e do grafite [forte contato com o cenário nova-iorquino] no Brasil) e seus colegas Carlos Matuck e Waldemar Zaider. Em seu capítulo intitulado “O Grafite em São Paulo”, RAMOS (1994) apresenta um breve histórico destes três grafiteiros-acadêmicos.

> O grafite, em relação à pichação, é uma linguagem que trabalha com menos improviso, havendo um maior controle no processo de criação, nas escolhas das imagens, dos materiais e dos locais; tudo importa: o desenho, o local, a cor, o signo, o entorno. (RAMOS. 1994; 52)

Por este viés a prática do grafite se apresenta enquanto altamente programado e pensada, tanto em seu desenho e forma, no local que será utilizado enquanto "tela" e em seu entorno, nas cores, na técnica, e nos signos e significados apresentados, tornando-se, por vezes, menos "automática" que a pichação (que também utiliza certos aspectos como determinante para o picho – a exemplo da escolha de locais hipervalorizados da sociedade). Todavia, para ambas as práticas, a cidade, diferente de uma tela em branco, não é neutra, mas sim carregada de simbologias e paisagens que interferem diretamente na grafitagem e no picho, bem como em seu impacto sobre o público que transita pelo local. Um dos elementos presentes na obra da autora se dá na tentativa de estabelecer uma possível trajetória destas manifestações. Apesar da dificuldade de rastrear o início da pichação em São Paulo, RAMOS (1994) adverte que se tem o registro nos anos 70, de um pichador que assinava as suas marcas com a *tag* "*Cão Fila km26.* Como em outros trabalhos acadêmicos – assim como em narrativas dos próprios praticantes – Célia

Ramos salienta que, em sua grande maioria, os grafiteiros e grafiteiras iniciaram na prática primeiramente através da pichação, sobretudo, nos anos finais de 1970 (forte influência do contexto estadunidense).

As propagandas presentes em fachadas e muros - que tomavam e tomam conta do cenário urbano brasileiro - começaram a concorrer com estas novas formas de apropriação e manifestação, onde, segundo a professora, ocorre:

> (...) uma competição entre o produto anunciado e a imagem grafitada. Na competição, um lado sempre sai enfraquecido; o grafite, ao disputar o mesmo espaço – a cidade – ameaça o apelo comercial e, surge daí o protesto de muitos comerciantes, que alegam serem os grafites 'poluidores' do espaço'" (RAMOS. 1994; 92)

Neste sentido, o grafiteiro e autor do livro "O que é Grafite" Celso Gitahy, disserta que o caráter de confronto contra os *outdoors* e as suas propagandas, assim como o uso político de personagens de Histórias em Quadrinho (HQ's) – uma das fases do grafite no Brasil – serviram enquanto embate político e/ou apresentando as restrições presentes no contexto histórico brasileiro da década de 80. Para o autor, por sua vez, o grafite utiliza a cidade enquanto suporte, lançando enigmáticas imagens que são repetidas, possuindo caráter

efêmero, mas também funcionando enquanto um convite ao diálogo (GITAHY. 1999).

Uma das contribuições de Gitahy para o presente trabalho e para o entendimento do que se configura “Grafite” e “Pichação” (apesar de suas definições não pretenderem engessar a compreensão) se dá pela sua vivência nas duas esferas. De maneira extremamente didática o autor apresenta as principais características de ambas manifestações, sendo a grafitagem pautada pela estética e pelo conceitual. O primeiro se configuraria pela natureza gráfica e pictórica, produzindo releituras ou criações próprias, repetição de um mesmo através de uma máscara (referindo-se ao *stencil* – técnica esta muito utilizada por Celso) ou na repetição de um mesmo estilo (traço, cores, elementos visuais, dentre outros), já o segundo se refere ao seu caráter subversivo, espontâneo, gratuito e efêmero, que, por vezes, discute e denuncia – diversos valores, como os políticos e sociais – podendo utilizar do humor e da ironia, mas, assim como também discorre RAMOS (1994), que utiliza estritamente do espaço urbano em forma de arte democrática, projetando e produzindo a cidade enquanto uma galeria aberta (GITAHY. 1999; 17-18).

> Tanto o graffiti como a pichação usam o mesmo suporte – a cidade – e o mesmo material (tintas). Assim como o graffiti, a pichação

> interfere no espaço, subverte valores, é espontânea, gratuita e efêmera. Uma das diferenças entre o graffiti e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita, ou seja, o graffiti privilegia a imagem; a pichação, a palavra e/ou a letra. (GITAHY. 1999; 19)

Na perspectiva do grafiteiro, a diferença principal entre o grafite e a pichação está em sua base e intencionalidade, porque, como um todo, eles utilizam do mesmo suporte, convivem em um mesmo espaço e manifestam-se com o uso de materiais semelhantes. Para Celso a pichação, em sua preocupação subversiva e preocupada com a escrita, aparece enquanto uma forma de dar vazão à falta de expectativas (sociais, econômicas e políticas), se apresentando enquanto uma guerra feita com tinta, onde os praticantes se identificam pelo tipo de código que se é pichado (GITAHY. 1999; 24), assim como ocorrido nos bairros periféricos e marginalizados nova-iorquinos, os pichadores brasileiros pretendiam espalhar as suas marcas urbanas como uma forma de apresentar-se enquanto membro da sociedade e pertencente também a ela.

Como forma de separar as formas de pichação, Gitahy distingui a pichação em três fases, sendo a primeira pautada na vontade exaustiva do pichador ou pichadora carimbar o próprio nome em grande escala pela cidade e bairros (escrevendo as suas *tags*), criando – como segunda etapa – uma competição do

espaço em busca de uma identificação dos e com os grupos de pichadores (*crews*), priorizando e inovando novas formas de letra e escrita. Por último, o autor adverte que com o passar do tempo ocorreu a verticalização da pichação com as subidas em prédios, onde o picho se pauta não mais somente em espalhar as suas marcas, mas sim no desafio e na adrenalina – quanto mais difícil o local pichado, maior a conquista e reconhecimento – fazendo com que a mídia volte os seus olhares para o local e divulgue (mesmo que inconscientemente) a pichação[51].

Próximo ao fechamento da obra de Gitahy, ele lança algumas indagações sobre a escassez (na época de sua escrita) de produções acadêmicas acerca da temática da arte de rua e essa forma de apropriação e manifestação adotada pelas juventudes contemporâneas, carecendo de atenção de sociólogos e historiadores na percepção do que estes grupos estão querendo transmitir e "dizer". Tendo em vista este apontamento e as necessidades de delimitar as tênues diferenças entre o Grafite e a Pichação, a presente dissertação

---

[51] O documentário "PIXO", produzido, filmado e editado, por pichadores de São Paulo, apresenta um panorama dos estilos de pichação (como citados por Celso Gitahy) na capital paulistana, mostrando os desafios destes indivíduos em espalhar as suas marcas na cidade. O documentário está disponível no sítio eletrônico "Youtube". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JjS0653Gsn8>.

em História se munirá – como encerramento deste subcapítulo – da pergunta e resposta objetiva do grafiteiro em seu livro, “Mas, graffiti e pichação são a mesma coisa? Não. São posturas diferentes, com resultados plásticos diferentes” (GITAHY. 1999; 78), ou seja, apesar de utilizarem de um mesmo espaço, de um mesmo suporte, das mesmas ferramentas e/ou técnicas, as intencionalidades embutidas em cada é o que fazem delas diferentes e movimentos com suas singularidades. Como salientado no início deste tópico estabelecer uma distância entre as duas para estuda-las, se faz um procedimento necessário.

2.2 QUEM SÃO OS SEUS PRATICANTES? A TRAJETÓRIA DO GRAFITE EM JOINVILLE

A *cena do grafite*[52] na cidade de Joinville se expande constantemente por diversas de suas áreas e localidades,

---

[52] O termo *cena* será utilizado, ao longo do presente trabalho, aos moldes discutidos pelo intelectual canadense Will Straw em seu texto “*Cultural Scenes”*, onde este – discutindo acerca do(s) cenário(s) musical(is) – salienta que este termo é uma maneira de falar da efervescência da cidade de uma maneira teatral onde “*Scenes emerge from the excesses of sociability that surround the pursuit of interests, or which fuel ongoing innovation and experimentation within the cultural life of cities. The challenge for research is that of acknowledging the elusive, ephemeral character of scenes while recognizing their productive, even functional, role within urban life*” (STRAW. 2005; 412) ou seja, dentro desta sociabilidade

demonstrando uma extrema diversidade de intencionalidades, usos e apropriações, com traços que remetem à personagens cartoonescos, letras estilizadas e coloridas, bem como desenhos com críticas políticas ou uma arte encomendada, onde estas acabam por atrair diversos olhares para estes espaços que são utilizados enquanto suporte para este modelo de manifestação cultural e urbana, assim como novos adeptos e adeptas deste estilo de vida e de experienciar a cidade. Mas, sobretudo, quem são os/as seus/suas praticantes? Nesta presente etapa do trabalho acadêmico será apresentada, por meio de fontes produzidas pela História Oral[53] e por materiais que discutam essa temática da localidade, a(s) possibilidade(s) de trajetória do grafite joinvilense e a iniciação de alguns grafiteiros com esta modalidade artística, as suas influências e o seu crescimento dentro deste cenário, tais elementos visam

---

urbana – promovida por diversos setores e camadas – vão se reconhecendo produções acerca da vida na urbe. A possível efemeridade presente na *cena*, se faz extremamente valiosa para esta discussão, sobretudo para perceber o Grafite em Joinville.

[53] Devido à dificuldade de contato com alguns grafiteiros e grafiteiras fora possível entrevistar apenas dois indivíduos atuantes no cenário local e participantes de circuitos interno de grafite (como, por exemplo, o Encontro das Ruas), sendo eles os artistas urbanos Gôri e Época Mouco. Ambas as entrevistas apresentam detalhes e informações que não são encontradas em outros materiais, bem como favorecem a compreensão acerca das mudanças na cidade de Joinville para com o grafite e os/as grafiteiros/as, ampliando o leque de conhecimento histórico, social, cultural e urbano sobre a prática em constante mudança na localidade e, todavia, as múltiplas formas de vivenciar a cidade contidas nela.

entender a percepção destes atores urbanos sobre o grafite, sobre a cidade, a maneira que estes exploram os aspectos desta apropriação na contemporaneidade e como esta forma de expressão fora tomando forma ao longo do tempo na região.

O vídeo documentário intitulado “Joinville entre ritmo e poesia: a história do *rap* joinvilense”[54] produzido e editado por Camilla Elizabeth Gonçalves e Guilherme Duarte, sendo este fruto de trabalho experimental para o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC, apresenta, por exemplo, o contato de alguns joinvilenses, através de memórias e oralidades, com o *rap* e o Movimento *Hip-Hop*, oferecendo pistas investigativas para averiguar, todavia, a trajetória destas práticas na cidade e o desenvolvimento dela no cenário local, informando algumas datações, locais de encontros e formações de grupos, como a movimentação de materiais ligados ao cenário do *Hip-Hop* paulista nos anos de 1990 e o contato de alguns joinvilenses com estes elementos por intermédio de parentes e/ou conhecidos que circulavam a região paulistana na época, se tornando um facilitador para trazer este conteúdo para a cidade de Joinville e divulgar para com outros

---

[54] O audiovisual “Joinville entre ritmo e poesia: a história do rap joinvilense” se faz disponível em: <http://www.portaljoinville.com.br/blogs/ladob/29241> Acesso em: 04 de mar. 2015.

simpatizantes. Conhecer a prática e a expansão do Movimento na cidade de Joinville, assim como mencionado em outros momentos no presente trabalho, contribuiu para compreender o processo de crescimento e estruturação do grafite na localidade.

Outro conteúdo que pode ser utilizado enquanto forma de reconhecer a trajetória do grafite joinvilense é o vídeo "Traços Urbanos"[55], produzido por Edneia Anastácio, Luís Gustavo Varela e Rhuan Cardoso, também cursistas de Jornalismo/IELUSC, que, por sua vez, utilizam de entrevistas com grafiteiros atuantes no cenário local de Joinville em busca de compreender, através de narrativas e memórias, o contato destes com o Grafite e as suas intencionalidades. A oralidade exposta por alguns dos entrevistados demonstra as suas relações com a manifestação cultural e artística urbana do grafite, o seu conhecimento acerca do movimento, das técnicas utilizadas, dos estilos e, sobretudo, dos desafios encontrados na ação da grafitagem, porém estes elementos são apresentados de forma passageira e breve, com diversas edições e cortes. Estes elementos, que saltam das narrativas destes atores e autores urbanos ao longo do audiovisual, servem enquanto um ponto

---

[55] O conteúdo produzido pelos acadêmicos de jornalismo pode ser visualizado na integra pelo sítio eletrônico *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s1qaQbOqRmc>

de partida para uma possível investigação histórica, sobretudo acerca dos fluxos de pessoas e ideias que transitaram e transitam em Joinville em um tempo recente, tendo em vista a fala de um dos entrevistados que tiveram o seu primeiro contato com o grafite em sua terra natal, São Paulo, através da pintura de ruas e escolas durante a Copa Mundial de 1998, sendo uma maneira de aflorar o interesse e a entrada na grafitagem, mantendo-a em sua nova região de sociabilidade.

Além destes conteúdos audiovisuais, outros exemplos que servem enquanto um material base de consulta para perceber aspectos do contato joinvilense com o grafite se dá pela coluna jornalística intitulada "Lado B", do portal de notícias joinvilense "Portal Joinville", sendo pelo joinvilense Guilherme Duarte que busca abordar a arte urbana, a música, o audiovisual e as ruas em seus textos, onde, dentre as suas publicações, mas especificamente em maio de 2013, o autor realizou uma entrevista com o grafiteiro Wendel Sena Souza[56], conhecido nos muros por Sena EP, com o título de "Um pouco de tinta não faz mal a ninguém". Neste material, Sena EP é

---

[56] Sena é natural da cidade de Marília (São Paulo) e atualmente, além de ser conhecido como um dos primeiros grafiteiros da cidade, trabalha como tatuador em um estúdio de tatuagem na cidade de Joinville. Fora, ao longo do desenvolvimento deste presente trabalho, realizados inúmeros contatos com o grafiteiro em busca de uma entrevista, porém, a entrevista não fora concedida.

questionado sobre o seu início no grafite e a forma que teve o de contato com tal prática, sendo respondido que seu envolvimento com ela ocorreu por volta dos anos 2000 junto do seu contato com a modalidade do *skate*, servindo enquanto uma aproximação ao Movimento *hip-hop* e com as revistas – que circulavam dentro deste grupo - que traziam em suas matérias informações sobre Rap e o Grafite, bem como com o estilo visual próprio do movimento (roupas largas), porém, mais precisamente em 2003, foi o ano em que ele começou a expressar-se pelas tintas nas diversas regiões de Joinville, tendo a sua primeira intervenção na região Norte da cidade. Segundo ele:

> No início eu realmente continuei por pura persistência, ninguém gostava, ninguém conhecia, ninguém apoiava nada. Mas, como eu não dependia de ninguém e aquilo já fazia parte de mim como um estilo de vida, eu continuei em frente, riscando igual loco nas folhinhas e evoluindo a cada dia. Percebi que a parada tava fluindo quando recebi alguns convites de pessoas que se interessavam em ter um grafite no muro de casa, pois já não aguentavam mais as pixações da guriada que apavorava na época. Eles bancavam a tinta de fundo e a gente entrava com a arte, e o que sobrava voltava pra rua. (SOUZA, W. S. 2013)[57]

[57] A entrevista completa com o grafiteiro pode ser conferida na integra na coluna “LADO B”, na matéria “Um pouco de tinta não faz mal a ninguém”.

Esta narrativa do grafiteiro faz emergir aspectos do cenário joinvilense desta apropriação urbana no início do século XXI, sobretudo pelo desconhecimento de muitos moradores e grupos sobre a prática ou, até mesmo, a dificuldade de indivíduos simpatizantes com o grafite em formarem e encontrarem grupos ou socializarem com outras pessoas que fizessem parte do mesmo universo, sendo, como salienta Sena, um estilo de vida pouco difundido na localidade que fora tomando, aos poucos, proporções diferentes onde, segundo ele, dentre os anos de 2006 e 2007 o seu grupo de grafitagem acaba por concentrar um dos poucos grafiteiros de Joinville. Ao longo do material midiático, o entrevistado fora questionado sobre como é grafitar na cidade, sendo respondido que:

> No começo era muito difícil, ninguém conhecia o grafite e tinham medo de liberar o muro pra um bando de maloqueiro. Hoje o grafite em Joinville tá tendo seu espaço (sempre teve, mas nunca foi bem aceito pela sociedade), muita gente envolvida, muitos muros liberados, muita influência, referência, internet, eventos, muitos amigos vem de fora da cidade, muitas parcerias por várias cidades de vários estados. O grafite em Joinville tá passando por uma fase muito

---

Disponível em: <http://www.portaljoinville.com.br/v4/blogs/ladob/25934>. Acesso em: 24 de abr. 2014.

> boa, uma época de colheita pra quem fez o corre desde a minha época.
> Essa cidade, mesmo não sendo minha cidade natal, é a minha casa, eu cresço junto com ela. Joinville hoje é como o quintal de casa, saio pra pintar, sempre encontro um lugar legal e quase ninguém reclama ou chama a polícia. E quando os "*meganha*" [policiais] embaça é aquela velha historinha no pé do ouvido e já era, *tamo* em casa. (SOUZA, W. S. 2013)

Assim como mencionado por Sena a sena do grafite fora se ampliando e tomando proporções que extrapolam a do próprio Movimento *Hip-Hop*, dando-a, assim como aos outros elementos deste, uma autonomia e um crescimento que fora sendo difundido por diversas localidades. Este fenômeno não é uma exclusividade da cidade de Joinville, nem ao menos do Brasil, sendo uma modalidade de expressão urbana que fora sendo divulgada por diversos meios de comunicação, sobretudo, pela mídia e por vídeos e páginas de *internet* destinada à temática (como veremos em outras entrevistas). Outro ponto alto da entrevista concedida pelo grafiteiro se dá pelo sentimento de pertencimento e pela inserção que este teve na cidade e em grupos de jovens que passavam pelo mesmo momento que ele, servindo, por assim dizer, enquanto uma ferramenta de reconhecimento enquanto um morador local e, a cima de tudo, enquanto um indivíduo que vivência os diversos lugares presentes nela, proliferando o grafite por meio de seus

suportes oferecidos e tornando-o notável na urbe o que, junto com outros aspectos elencados por ele, facilitaram uma “fase boa, uma época de colheita” para os grafiteiros mais velhos, bem como para os iniciantes. Sena, em conjunto de outros parceiros, como por exemplo a loja especializada em *hip-hop* “Brixton Urban”, é um grande incentivador da prática do grafite em Joinville, promovendo eventos e encontros de grafiteiros.

Nas pistas deste cenário inicial extremamente pouco difundido e conturbado, onde o grafite transitava entre uma opção de evitar a pichação e uma forma marginal de atuação urbana, podemos encontrar um grafiteiro que vivenciou esta era mencionada por Wendel “Sena” Souza, o artista urbano joinvilense Época Mouco[58]. Gabriel, mais conhecido como “Época”, nasceu em Joinville no ano de 1989, tendo algumas etapas de sua vida adulta morado nas cidades de São Paulo e em Florianópolis, começando com a prática do grafite logo na infância na cidade de Joinville, por volta dos treze anos de

---

[58] A entrevista com Gabriel “Época Mouco” fora realizada na Universidade da Região de Joinville (Univille) no ano de 2016, tendo como intermédio para contato com o grafiteiro o designer e também artista urbano Igor “Gôri”, que indicou e forneceu a aproximação de Época para a pesquisa. Para além da indicação, a escolha do artística se deu pelas inúmeras marcas urbanas realizadas por ele na cidade e por sua participação em diversos encontros promovidos no local, bem como a sua influência sobre a grafitagem da região.

idade e se considera enquanto um autodidata da prática, atualmente o grafiteiro de 26 anos realiza um curso superior na área de licenciatura em História e tem como principal interesse desenvolver trabalhos relacionados com a arte, tendo em vista a sua experiência em realizar oficinas de grafite na localidade. Segundo o joinvilense:

> G.E.: É, desde o começo que eu me conheço por pessoa eu gosto muito de desenhar, foi boa parte da minha infância eu passei perto da minha vó e até hoje ela fala, assim, que a melhor coisa para me distrair era me dar folhas, assim, encher de folhas. Eu acho que o grande... depois de... com uns onze anos por aí, uma coisa que me influenciou muito até chegar até o grafite foi o skate. Comecei a andar de *skate*, daí as pistas de skate sempre tem um... né? As paredes riscadas e tal é... vídeos também de *skate* sempre tem bastante o grafite, tanto que o primeiro skate que eu tive eu montei, assim, que eu ganhei de amigos, de pessoal e eu já peguei o *shape* e fiz um desenho embaixo, lixei o desenho aí peguei, o pessoal, meus camaradas, já curtiram um monte, aí todo mundo já queria que eu fizesse no *shape* de todo mundo. Isso foi uma parada que me influenciou bastante, assim. É, embora os colegas, quando tinha os negócios de colégio de desenho eu participava, sempre, a, tinha um destaque e tal, um desenho bem feito, sabe desenhar bem, essas coisas. Mas o que realmente marcou foi quando os meus amigos, assim, do bairro sempre andavam comigo, realmente mostram... mostraram que curtiram muito, assim, o *shape* que eu fiz sabe? E dali assim, os meus primeiros contatos foram, é... bem, completo espontâneos, assim, uma das

> primeiras experiências que eu tive com spray mesmo, foi com spray de pintar cabelo assim (risos) que tinha na minha casa lá, pintei as paredes, assim, meu quarto rapidinho já tava todo riscado e o pessoal que eu andava não... nesse período, eles, embora gostassem, assim, de grafite tal, não, não tinham tanto gosto quanto eu, assim. Daí eu, eu me senti meio isolado, uma coisa que eu gostava muito, tava pesquisando, queria ver filmes, eu tava buscando, eu queria esse mundo, assim, gostava de ouvir bastante rap e tal, depois Hip-Hop, e... até então eu tava ilhado. Eu com uns quinze anos, mais ou menos, eu conheci o Wesley, o João e o Felipe, que são três grafiteiros daqui de Joinville, eles moravam em outro bairro que eu e tal, nós nos conhecemos através de um outro amigo meu de infância, o Daran, e nesse momento pra mim foi mesmo que eu comecei a já reconhecer como uma pessoa grafiteiro, assim, um ser grafiteiro dentro, assim, na escola, por pessoas da família. Porque eu conheci pessoas que estavam nesse mesmo intuito que eu, né? (ÉPOCA, G. 2016)

Assim como o grafiteiro Wendel “Sena”, Gabriel teve o interesse em conhecer o grafite por causa do universo do *skate* e a presença do Movimento *Hip-Hop* presente neste contexto dos anos finais da década de 90 e início dos anos 2000, desde as músicas que tocam entre os grupos de *skatistas* quando estão andando em pistas ou nos encontros que realizam, bem como pelas marcas urbanas que se fazem presentes nestas localidades, como o grafite e a pichação, elementos estes que circundam diversos pontos de encontros de seus praticantes. O

interesse pela arte urbana e o interesse em conhece-la melhor fora logo contraposta pela dificuldade de encontrar pessoas que dividiam a mesma ideia em um cenário – no período – pouco divulgado. A primeira experiência de Época, utilizando *spray* de cabelo para pintar o quarto e/ou o ato de desenhar e grafitar o *shape* do *skate*, bem como o seu interesse em buscar materiais que pudessem suprir os seus anseios e curiosidades sobre o movimento, fazem emergir, assim como salientado anteriormente, o terreno pouco estruturado do grafite em Joinville, demorando até que ele e outros jovens estruturassem um movimento mais coeso e com redes que ligavam os grafiteiros de diversos bairros da cidade de Joinville.

Época, revisitando a sua memória sobre a sua trajetória pessoal e a presença do grafite na cidade, salienta que o cenário atual da grafitagem na localidade se deve muito às mudanças de percepção social sobre a prática, tendo em vistas a presença da mídia e a divulgação de eventos relacionados ao grafite, os próprios encontros patrocinados ou independentes, bem como a persistência destes jovens que se viam “isolados” e “mal vistos” por outros joinvilenses em continuar a pintarem mesmo com as diversas mudanças em suas vidas e/ou o seu amadurecimento enquanto adultos, segundo ele:

> G.E.: Muitas coisas mudaram mas continuamos pintando, a personalidade mudou, a pintura mudou, mas aquele... aquela essência ainda continua a mesma, de ocupação de espaço e tal, e eu acredito que a própria linguagem que a gente meio que criou, assim, de pintar em grupo, de fazer painéis e tal, isso foi influenciando o pessoal que talvez sentisse meio que ainda ilhado, que só vê grafite pela internet e tal a meio que pensar também em ver uma alternativa de se pensar o grafite, assim, né? E a internet mesmo, eu acho que, pelo o que eu vejo hoje em dia, o pessoal que tá assim começando ou o pessoal que pinta a menos tempo, é, do que vem acontecendo na cidade, eu acho que a internet influencia de mais, assim, tá influenciando de mais. Um boom de imagem de grafiteiros na internet, frases... (ÉPOCA. G. 2016)

A ideia de que o cenário[59] fora se modificando com o passar do tempo e se tornando mais popular, devido ao "boom" da imagem do grafite presente nas redes sociais e na *internet* (que tem um papel intrínseco na divulgação desta arte urbana de caráter efêmero e no fortalecimento do movimento), fazendo com que outros/as jovens não passassem pelo processo de isolamento ou de "ilhamento", como Época e Sena discutem, servindo enquanto uma possibilidade mais prática de ter um contato com pessoas mais experientes e/ou o conhecimento de técnicas, modalidades e estilos pertencentes

---

[59] Segundo STRAW (2005) a cena ou o cenário, neste caso, pode ser analisado enquanto um caminho para se perceber a teatralidade da cidade e a capacidade desta de gerar imagens atrativas da ocupação urbana.

ao universo da grafitagem (tanto nacional, quanto internacional), tais aspectos, sobretudo, facilitaram aos “novatos” e aos “percursores” fortalecerem os laços de convivência e também estruturar melhor esta manifestação urbana local, abrindo diversas portas para a entrada e o consumo cotidiano desta expressão. Época, em sua narrativa, por exemplo, disserta que inicialmente, quando a prática do grafite era pouco difundida na cidade catarinense, os seus familiares não entendiam o que o jovem queria, bem como viam aquilo como uma modalidade marginal, temendo pela segurança do filho e pelo seu rumo na vida, após este “boom” do grafite no início do século XXI este cenário se modificou, tendo, atualmente, a sua mãe, por exemplo, uma das principais difusoras de seus trabalhos na urbe, compartilhando com outras pessoas os trabalhos do filho (ÉPOCA. G. 2016).

Em suas memórias acessadas durante a entrevista, Época menciona sobre a sua participação no primeiro Encontro das Ruas (2006) e a possibilidade de conhecer outros grafiteiros e grafiteiras que se destacavam no cenário (inter)nacional e que ele acompanhava somente por meio das revistas e/ou sítios eletrônicos.

> G.E.: 2006, o primeiro que teve eu tive uma participação, assim, eu era um garoto né, pra mim muito importante, assim, e marcante. Uma

das pessoas que pintou que, até hoje, foi, é meu camarada morava em Curitiba, uns anos antes veio para Joinville, e ele já fazia uns grafites lá em Curitiba e ele veio pra cá já com aquela ideia de Curitiba, né? Metrópole e tal, outro ritmo, né? E ele rapidinho já se destacou assim, e nós firmamos uma amizade muito legal, assim, ele morou na minha casa, tudo, um tempo a gente pintou muito junto e quando teve o Encontro das Ruas a gente tava vivendo o início daquela amizade, assim, e ele foi convidado, porque o Iceman, que é o grafiteiro de Curitiba, que era o organizador do Encontro das Ruas e tal, ele já conhecia o trabalho lá do Isac de Curitiba e convidou ele para pintar. Então já começou legal assim, já conhecia quem tava pintando e fora isso, os grafiteiros que vieram, os primeiros, já eram pessoas que eu acompanhava pelo o que eu tinha e o pouco de internet, revista de grafite, já tinha lido entrevista deles inclusive, o ACME do Rio de Janeiro principalmente, o Trampo do Rio Grande do Sul e... pra mim foi um turbilhão, assim, né, um turbilhão. Tu vê uns caras que, assim, tu já admira, pintando na sua frente, assim, como eles usam a lata e tal, que tipo de material, os caras usa esboço, não usa, pinta rápido, pinta devagar, várias coisas tu imagina, assim, né? E foi muito massa, muito massa, porque eu já tinha até ido para Curitiba, tenho uma tia que é de lá, ia bastante, já tinha visto até encontro de grafite lá em Curitiba, mas não se comparou ao contato que teve, logo de cara, com os grafiteiros aqui, entende? Porque tinha um amigo meu que tava ali e a gente já veio outras pessoas de Curitiba, veio o SIN de Curitiba também. Então foi, foi muito legal, assim, foi bem marcante mesmo, lembro de cenas quase inteiras até hoje. No mínimo um final de semana muito intenso, né, foi há dez anos atrás eu tinha dezesseis anos né. Hoje em dia eu olho um garoto de dezesseis anos eu falo,

> pô, moleque ainda né, era um moleque que tava vivendo intensamente. (ÉPOCA. G. 2016)

Se faz interessante como de um cenário hostilizado o grafite passa a tomar forma de um movimento que faz parte dos circuitos locais, como o Encontro das Ruas, facilitando, ainda mais, o contato de grafiteiros e grafiteiras locais com experiências existentes em outras localidades, bem como a troca de experiências entre estes, fortalecendo o grafite joinvilense e brasileiro, criando espaços para a confraternização e, sobretudo, para a grafitagem em conjunto. Como Época dissera, esse “turbilhão” trouxe para o movimento local um folego para solidificar e estruturar redes de sociabilidade e aproximar jovens com interesses semelhantes, transformando partes urbanas em locais de encontro destes grupos juvenis (entre a adolescência e a maioridade) que buscavam, por meio da grafite, encontrar-se e inserir-se em grupos culturais e sociais, bem como criar laços de identificação com a localidade, e, por outro lado, este contato com outras metrópoles brasileiras - por meio desta expressão - trouxe para Joinville um aspecto cosmopolita para o movimento, amadurecendo cada vez mais a linguagem da manifestação artísticas, urbana e cultural da grafitagem.

O grafiteiro joinvilense atualmente prioriza, em seus traços urbanos, a ocupação, sobretudo, de locais abandonados e

ruínas, utilizando dela enquanto uma forma de ir contra as propagandas presentes nas cidades (marcas, lojas e anúncios de grandes empresas), bem como ser uma forma não autorizada de explorar o suporte disponibilizado na localidade sendo, como disserta o Gabriel, uma forma de prestigiar a essência do grafite dos anos 80 que, porém, nem sempre é bem aceita pela sociedade onde se insere[60]. Em uma descrição sobre a sua produção atual de grafite e as suas influências contemporâneas para a produção destas apropriações de lugares públicos, Época disserta que:

> G.E.: (...) acredito que, bem, tudo o que eu vivo, assim, na minha vida, me influenciam (...) E pra mim, assim, durante muitos momentos da minha vida eu tive na arte a minha própria relação, assim, sabe? Se bastava eu e o que eu

---

[60] No início do ano de 2016 ocorreu a pichação de um monumento histórico tombado em Belo Horizonte (Minas Gerais), a Igrejinha de Pampulha, que faz parte de um conjunto arquitetônico da cidade, criando uma ampla discussão acerca da intervenção neste lugar. Três pessoas foram indiciadas pelo ocorrido e julgados por crime contra o patrimônio. A intencionalidade aparente de tal pichação se deu pela notoriedade que traria para os seus interventores em registrar as suas marcas neste monumento. Maiores informações acerca do ocorrido se faz disponível em: <http://bhaz.com.br/2016/03/21/docente-da-ufmg-denfende-pichacao-na-igrejinha-da-pampulha-em-bh/>. Acesso em: 21 de mar. 2016. O caso do julgamento pós-ocorrido se faz disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/05/mp-denuncia-tres-por-pichacao-na-igrejinha-da-pampulha-em-bh.html>. Acesso em: 04 de maio 2016. Em Joinville o caso que se teve maior repercussão (e que será melhor abordado posteriormente) fora a grafitagem do edifício tombado da antiga sede da Prefeitura de Joinville ao longo da edição do ano de 2013 do Encontro das Ruas.

> produzia, assim, entende? E isso, dentro de mim ainda, nesse momento que eu to, uau, que é bem de relação mesmo, a minha pintura nasce muito mais dos outros do que de mim (...) Reflexão é... é.. primeiro do que eu, do que eu vejo, eu dentro da sociedade, assim, usar da minha arte para expressar o que eu sou, o que eu sou, mas principalmente, assim, sei lá, para tentar alertar, tentar puxar o foco para outras pessoas que acompanham a minha pintura, que gostam da minha pintura pra certos assuntos, assim, pra certas coisas que eu acho que devam ser pensadas. É a arte assim! (...) eu acredito que, assim, atualmente, meus trabalhos vem se pautando muito na alimentação, geral assim, alimentação do ser humano, na personalidade, assim, tento expressar faces, retratos e tal, egos, coisas de responsabilidade e metamorfose, assim, metamorfose do ser num todo, assim. São as três principais séries que eu... meios condutores q eu me guio, assim, sabe? Tudo o que dizer respeito aos termos: alimentação, personalidade e metamorfose. (ÉPOCA. G. 2016)[61]

A produção do grafite de Gabriel está sobretudo ligada com o contexto político e social presente na localidade onde está inserido, bem como na sua relação pessoal com o lugar, apresentando discussões pertinentes ao tempo no qual vivemos, a exemplo da personalidade e da alimentação, sendo características intrínsecas da atualidade, diferentemente da

---

[61] Alguns dos grafites realizados por Época Mouco, bem como as suas fases e metamorfoses, podem ser encontradas na página do artista na rede social *Facebook*, disponível em: <https://www.facebook.com/epoca.mouco/?fref=ts>. Acesso em: 5 de jun. 2016.

estrutura que prioriza o grafiteiro Sena (estilos de letra) e Igor “Gôri” (que será abordado em seguida) que opta por personagens, o estilo de Época se encontra em constante modificação, uma espécie de metamorfose - como ele mesmo gosta de apontar -, onde os traços que deixa nos diversos suportes joinvilenses chamam a atenção para o foco de sua mensagem de alerta, reproduzindo egos, retratos e partes do corpo enquanto uma forma de expressar-se artisticamente e inserir-se na sociedade por meio de discussões cotidianas (Figura 3).

Figura 3 – Grafitagem de Época Mouco em Joinville.

Fonte: Época Mouco (2016). ÉPOCA MOUCO. Disponível em: <https://www.facebook.com/epoca.mouco/?fref=ts>. Acesso em: 5 de jun. 2016.

Nas pistas destes dois indivíduos que vivenciaram mudanças substanciais da grafitagem, podemos observar outro grafiteiro que pode se encontrar fragmentos sobre a sua participação e contribuição para a trajetória da cena do grafite na cidade, o artista e designer gráfico, Igor Mendes, conhecido pela sua *tag* nas ruas como Gôri, que, segundo uma entrevista concedida ao jornal Notícia do Dia Online (2014)[62], iniciou a sua trajetória no grafite por volta dos anos 2010 e, desde então, espalha pelos diversos espaços da cidade os seus personagens em forma de grafite. Neste diálogo com o grafiteiro a entrevistadora questiona sobre a sua trajetória no cenário local e a sua visão acerca da manifestação urbana na atualidade, sendo respondido que sua arte é democrática e está ali para ser

---

[62] A entrevista completa com “Gôri” se faz disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/plural/graffiti-como-arte-urbana-e-espaco-de-denuncia>. Acesso em: 4 de abril 2016.

não apenas contemplada, mas alterada por qualquer cidadão e/ou pelas mudanças urbanas (NOTICIAS DO DIA. 2014), o que acaba por salientar a efemeridade da prática e a sua vulnerabilidade cotidiana, sendo, por assim, uma arte em constante mudança. Este espaço na coluna "Plural" do jornal Notícias do Dia, escrita pela jornalista Ana Paula Keller, serviu também para o estudante divulgar uma de suas formas de incentivo para se conhecer a prática, a história e os praticantes do grafite (em Joinville, no Brasil e no mundo) por meios de cursos e oficinas na cidade que este recebe como convite para desenvolver em alguns institutos/escolas na cidade. Buscando entender melhor a participação, a inserção e a visão do grafiteiro Gôri[63] sobre esta modalidade de apropriação artística, cultural e urbana, fora realizada uma entrevista com o artista por meio do uso da História Oral, o que acabou por ampliar o conhecimento – assim como estes fragmentos de entrevistas presentes nas mídias locais – acerca da trajetória e mudanças da grafitagem joinvilense.

Igor "Gôri" Mendes nasceu em Matinhos, no litoral do Paraná, e mudou-se junto com a família para Joinville no ano de 2011, quando possuía apenas oito anos de idade, hoje, com

---

[63] A entrevista realizada com o grafiteiro ocorreu no ano de 2016 nas dependências da Biblioteca da Universidade da Região de Joinville (Univille), o contato com o grafiteiro se deu pelo uso da rede social *facebook* e pela sua constante presença em eventos relacionados ao grafite.

vinte e três anos trabalha com a sua área de formação, Design Gráfico, e realiza diversos trabalhos de grafite na cidade, sendo um dos principais nomes joinvilense do estilo. Ao longo da entrevista concedida por Gôri, algumas questões foram elencadas para entender como se deu a introdução dele com o Grafite o que, por final, se mostrou bem distante da forma que o grafiteiro Sena teve como primeiro contato, sendo fruto da época, como discutido anteriormente, onde o grafite colhia de um período bom e de maior conhecimento da sociedade local, principalmente por já existirem (tanto em Joinville, quanto no Brasil) uma maior visibilidade para a grafitagem, tanto por meio de reportagens midiáticas e conteúdo da/na *internet*, assim como pela formação de vários grupos de grafite em diversos espaços. Na busca destas pistas o grafiteiro descreveu o seu contato com a prática, informando que:

> I.G.: É... quando eu morava no bairro que eu vim pra cá, no Aventureiro, eu via pela cidade e teve uma época que tava meio forte essa... essa ideia assim de dança de rua...
> (...)
> I.G.: De ser b-boy [dançarino do Movimento *Hip*-Hop] e rolava muita rodinha assim dentro da escola, então daí, naquilo dali eu comecei a me interessar, digamos, pelo Hip-Hop, gostar de rap, usar as roupas tal, e o desenho ele já me acompanhava assim né? Então eu desenhei aí, nessa época assim de escola eu desenhei. Aí depois aquilo foi morrendo, morrendo por um tempo mas eu sempre olha assim, tinha... eu,

> bastante pichação, pessoal trabalhava com tag, fazia umas tags assim, fazia uns bombs e... eu olhava aquilo e me interessava assim. Daí com o tempo, até... foi... aos dezessete anos, aos dezesseis anos mais ou menos eu comecei a desenhar pensando – "Pô agora eu vou fazer grafite" sabe?
> (..)
> I.G.: Daí eu comecei a me interessar, ler mais, conheci o Paulo Pincel, que foi um cara que me apresentou assim... que me botou pra pintar e daí eu fui vendo os trabalhos, começando a acompanhar as coisas...
> (..)
> I.G.: Até que um dia ele me deu duas latas lá e eu comecei a pintar, daí vi que o negócio era muito legal assim, tipo, aquela sensação de apertar o spray e foi... é isso! Sabe? Tipo daí comecei a fazer e cada vez mais foi ficando dentro da vida. Hoje em dia é bem constante assim...
> (...)
> I.G.: Tipo... o estilo de vida é esse, sabe? Tipo é, grafite vinte e quatro horas. (GÔRI, I. 2016)

A narrativa de Gôri sobre o seu contato no universo do grafite se dá por meio do cenário em desenvolvimento do Movimento do *Hip-Hop* na cidade de Joinville, onde, por volta dos anos de 2006 em diante, já existia, na localidade, eventos destinados à modalidade, como, por exemplo, alguns encontros de rima e dança na loja Brixton (como o *Hip-Hop* Festival). É principalmente o Encontro das Ruas, que abraçava os elementos do *hip-hop* como uma forma de expor esta manifestação, assim como de promover a interação e o contato

entre os seus manifestantes, tais possibilidade (dentre outras) espraiavam as concepções, estilos, vivências do universo em questão para outras localidades, não apenas para um local específico, a exemplo da escola. Como relatado por Gôri a presença de *tags* (mesmo em forma de pichação) já se fazia presente em diversos pontos da cidade, depois os *bombs* (uma forma de escrita rápida do grafite) que facilitavam a comunicação e o contato de simpatizantes e/ou curiosos sobre esta forma de apropriação urbana, outro ponto que se faz interessante nesta narrativa é a facilidade de adquirir materiais temáticos e, todavia, de estabelecer contatos dentro da cena do grafite (diferentemente da mencionada pelo Sena e/ou pelo grafiteiro Época Mouco), a exemplo do facilitador proporcionado pelo artista urbano Paulo Pincel[64], neste sentido se faz perceptível uma espécie de "pedagogia do grafite", onde os indivíduos mais experientes ensinam e criam ramais de contato com os grafiteiros mais jovens e novatos.

Neste ambiente joinvilense que, aparentemente, se apresentou de forma mais receptível ao grafite e, como mencionado, com eventos específicos para a modalidade o jovem designer gráfico fora tendo o seu contato com a

---

[64] O artista Paulo "Pincel" Agostini, segundo a narrativa de alguns grafiteiros locais, seria da mesma geração de Wendel Sena, onde esta prática urbana seria pouco valorizada e/ou conhecida na região.

grafitagem e, principalmente, estabelecendo redes de contato com outros e outras grafiteiros/as que permeavam a cidade catarinense, utilizando deste(s) momento(s) para experienciar o grafite, assim como de trocar informações, conhecer técnicas e familiarizar-se com o movimento, projetando-o para um estilo de vida que saiu do *hobby*, para uma prática presente em seu cotidiano. Tal constatação fica bem presente em sua fala, como podemos notar a seguir, quando ele explica como foi esse contato com o grafiteiro mais antigo e as suas primeiras experiências com o grafite.

> I.G.: Aí eu conheci o Paulo, daí eu, tipo, era, tipo, adolescente assim, né. Fazia os meus roles, tipo, fazia as outras coisas, nada vê com o negócio, só que eu gostava de desenhar! E tempo vaga em casa, desenhava, tinha um trabalho, desenhava, daí eu comecei a pegar aquilo né? E fui me aproximando assim, e daí teve o Encontro das Ruas que o Paulo Pincel participou como um convidado, que teve o Paulo Pincel e o Sena que participou como convidados, duas pessoas aqui de Joinville.
> I.G.: Daí pensei né, vou lá ver né. Então daí né, o primeiro Festival de Dança e o Encontro das Ruas que eu peguei foi como, como expectador assim também. Eu visualizei, fui lá pintava, e as pessoas de fora também pintaram, sabe? Eu vi de perto – "Meu, que louco isso daqui!" – sabe? Tipo, vendo aquilo. Como que eu vou fazer isso? Vendo umas técnicas. Eu gosto muito dos traços finos, vendo – "pô, o cara tira tals, desse jeito" – outra pessoa "Pô, legal, é assim que se faz? É assim que fica, né? Não precisa ser tão

> certinho assim! De longe é melhor de ver" – vendo as coisas assim né? (GÔRI, I. 2016)

Essas formas de contato e redes construídas por grafiteiros emergem diversas vezes na memória de Igor, principalmente acerca da construção de laços afetivos com outros praticantes na cidade, na criação de grupos de grafitagem que pintam e trocam informações juntos, realizando encontros independentes e/ou fazendo circular informações dentro da *crew* (grupo) por meio de redes sociais ou materiais presentes na *internet*, facilitando assim o contato entre os adeptos desta manifestação artística, cultural e urbana em Joinville. O artista urbano é conhecido, atualmente, pelo seu estilo de grafite que utiliza de um personagem que interage com o contexto e o suporte que é pintado, sendo facilmente identificado como uma obra sua, tendo em vista as características, cores e formas dos elementos que compõem o desenho, segundo ele, a forma humanoide de sua obra (ver Figura 4) facilita a aproximação dos espectadores e transeuntes, tendo uma maior relação com estes o que, segundo ele, não ocorre, por vezes, com grafiteiros/as que optam por especializar-se somente em estilos de letra.

Figura 4 – Grafite de Igor “Gôri” na Rua Juscelino Kubitscheck (Centro) - Joinville

Fonte: Igor “Gôri”. Disponível em: <https://www.facebook.com/igorgori/photos/a.590734297658596.1073741827.566373520094674/1083847718347249/?type=3&theater>. Acesso em: 05 de jun. 2016.

> I.G.: Do tempo que eu comecei assim, tipo, meu trabalho é um pouco mais aceito assim pelas pessoas porque eu geralmente quando pinto ilegalmente eu vou lá faço, começo com um rosto, sabe? Ai a pessoa pensa, pô o cara tá desenhando uma forma humana tá tranquilo.
> (...)
> I.G.: Basicamente isso assim, tá desenhando um rosto, vai desenhar pessoa tá de boa, agora tu vai desenhar letra é complicado. Desenho letra também e eu entendo isso né? (GÔRI. I. 2016)

Mesmo como uma maior aceitação acerca do grafite na cidade alguns dilemas continuaram, como pode ser percebido na menção anterior da entrevista do grafiteiro, alguns aspectos da grafitagem, como o modelo estilizado que prioriza a estética de uma escrita colorida e tridimensional, pode causar, mesmo com a sua estética diferente dá prática do picho, estranhamento para o público que a observa, tendo em vista que ela necessita de um conhecimento prévio para ser entendida, onde o indivíduo precisa decodifica-la. Neste aspecto de repressão o jovem relata também que enfrentou sérios problemas com os moradores da cidade, sobretudo, de violência e ameaças policias e também de investidas de moradores que não entendiam o que Gôri estava fazendo, nas palavras dele ele não consegue compreender tamanha violência por causa de um muro pintado, tais elementos ficam claros no relato do autor urbano quando salienta que:

> I.G.: Já tive represaria, assim, de morador, já teve uma época que já foi mais difícil, sabe, agora lembrando assim que, tipo, teve amigo que tava sendo contratado pelo cara para pintar uma porta de ferro, veio a polícia com arma na cabeça dele. Teve outro lugar a gente tava pintando também é... autorizado uma mecânica, Mecânica Berta, chegou polícia e ficou apontando arma pra gente até chegar, até que o cara, depois de uns dez, quinze minutos, saiu de dentro do negócio e falou que a gente tava autorizado. Teve caso de pessoas que o muro, digamos, estava autorizado, assim, era todo zoado, a gente começou a pintar, saiu o cara assim, cinco pessoas com enxada, com foice, pra bater na gente, sabe? Mandando a gente embora é... mas acho que são momentos assim, né? (GÔRI, I. 2016)

A rica entrevista com o grafiteiro paranaense permite perceber, assim como no caso do grafiteiro Sena, que o grafite serviu como uma forma do jovem se encontrar no meio de um grupo social e cultural que vivencia a cidade da mesma forma que ele, possibilitando ao migrante familiarizar-se com o cenário local e com outros garotos e garotas de faixa etária aproximada (tendo em vista que tiveram grafiteiros – citados – que tiveram experiências migratórias em sua fase adolescente e/ou que se mudaram para a localidade ainda crianças), não sendo uma forma de sociabilidade que fora, todavia, sempre aceita da mesma maneira que ocorre na contemporaneidade, mas um caminho que trouxe diversas dificuldades e barreiras. Na esteira desta discussão, Igor disserta que no início teve esse

contato com o Paulo “Píncel” mas que, posteriormente, começou a pintar junto com amigos de outros bairros, como o “Filipz” do bairro Vila Nova, onde desenhavam em casa, discutiam ideias de pintura, acessavam *links* de vídeos de grafite, dentre outras coisas, nesta troca de experiências e saídas para grafitar acabou por conhecer pessoas diferentes, como um grupo de meninos da Zona Sul joinvilense, o “Pite”, o “Dera” e o “Rolê, onde acabou pintando com estes em uma maior frequência. Essa maior facilidade de encontrar grupos e garotos que simpatizam com os mesmos interesses – tendo as redes sociais e a *internet* como um facilitador – nos faz refletir de como, do início do século XXI até o seu primeiro decênio a arte urbana local teve uma modificação relevante e uma ampliação do número de jovens que adotaram este(s) estilo(s) de vida, demonstrando que nesses espaços urbanos ocupados por estes grafiteiros, assim como disserta Alexandre Barbosa Pereira (2007) quando fala da cena da pichação em São Paulo, “(...) atores sociais conseguem subverter o uso estabelecido inicialmente para determinados locais, criando novas formas de apropriação da cidade e seus equipamentos”, o que dá uma ampla visibilidade ao movimento.

As informações que emergem da narrativa destes grafiteiros e a memória que estes elencam por meio do uso da História Oral, podem, assim como evidencia a historiadora

Verena Alberti, contribuem para “(...) reconstituir processos decisórios e revelar informações que de outra forma se perderiam” (ALBERTI, 2000, p. 2), apresentando as subjetividades e as experiências individuais que são valorizadas por componentes de grupos sociais, ampliando a compreensão do passado bem como uma análise crítica acerca da narrativa e representação do passado, e a relação destas memórias outras fontes disponíveis. A História do Tempo Presente, munindo-se da riqueza das fontes orais, possibilita ao pesquisador manter contato com o testemunho vivo de seu objeto de estudo, tornando-se um adicional às múltiplas aberturas desta perspectiva histórica. Marieta de M. Ferreira, de maneira assertiva, apresenta a relação entre o uso destas duas possibilidades investigativas, onde:

> A história do tempo presente, perspectiva temporal por excelência da história oral, é legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão históricas; na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes, e a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes; a narrativa, a forma de construção e organização do discurso são valorizadas pelo historiador, pois, como lembrou Alessandro Portelli, fontes orais são fontes narrativas. (FERREIRA, M. M. 2012; 172)

Ambas historiadoras percebem na história oral a possibilidade do registro de testemunhos e de, como apontado por Verena Alberti, “histórias dentro da história” que acabam por ampliar as possibilidades de interpretação do passado. Nesta perspectiva, tal metodologia se apresenta enquanto uma maneira de conhecer e registrar possibilidades narrativas que se manifestam em diferentes grupos e camadas sociais (ALBERTI, 2008, p. 164). No caso do Grafite joinvilense, a História oral, em conjunto com outros materiais, possibilitaram (re)conhecer, por exemplo, a trajetória de tal prática na e para a cidade, utilizando do testemunho de seus praticantes e a memória que são mobilizadas por estes, assim como a rede de sociabilidade que pode ser aberta, desencadeando, por assim, novas oportunidades de entrevistas e de conhecimento para o campo histórico e historiográfico local. Como citado anteriormente, apesar da riqueza introdutória disponibilizada por tais produções midiáticas locais, e as narrativas que são apresentadas nestas se fazem ainda carentes de uma análise crítica destas representações de passado e presente anunciadas, outro elemento contributivo ao recorrermos a História Oral é a relação que está possibilita com outras fontes.

> Reconhecer os paradigmas que estão na base da História oral não implica renunciar a sua capacidade de ampliar o conhecimento sobre o

> passado. Ao contrário, saber em que lugar nos situamos ao trabalhar com determinada metodologia ajuda a melhor aproveitar seu potencial. Uma das principais vantagens da História oral deriva justamente do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu. Esse mérito reforça a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e divulga entrevistas, pois é preciso ter claro que a entrevista não é um 'retrato' do passado. (ALBERTI, V. 2008; 170)

Esta anunciação de Alberti se faz extremamente rica para a elucidação de como a presente metodologia em discussão apresenta-se enquanto uma forma indispensável para a contribuição do conhecimento acerca do Grafite em Joinville e a cautela necessária para com a mesma, estes elementos, que saltam das narrativas destes atores e autores, servem enquanto uma rica fonte de análise e problemática, que compõem o corpo documental do uso da História Oral e da perspectiva da História do Tempo Presente, capacitando o estabelecimento, por exemplo, de pontes e diálogos com as historiografia local, sobretudo acerca dos fluxos de pessoas e ideias que transitaram e transitam Joinville em um tempo recente, bem como para entender as mudanças em práticas culturais e sociais existentes na urbe contemporânea. Estes elementos citados, tanto no primeiro exemplo, assim como no segundo, visam apresentar a notória diferença e preocupação entre uma entrevista e

produção jornalística que, no caso, se faz extremamente valiosa para abrir pistas e servir enquanto um material de consulta, e a capacidade teórica e metodológica do uso da História Oral e o aprofundamento que esta pode proporcionar ao campo científico e ao historiador.

As possibilidades que podem ser abertas com a adoção da História Oral, como, por exemplo, a capacidade de conhecer elementos e trajetórias históricas, do presente e do passado, que não poderiam ser explorados de outra maneira, tendo em vista o tema pesquisado e discutido no presente trabalho, o grafite no cenário urbano de Joinville, se tornam uma ferramenta fundamental para a ampliação do conhecimento histórico local, abrindo novas interpretações e investigações acerca desta modalidade de expressão artística e cultural recente, bem como o aprofundamento de questões pertinentes ao contexto atual da cidade, sendo a grafitagem, os grafiteiros e o Movimento do *Hip-Hop* elementos pulsantes e notórios em diversos espaços desta cidade catarinense que estabelecem diversos diálogos locais e globais.

2.3 DISCURSOS MIDIÁTICOS ACERCA DA GRAFITAGEM JOINVILENSE

As mídias joinvilenses (tanto jornais convencionais – impressos ou digitais – quanto sítios eletrônicos sobre a cidade) trazem, constantemente, discussões que revelam os múltiplos aspectos cotidianos presente nas diversas regiões urbanas de Joinville, dentre estes mais variados elementos apresentados e, muitas vezes, discutidos por esses meios de comunicação estão, de maneira esporádica e pontual, os grafites nas mais diversas regiões de Joinville[65]. Dentre os discursos midiáticos apresentados por estes veículos sobre esta prática cultural, artística e urbana podem ser elencados textos que abordam a diferença entre grafite e pichação, surgimento de novos grafites na cidade, a presença de grafiteiros joinvilenses em outras cidades brasileiras divulgando o seu trabalho, entrevistas com grafiteiros e, por vezes, discussões políticas acerca da grafitagem.

A exemplo de uma destas discussões que tem a mídia como suporte, uma reportagem presente em um dos arquivos

---

[65] Foram analisados jornais entre os anos de 2001 (onde fora encontrada uma discussão mais ampla sobre grafite e pichação) e o período que compreendeu o Encontro das Ruas (2006-2013), bem como abordagens midiáticas mais recentes após 2013.

digitais do jornal A NÓTICIA (2001) [66], sendo esta intitulada "Pichadores exageram e dividem opiniões", apresenta, para além de uma discussão envolvendo uma artista plástica (Linda Poll) e o ex-presidente da Fundação Cultural de Joinville (Edson Machado) acerca da presença do grafite e da pichação na cidade, opiniões populares sobre a temática e sugestões de leituras (de outras matérias) que falam de casos onde pichadores tornaram-se grafiteiros. O conteúdo dos materiais apresentados neste material busca, aparentemente, frisar bem o que é a pichação e o que é a grafitagem, tendo em vista que, a todo momento que se fala de pichação emergem as adjetivações de "vandalismo", "delinquência" e "criminoso", sendo em diversos momentos elencado alguns dos artigos do Código Penal brasileiro que se refere ao picho, por outro lado, nesta reportagem, diversos discursos apontam o grafite enquanto arte, enquanto belo, mas que para alguns entrevistados necessita de uma permissão prévia para a sua existência[67]. O título da notícia se apresenta de maneira

---

[66] O arquivo com a reportagem e as sugestões de leitura estão disponíveis em: <http://www1.an.com.br/2001/jan/22/0cid.htm>. Acesso em: 27 de set. 2014.

[67] Assim na introdução do presente trabalho, tanto o Grafite, quanto o Picho se fazem presentes no âmbito da marginalidade e do vandalismo em caso de serem realizados em locais sem o consentimento do proprietário ou do órgão/setor competente, o grafite, sobretudo, se faz descriminalizado, em caso do cumprimento destas circunstâncias a partir da Lei nº 12.408, de 25

extremamente tendenciosa, construindo circunstâncias para uma análise direcionada do picho, sobretudo pelas legendas e citações de locais pichados, deixando nítido (pela visão da matéria), por diversas vezes, o seu caráter destrutivo, contra a "ordem" e que causa diversos prejuízos para a sociedade joinvilense, se faz mister salientar que são convidados pessoas interessas na presente discussão sobre pichação e grafite, como a artista plástica Linda Poll e o ex-presidente da Fundação Cultural de Joinville, Edson Busch Machado, bem como alguns moradores e proprietários de comércios da cidade para versarem sobre o assunto. Da mesma forma que existe a tentativa de adjetivar e caracterizar a prática do Picho, se tem a mesma intencionalidade para com o Grafite, onde – ao lado do compêndio de notícias – se tem falando as qualidades e benefícios de um "bom grafite" e da necessidade de ser uma prática autorizada. Tais elementos e discussões são representadas por uma fotografia (Figura5) de uma pintura na lateral de um estabelecimento da cidade, não deixando claro para o/a leitor/a qual seria essa expressão (Grafite ou Picho?), mas expressando que se trata de um ato de "vandalismo".

---

de maio de 2011 que altera o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.

Figura 5 – Pintura do muro da auto mecânica Concórdia.

Fonte: ANOTICIA (2011). Disponível em: <http://www1.an.com.br/2001/jan/22/0cid.htm>. Acesso em: 27 de set. 2014.

> André Luiz da Silva, 19 anos, office-boy. "O grafiteiro que faz seus desenhos em lugares especialmente criados não está agindo contra a lei. Em Curitiba existem dezenas de locais destinados a essas pessoas. Em Joinville, não conheço nada parecido".
> (...)
> Luzia de Souza, 23 anos, estudante. "Depende do que foi feito. Gosto de observar alguns dos desenhos feitos por essas pessoas. Detesto as vulgaridades e os palavrões". (ANOTÍCIA. 2001)

Além destes dois comentários realizados por pessoas que não vivem a prática (de dentro) do grafite ou da pichação, mas que possuem opiniões acerca de ambas – por transitarem em locais com a presença destas - a mesma notícia traz o

discurso de grafiteiros, a exemplo de André Leal (Faísca) que salienta que:

> A grafitagem, explica Faísca, é trabalhar com uma latinha de spray, canetas ou pistolas, fazendo desenhos em prédios, muros, pranchas, rapel e outros locais, dependendo do gosto.
> Ele faz um alerta: "Apesar de ser uma arte, a grafitagem somente pode ser feita com autorização". Caso contrário, vira pichação, que é só depredação. Embora critique a pichação, Faísca conta que entrou para o mundo da arte através dela. "Mas eu era pequeno", lembra. Hoje ele percebe que pichar não leva a nada e "não passa de um ato de vandalismo". (ANOTÍCIA.2001)

A fala do grafiteiro descrita pelo jornal, em conjunto com os demais pontos que foram já ressaltados sobre a reportagem, intensifica a visão de que, entre o grafite e a pichação, entre a “arte” e o “vandalismo”, se deve priorizar o primeiro, porém este deve estar sob um aval e sem a intenção de subverter a cidade ou, assim como segundo, acaba por tornar-se criminal. Tal distinção, presente na fala do grafiteiro, se faz uma maneira de legitimar a grafitagem enquanto arte e fazer uma distinção clara para com a pichação, salientando bem um distanciamento ou uma divisão entre elas. Para além destes discursos, a reportagem também apresenta como esta modalidade do grafite pode ser rentável ao seu praticante (caso ele tenha a permissão de realiza-lo), afirmando que “A

grafitagem é uma profissão como qualquer outra, diz Faísca, e garante o seu ganha-pão. Conta que chega a faturar em torno de R$ 2 mil a R$ 2,5 mil por mês" (ANOTÍCIA. 2011), outros relatos midiáticos também apresentam como o grafite pode ser uma prática que, para além de seu caráter artístico e de sua "maior aceitação" na sociedade, se pode tornar uma modalidade de trabalho para os seus praticantes, sobretudo de forma autorizada, ou um *hobby*.

O jornal Notícias do Dia (2013)[68], por sua vez, em sua matéria intitulada "A grafitagem se expande como uma arte de rua e questionadora", apresenta uma discussão, para além da que se torna pertinente ao tema pesquisado neste trabalho, que apresenta as mudanças (em Joinville) da percepção do grafite e seus usos na vida cotidiana da localidade, principalmente pelo seu caráter político e contestador. Segundo o conteúdo do jornal:

> O grafite, a arte de pintar muros, paredes e demais espaços onde for possível, sempre foi marginalizada e confundida com a pichação. Mas, de uns tempos para cá, essa expressão urbana passou a ser melhor vista por olhos que um dia a condenaram, embora ainda exista

---

[68] A reportagem "Pichadores exageram e dividem opiniões", na integra, se apresenta disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/plural/120440-agrafitagem-se-expande-como-uma-arte-questionadora>. Acesso: 20 de set. 2014.

> muita confusão e preconceito em torno dos conceitos que a envolvem e definem.
> Ainda não é possível comparar a produção local com São Paulo ou qualquer outra metrópole, mas em Joinville o grafite está se tornando, aos poucos, muito mais presente no contexto e na paisagem urbana. (NOTÍCIAS DO DIA. 2013)

Este trecho do material demonstra que, diferente do que fora abordado em 2001, a percepção do uso do grafite "começou" a se alterar com o tempo, não sendo uma exclusividade de Joinville ou mesmo de São Paulo (quando se trata do caráter artístico da modalidade), mas apresentando-a enquanto um cenário que pulsa na cidade e se modifica junto com ela. Ao longo do material, se discute que, para além da ampliação do número de grafites encontrados, também ocorreu o aumento do número de grafiteiros, sendo atribuído à *internet* enquanto um facilitador para se ter um contato mais aprofundado com o seu cenário e as suas técnicas (NOTÍCIAS DO DIA. 2013), bem como uma possibilidade de renda ao seu/sua praticante[69].

---

[69] Segundo o relato do grafiteiro entrevistado no corpo do texto, Wendel Sena, algumas pessoas contratam o serviço da grafitagem para transformar determinados ambientes (como quartos) ou comércios, onde se cobra a mão-de-obra (dependendo do tamanho do desenho e da parede) e o material, "(...) uma parede de um quarto sai por uns R$ 350. Só de material vai uns R$ 100" porém ainda convivendo sob o olhar "(...) sob olhares conservadores que chamam a polícia" (NOTÍCIAS DO DIA. 2013).

A reportagem apresenta que, assim como em outras localidades brasileiras e mundiais, o grafite em Joinville também possui grupos e coletivos com percepções e ideias de cidade específicas, a exemplo do “Pinte e Lute”, composto por grafiteiros experientes e novatos, surgindo “(...) com alguns integrantes do Movimento Passe Livre e outros interessados em abordar temas de interesse popular e fundar um coletivo que pudesse dar apoio visual às lutas dos movimentos sociais” (NOTÍCIAS DO DIA. 2013), fazendo críticas políticas com temáticas locais e nacionais e usando de sua página em rede sociais[70] para divulgar as suas pinturas. Segundo os participantes do Coletivo entrevistados no conteúdo da matéria:

> Todos opinam e ajudam escolher desenhos e locais onde serão feitos os grafites (...) A idade de grafitar muros e abordar temas sociais foi inspirada em países como o Chile, onde a expressão é mais tradicional. No Brasil, existem coletivos em São Paulo, Rio Grande do Sul e Estados do Nordeste” (NOTÍCIAS DO DIA. 2013).

---

[70] A página da rede social *Facebook* do coletivo Pinte e Lute apresenta as múltiplas intervenções promovidas pelo grupo, bem como diversas discussões políticas contemporâneas concretizadas em forma de grafitagens, pichações e muralismos, tendo, por exemplo, pautas como “Protesto não é crime”, “Não à terceirização” e fortalecimento dos movimentos operários e estudantis. Maiores informações sobre o coletivo se fazem disponível em: <https://www.facebook.com/pintelute/?fref=ts>. Acesso em: 3 de jul. 2016.

O coletivo Pinte e Lute, para além da intervenção mencionada no corpo do texto da notícia – grafitagem sobre o cancelamento do Dia da Consciência Negra na cidade (Figura6) –, realizou intervenções acerca do processo de terceirização da classe trabalhadora, acerca dos processos políticos nacionais entre os anos de 2015-2016, discussões sobre Gênero e Educação, assim como chamadas para o Movimento Passe Livre e o aumento do preço das tarifas de ônibus[71]. A criação de um coletivo de grafiteiros, pautados sobretudo pelos ideais anarquistas da coletividade e com o foco na divulgação, por meio do grafite, das lutas de diversos grupos e movimentos sociais brasileiros demonstra diferentes maneiras de uso do grafite na localidade, bem como que a divulgação da existência deste(s) grupos na cidade por uma mídia tradicional, como o jornal Notícias do Dia (do grupo RIC/RECORD), demonstra a impossibilidade de ignorar estes indivíduos e estas práticas na Joinville do século XXI.

---

[71] As imagens referente à estes grafites estão disponíveis na Página do Coletivo Pinte e Lute na rede social *Facebook*: <https://www.facebook.com/pintelute/>. Acesso em: 03 de jul. 2016.

Figura 6 - Grafitagem do coletivo “Pinte e Lute” acerca do cancelamento do “Dia da Consciência Negra” no ano de 2013.

Fonte: Carlos Junior/Notícias do Dia (2013). Disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/plural/a-grafitagem-se-expande-como-uma-arte-questionadora >. Acesso: 20 de set. 2014.

Dentro da página aberta do coletivo, existem fotos de passeatas, atos nacionais e locais, presença em diversos protestos que envolvem questões pertinentes para a juventude contemporânea, desde expressões políticas como “Fora Temer” a luta contra o fechamento de terminais rodoviários e/ou de transportes coletivos (a exemplo do terminal do bairro Nova Brasília em Joinville), igualdade e a não violência de gênero e a luta por direitos (de diversas camadas) – ver Figura7 -, as pinturas e intervenções do Pinte e Lute se fazem espalhadas por diversas localidades da cidade de Joinville, como escolas e fachadas de estabelecimentos abandonados, assim como em

bairros centrais e periféricos, levando cores chamativas e elementos imagéticos que expressam bem os seus objetivos, mesclando estilos de personagens e letras/escritas. Sem a intencionalidade de promover uma discussão mais aprofundada e detalhada acerca do Coletivo e a sua página pessoal, o grupo utiliza desta enquanto uma forma de expressar e circular informações entre jovens simpatizantes do grafite e do picho, do *skate*, bem como informações sobre o Movimento Passe Livre e os encontros e movimentações promovidas por este para defender as suas bandeiras e objetivos políticos, sociais e culturais. Toda esta discussão presente no sítio eletrônico se faz tanto em forma de textos, debates entre os membros da página, disponibilização de materiais informativos, fotografias, bem como por uma estruturação de uma rede que se espalha e circula entre diversos grupos.

Figura 7 – Intervenções políticas do coletivo Pinte e Lute.

Fonte: Coletivo Pinte e Lute. Disponível em: <https://www.facebook.com/pintelute/photos>. Acesso em: 01 de jun. 2016.

Além deste coletivo, a reportagem salienta acerca de jovens que iniciaram – em conjunto –, por volta dos anos 2000, na grafitagem e foram agregando, paulatinamente, novos

integrantes em seus grupos para grafitarem tanto em forma de grupos, bem como de forma separada e individual. Outro conteúdo pertinente na reportagem do Notícias do Dia (2013) se dá por uma breve conceituação do que é "Grafite" e "Pichação" (tema abordado anteriormente no capítulo), locais de socialização acerca do grafite e do Movimento Hip-Hop[72], assim como a discussão penal acerca de ambos (aparentemente sem ser tendenciosa e/ou adjetivando-as como em outros conteúdos midiáticos – "arte", "criminoso", "vandalismo" e etc. –).

Outros veículos da mídia local joinvilense, para além destes materiais elencados anteriormente, optaram também por disponibilizar espaços em colunas específicas ou matérias sobre a prática do Grafite, sobre locais que foram grafitados e intervencionados, bem como a divulgação de eventos e encontros relacionados a ela[73]. A coluna "Orelhada" do jornal

---

[72] A reportagem comenta sobre a loja especializada em artigos e vestuários do *Hip-Hop* chamada "Brixton Urban" onde um de seus comerciantes incentiva o cenário do grafite local (NOTÍCIAS DO DIA. 2013), como o "Hip Hop Festival" (citado anteriormente) e encontros de simpatizantes na própria loja (localizada no Centro de Joinville). O conteúdo completo da reportagem se faz disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/plural/graffiti-como-arte-urbana-e-espaco-de-denuncia>. Acesso em: 4 de abril 2016.

[73] Ao longo do terceiro capítulo deste presente trabalho, intitulado "O Encontro das Ruas e o Festival de Dança", serão disponibilizadas as formas que as mídias tradicionais e digitais abordaram o evento de grafitagem/hip-hop.

A Notícia, escrita pelo jornalista e colunista joinvilense Rubens Herbst, por exemplo, se apresenta enquanto um espaço midiático que oferece (aos leitores e leitoras) o conhecimento de diversos aspectos do cenário cultural de Joinville, desde lançamentos de músicas e shows de bandas locais, até eventos artísticos na cidade. Pautando neste último, eventos locais, a "Orelhada" trouxera, sobretudo por meio digital, textos relacionados ao grafite, aos encontros de grafiteiros e grafiteiras e alguns locais grafitados nas diversas áreas urbanas joinvilense.

Dentre os materiais e discussões presente no jornal e na coluna podem ser elencadas as seguintes reportagens, "O que dizem as ruas" (ANOTÍCIA. 2014), "Nos muros da favela" (ANOTÍCIA. 2014), "Grafite falado" (ANOTÍCIA. 2014), "Mural abaixo" (ANOTÍCIA. 2015), "Acadêmicos do grafite" (ANOTÍCIA. 2015), "Ocupação tamanho gigante" (ANOTÍCIA. 2015) e "A dança agora é na praça" (ANOTÍCIA. 2015). A primeira matéria mencionada, "O que dizem as ruas"[74], o colunista Rubens Herbst salienta sobre a produção de um material audiovisual intitulado "O artista tá na rua", sendo este contemplado pelo Sistema Municipal de Desenvolvimento a Cultura (SIMDEC) do ano de 2013,

---

[74] Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/04/10/o-que-dizem-as-ruas/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 20 de fev. 2015.

abordando múltiplas manifestações artísticas urbanas presentes em Joinville, especialmente do *Hip-Hop*, do Grafite e da Dança da Rua. Por sua vez, "Nos muros da favela"[75], disserta sobre a presença do grafiteiro joinvilense Paulo "Pincel" no evento "*Meeting of Favelas"*[76] na cidade de Duque de Caxias (Rio de Janeiro) deixando a sua marca junto com outros convidados, tal exemplo, sobretudo, demonstra a circulação de alguns grafiteiros locais em eventos nacionais, bem como a ampliação do movimento do grafite para além da própria Joinville e o seu contato com outros artistas urbanos.

O conteúdo das matérias "Grafite falado"[77] e "Acadêmicos do Grafite"[78] comentam aspectos da trajetória no grafite do joinvilense Igor "Gôri" Mendes, sendo este contratado para realizar alguns trabalhos comerciais, bem como, na segunda reportagem, acerca do Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico em Design Gráfico, onde

---

[75] Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/12/04/nos-muros-da-favela/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso: 20 de fev. 2015.

[76] O evento "*Meeting of Favelas*" segundo o sítio eletrônico Mistura Urbana (2014) é considerado o maior evento comunitário do mundo, onde reúne antigos e novos grafiteiros para exporem a suas ideias na Vila Operária na cidade de Duque de Caxias (RJ), maiores informações sobre o assunto estão disponíveis em: <ttp://misturaurbana.com/2014/12/meeting-of-favela-2014/>. Acesso em: 03 de jul. 2015.

[77]Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/04/05/grafite-falado/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 23 de fev. 2015.

[78]Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/12/01/academicos-do-grafite/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 20 de fev. 2015.

este uniu as aprendizagens na academia com o grafite, recriando uma imagem acerca da desigualdade social por meio da comunicação urbana.

Em contexto da Copa Mundial de Futebol no ano de 2014 (realizada no Brasil), a coluna produziu um texto ("Mural abaixo"[79]) acerca da grafitagem temática em tapumes de uma construção abandonada na Rua Ministro Calógeras (próximo a região central da cidade), onde fora expressado, por meio desta manifestação urbana, opiniões sobre o evento e as manifestações ocorridas em diversas cidades brasileiras no mesmo ano (Figura 8), sendo estes grafites retirados (por "coincidência", segundo o autor da coluna) um dia antes da estreia da seleção brasileira na Copa (Figura 9), sendo colocado em seu lugar uma propaganda de empreendimento e, posteriormente, de uma construtora.

---

[79] Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/06/13/mural-abaixo/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 20 de fev. 2015.

Figura 8 - Mural em tapumes grafitado na Rua Ministro Calógeras (próximo ao centro de Joinville) acerca da insatisfação com a Copa do Mundo de 2014.

Fonte: Elaborada pelo autor (2014).

Figura 9 - Situação do antigo local grafitado na Rua Ministro Calógeras após o início do evento da Copa do Mundo de Futebol.

Fonte: Elaborada pelo autor (2014).

As reportagens “Ocupação tamanho gigante”[80] e “A dança agora é na praça”[81] abordam sobre eventos locais que possibilitaram a junção de admiradores do Grafite e do Movimento do Hip-Hop em locais específicos da cidade, a exemplo da Cidadela Cultural Antarctica (no bairro América, região central) onde grupos de grafiteiros realizaram intervenções na fachada do local, bem como a notificação da

---

[80] Disponível: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/10/21/ocupacao-tamanho-gigante/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 20 de fev. 2015

[81] Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/06/18/a-danca-agora-e-na-praca/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 20 de fev. 2015.

mudança do Encontro das Ruas no ano de 2014 (tema este abordado posteriormente no terceiro capítulo) e a sua presença nas proximidades da Biblioteca Pública de Joinville.

No ano de 2015, o jornal Notícias do Dia também publicou uma reportagem ("Projeto Arte na Cidade-Gente de Rua irá colorir muro do Sesc na rua Orestes Guimarães em Joinville"[82]) convidando grafiteiros e grafiteiras para pintarem o muro do SESC (na unidade do centro de Joinville), evento este que faz parte do projeto Arte na cidade (2014/2015) e contou com a presença dos irmãos Feitosa (Alexandre e Eduardo), Fábio "Flãen", Gabriel "Época Mouco", Igor "Gori" Mendes, Márcia Camargo, Mariê Balbinot, dentre outros, tendo como exigência da curadoria do evento "(...) que os artistas sejam todos de Joinville, para valorizar os talentos da cidade" (NOTÍCIAS DO DIA. 2015).

Outro caso que ficou extremamente conhecido na mídia local e na sociedade joinvilense fora a crítica política e social realizada pelo grafiteiro Gôri no ano de 2014, onde o jovem grafiteiro realizou grafites que utilizavam como suporte alguns postes de eletricidade espalhados pela região urbana de

---

[82] Disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/plural/225015-projeto-arte-na-cidade-ndash-gente-de-rua-ira-colorir-muro-do-sesc-na-rua-orestes-guimaraes-em-joinville.html?fb_action_ids=1034227986594173&fb_action_types=og.likes>. Acesso: 15 de jan. 2015

Joinville, apresentando a figura de um homem de terno e gravata amarrado neste elemento urbano, sendo uma forma de problematizar a modalidade de "justiça" que ocorreu, no mesmo ano, em diversas cidades brasileiras, onde as pessoas, com o intuito de resolverem algumas acusações criminais da localidade, organizavam-se para castigar e perseguir os/as indivíduos que estavam sob suspeita de algum delito. Este diversos caso de "justiça com as próprias mãos" repercutiu em redes sociais, programas televisivos, rádios, jornais e revistas, mostrando a onda de vingança que tal movimento proporcionou. Neste sentido, a obra do grafiteiro serviu enquanto uma possibilidade de refletir sobre esta atitude, desenhando um homem que não condizia com o estereotipo marcado por estas movimentações de massa – negro, pobre e/ou da favela –, sendo representado um indivíduo, que segundo o seu autor, seria um político e/ou, como nas palavras de Gôri, um criminoso do colarinho branco, persona esta que deveria causar, também, grande espanto e revolta da sociedade em geral. (NOTÍCIAS DO DIA. 2014)[83]. Dentre os elementos que compõem a grafitagem do personagem e o seu caráter

---

[83] A reportagem completa, intitulada "Intervenção de artista questiona 'moda' de prender bandidos em postes, em Joinville", se faz disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/noticias/149051-intervencao-artistica-em-joinville-questiona-moda-de-prender-bandidos-em-postes.html>. Acesso em: 07 de mar. 2014.

reflexivo, o desenho se faz composto da pergunta “JUSTIÇA?”, como pode ser observado na fotografia a seguir (Figura 10).

Figura 10 - Crítica a onda contemporânea de justiça com as próprias mãos em diversas cidades e regiões brasileiras.

Fonte: Luciano Moraes/Notícias do Dia. Disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/noticias/149051-intervencao-artistica-em-joinville-questiona-moda-de-prender-bandidos-em-postes.html>. Acesso em: 07 de mar. 2014.

Para além deste material produzido por jornais e sites que abordam múltiplos conteúdo sobre a cidade catarinense, ocorreu, no ano de 2014, uma campanha da Prefeitura Municipal de Joinville (PMJ) intitulada “Campanha contra o vandalismo”, onde discutia a presença de pichação/grafite em diversos locais da cidade enquanto uma prática marginal (em

seu sentido pejorativo) e que abalava a aparência “acolhedora” joinvilense, tendo que esta(s) prática(s) serem denunciadas e cerceadas. A campanha contou com ao menos três suportes de divulgação, uma propaganda audiovisual[84] (compartilhada por canais abertos, como a RBS – filial da Rede Globo na região sul do país), por meios impressos (jornais locais) e, por último, por *outdoors* espalhados pelas diversas regiões da urbe, contando som um disk denúncia (assim como apresentada na Figura 11).

[84] A propaganda da campanha se encontra na integra no canal do *Youtube* da Prefeitura Municipal de Joinville. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lUk-WD_4DD0>. Acesso em: 27 de set. 2014.

Figura 11 - *Outdoor* da “Campanha contra o vandalismo” presente na Rua Santa Catarina (sentido Sul da cidade) em Joinville.

Fonte: Elaborada pelo autor (2014).

A Campanha contou com uma frase de efeito em todos os seus suportes, sendo esta “Sua cidade é sua casa. Não deixe que destruam o lugar onde você vive”, apresentando o cotidiano de uma família sendo “desordenada” por causa destas intervenções urbanas. A propaganda divulgada tanto por meio das redes sociais da Prefeitura, quanto por canais televisivos, apresentava uma residência sendo invadida por jovens encapuzados que, além de pintar as paredes (fazendo traçados sem objetivos e direção) com tinta em *spray*, quebravam e

arremessavam os pertences da casa desta “família tradicional” (extremamente estereotipada, feliz e ordeira) no chão, criando uma visão pejorativa deste/a(s) jovens. A Campanha e a sua propaganda – assim como algumas notícias abordadas ao longo deste trabalho – enquadraram estas manifestações culturais urbanas de uma forma banal, criando um certo aspecto de pânico na cidade, sendo esta prática “delinquente” e os seus praticantes destruidores da ordem pensada para Joinville (“Cidade das Flores”, “Cidade do Príncipe e da Princesa”, “Capital da Dança”, dentre outros), carecendo estes de serem observados, perseguidos e, sobretudo, normatizados pelo poder público. Outras localidades no Brasil e no mundo tiveram programas e propagandas contra o grafite e a pichação, um dos exemplos, nacionais, que ficaram mais conhecidos foi o projeto “Cidade Limpa” elaborado pelo ex-prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, que apagou diversos grafites da capital paulista, gerando diversos discursos de censura e acusações sobre o Kassab, tendo os grafiteiros e pichadores renomeado o projeto de “Cidade Cinza”, nome este que, inclusive, é o título do vídeo-documentário produzido pelos OSGEMEOS. Na Inglaterra ocorreu um projeto semelhante, onde o governo limpou diversos grafites emblemáticos na cidade, como do ícone britânico da grafitagem, *Banksy*.

Estes materiais midiáticos apresentam aspectos do Grafite na cidade de Joinville e as formas abordadas por estes veículos em seus espaços de publicação acerca da temática, bem como as tênues mudanças e permanências de narrativas sobre este – a exemplo da necessidade de ser permitido, de ser regulado e, sobretudo, de denunciar qualquer desvio da ordem que seus/suas praticantes possam realizar–, mas que, com estes olhares, acabam demonstrando, todavia, uma ampliação do cenário da grafitagem na localidade, tanto por meio da divulgação de eventos específicos, de encontros temáticos, de grupos existentes, de entrevistas com grafiteiros e com a exposição de lugares que demandam grafites em suas faixadas, o que, por sua vez, contribuiu para a discussão sobre esta manifestação artística, urbana e cultural, sendo assim é neste cenário diverso que a prática do grafite se desenvolve em Joinville.

3. O ENCONTRO DAS RUAS E O FESTIVAL DE DANÇA

> O Festival de Dança de Joinville chega, em 2006, à 24ª edição como um dos mais completos eventos do gênero no Brasil e na América Latina, reunindo variados aspectos da dança. Na parte competitiva, mais do que avaliar e julgar, a Coordenação Artística e o júri têm promovido reuniões com os participantes na manhã seguinte às apresentações, mostrando aos coreógrafos e bailarinos pontos que foram considerados positivos e críticas construtivas sobre o que pode ser melhorado. Um exemplo de resultado positivo desta iniciativa está no gênero Jazz, que se encontrava aquém das expectativas, e na edição de 2005 foi considerada a maior surpresa do evento pela qualidade dos trabalhos apresentados. Também neste ano nasce o Encontro das Ruas, evento voltado à arte da cultura urbana. (HISTÓRIA DO FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE. 2015)

Um dos principais eventos brasileiros de dança na contemporaneidade é o Festival de Dança realizado na cidade de Joinville (Santa Catarina), sendo este considerado o maior festival do gênero no mundo pelo Livro dos Recordes (*Guiness Book*). O Festival possui atualmente trinta e três edições ininterruptas, sendo conhecido tanto no cenário nacional, quanto no internacional, tendo a sua primeira edição datada no ano de 1983, tornando-se – segundo a própria Instituição do Festival – um “guarda-chuva” que abrange atividades e

eventos, mostras e cursos, discussões e oficias relacionadas a dança e proporcionando um intercâmbio de conhecimento entre os praticantes e participantes do evento (HISTÓRIA DO FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE. 2014).

O primeiro Festival de Dança (1983) tinha como ideia inicial a realização de um festival que reunisse grupos de dança que tivessem por interesse (além de apresentar-se) de trocar experiências e possibilitar uma rede de intercâmbio de conhecimentos entre os indivíduos simpatizantes com o universo prestigiado, visando, sobretudo, uma divulgação maior acerca do trabalho da(s) equipe(s) participantes. O Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) produziu, ao longo de sua história, alguns boletins que traziam aspectos históricos da cidade, tendo uma edição – em especial – dedicada ao Festival, elencando (a partir de jornais) o processo de construção do evento e as mudanças ocorridas em suas programações, bem como uma cronologia de seu surgimento até a data de publicação do boletim (1998). Dentre algumas discussões presentes neste material, se é discutido que:

> 1983 é um ano que ficou marcado não apenas na memória dos catarinenses, mas de toda a população nacional. As pessoas viram, atônitas, uma das maiores enchentes ocorridas no estado que, por algumas semanas literalmente deixou Santa Catarina embaixo da água. Para se ter uma ideia da gravidade das cheias basta

> lembrar que dos 199 municípios catarinenses cerca de 140 tiveram decretado “estado de calamidade pública”. Por causa da enchente e do grande número de rodovias interditadas vários grupos de outros estados, ficaram impossibilitados de se deslocarem para Joinville (...) pode-se destacar ainda o fato de que a população participou ativamente, oferecendo alojamento para a maioria dos dançarinos que se deslocaram para participar do Festival (...). (BOLETIM DO ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE. 1998; 9)

Neste contexto de festividade e cenário de calamidade pública devido as fortes tempestades que assolaram Santa Catarina, o Boletim (1998) traz ainda a informação de que nos dias 14 e 15 de julho de 1983 a organização do evento realizou atividades extras e paralelas ao evento com um valor mínimo de ingresso, onde as rendas arrecadadas com estas atividades foram destinadas aos habitantes do estado que tiveram suas moradias atingidas por tal catástrofe. Para além deste fato, o material salienta que – com esta ação – o Festival de Dança alçou os olhares das mídias (jornais) que tiveram interesse em cobrir e notificar o evento, sendo que “Foi neste contexto que Joinville pôde vivenciar seu primeiro Festival de Dança dividido em cinco dias: de 10 a 15 de julho” (BOLETIM DO ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE. 1988), sendo pautada nas categorias Balé Clássico, Jazz e Dança Folclórica e realizada na área central da cidade (Sociedade Harmonia Lyra).

O Festival não tardou a crescer, tendo, nos anos seguintes, a preocupação de uma maior e melhor organização de sua equipe técnica e o comprometimento e atenção de evitar erros cometidos na primeira edição, com isto o evento (pouco a pouco) fora se tornando uma das principais atrações culturais joinvilense, sobretudo por suas inovações constantes, como a ampliação das categorias, que já em sua segunda edição (1984) ocorrera, incluindo o Balé Neo-Clássico e o Moderno e o Jazz Afro. Outro elemento que favoreceu o crescimento deste "roteiro de dança" foi o aumento do orçamento, dos dias de evento e, principalmente, de seu público participante.

> A partir de 1985 o Festival de Dança não apenas se consagrou como um evento de grande porte, mas também passou a fazer parte da vida cotidiana da cidade. O público total foi estimado em cerca de quarenta e cinco mil pessoas e gerou uma renda de aproximadamente CR$ 100 milhões (algo em torno de vinte mil dólares) valor equivalente a ¼ do orçamento do Festival (cifra complementada com verba como a adquirida através de patrocínio de Tubos e Conexões Tigre, Embraco, Consul e Tupy). (BOLETIM DO ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE. 1988; 14-15)

A maior repercussão dentro da mídia (local e nacional) e a inserção dos investimentos e patrocínios externos ao

evento, acabaram por consolidá-lo enquanto um *circuito*[85] de dança nacional – tendo eventos fechados a um público pagamento, bem como Palcos Abertos (apresentações em locais públicos da cidade) em diversos pontos urbanos –, com a divisão de categorias (por idade), grupos e modalidades específicas. Outro aspecto que foi determinante e trouxe uma ampla visibilidade ao Festival, fora a participação e a presença de diversas companhias nacionais e internacionais em seus palcos, tendo a exemplo, na 14ª Edição do Festival de Dança em 1996, a abertura feita pelo Teatro de Ballet Bolshoi da Rússia e sua equipe.

Segundo o sítio eletrônico da Escola Bolshoi de Joinville esta presença no Festival fora uma determinante para que, posteriormente, se facilitasse a comunicação entre o Festival e o Bolshoi russo para que ocorresse – em 1999 – a implementação da escola no Brasil, todavia, ao longo do ano de 1995 o diretor artístico do Teatro Bolshoi, Alexander Bogatyrev, elaborou um projeto que visava aplicar a metodologia existente na Escola de ballet russo por meio de um

---

[85] Segundo José Magnani "A noção de circuito também designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade (...) Mas tem, igualmente, existência objetiva e observável: pode ser levantado, descrito e localizado" (MAGNANI. 2002; 24).

projeto que reproduziria as mesmas características e coreografias, lançando-os em turnês, onde o Brasil, Joinville e o Festival de Dança fizeram parte deste roteiro (ESCOLA BOLSHOI. S/D) [86].

> Em 1996, a Cia. do Teatro Bolshoi realizou uma turnê no Brasil e Joinville foi incluída no programa. O espetáculo ocorreu no 14º Festival de Dança de Joinville. Os russos ficaram impressionados com a receptividade do público e a reverência da cidade diante da arte. Depois disso, o russo Bogatyrev esboça propostas para montar uma unidade da Escola no país, contemplando questões como a aplicação da metodologia, seleção de professores e alunos, estrutura física necessária.
> O idealizador Bogatyrev faleceu. Mas seu legado era consistente: o esboço do projeto estava concluído e foi apresentado para prefeitos e diretores de instituições de ensino do Brasil. O prefeito de Joinville na época, Luiz Henrique da Silveira, comprometeu-se no desenvolvimento da proposta. No dia 20 de julho de 1999, na abertura do 17º Festival de Dança de Joinville, Alla Mikhalchenko, primeira bailarina do Teatro Bolshoi, assinou o protocolo de intenções com o prefeito. Entre os fatores decisivos para a escolha de Joinville estava a profunda ligação da cidade com a dança, em função de seu tradicional festival anual. Além disso, o então prefeito (...) disponibilizou uma área de aproximadamente 6 mil metros quadrados no Centreventos Cau

[86]Aspectos acerca da história e da inserção da Escola Bolshoi no Brasil (mais especificamente em Joinville) se fazem disponíveis no sítio eletrônico da instituição. Disponível em <http://escolabolshoi.com.br/conheca-a-escola-bolshoi/>. Acesso em: 21 de jul. 2016.

> Hansen, para instalação da sede. (ESCOLA BOLSHOI. S/D)

Com a implementação da Escola Bolshoi em 1999 e disponibilidade de uso do Centreventos Cau Hansen pelos bailarinos e bailarinas (bem como da equipe técnica e organizacional da escola), favoreceu a manutenção da instituição, de investimentos direcionados ao Festival de Dança e, sobretudo, da busca de grupos, equipes e indivíduos que almejam ser alunos/as, participar e ganhar em suas modalidade e categoria, assim como apresentar-se no maior evento do gênero no Brasil e no mundo. Tais características e questões históricas configuram tanto o evento, a escola, quanto a cidade de Joinville, enquanto um atrativo e um direcional de olhares sob o cenário local. É nesta esteira de acontecimentos que o Festival de Dança – bem como a cidade – buscou (e busca) ampliar o tamanho e a grandiosidade do evento, tentando abranger novos grupos e práticas, a exemplo do da inserção de modalidades como a Dança Contemporânea, as Danças Populares, as Danças Urbanas e Sapateado, além do Balé (Neoclássico)[87]. Em uma discussão pertinente ao campo da

---

[87]Segundo o Instituto Festival de Dança de Joinville (IFDJ) o evento é mantido atualmente com o apoio de patrocinados e promovido pela própria instituição, reunindo mais de seis mil participantes e com uma média de público de 200 mil pessoas, tendo, entre as noites de apresentação e palcos abertos, 170 horas de atividades. Maiores informações sobre o evento

Antropologia Social promovida pela colombiana América Larraín em sua dissertação de mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 2008, e para além de um discurso oficial sobre o evento, a autora disserta sobre os aspectos políticos presentes no Festival de Dança de Joinville, bem como o interesse da manutenção de uma identidade específica da localidade e o seu distanciamento de outros circuitos artísticos nacionais, por meio de uma etnicidade própria, sendo, sobretudo como presente na citação anterior, incentivado pelo poder público local (doação de um terreno) na intencionalidade de profissionalizar e internacionalizar o evento. Segundo LARRAÍN:

> Acho importante colocar também que o Festival de Dança de Joinville é utilizado como uma plataforma propícia para proferir discursos alentadores da etnicidade germânica, embora o caráter do evento não seja o apelo ao germânico, diferentemente do que ocorre no Oktoberfest e no circuito de festas de outubro em Santa Catarina. Entretanto, há em todas estas festividades, incluindo o Festival de Dança de Joinville, um discurso subjacente sendo a idéia do Estado como o Brasil Alemão recorrente (FLORES, 1997). Aqui a cultura é diferente da tida como referente do Brasil no resto do mundo: maracatu, samba e carnaval à carioca não fazem parte do cardápio turístico da

---

podem ser encontradas no sítio eletrônico do Festival de Dança. Disponível em: <http://www.ifdj.com.br/>. Acesso em: 19 de jan. 2015.

> região, ao contrário, as manifestações culturais exaltadas remetem fortemente à herança dos imigrantes europeus. (LARRAÍN. 2008; 43)

Com este panorama inicial acerca do Festival de Dança cabe a este capítulo discutir – dentro deste processo constante (em todas as edições do evento) de ampliar as suas modalidades – como fora, em um primeiro momento, a inserção do Movimento do *Hip-Hop* no Festival de Dança de Joinville por meio do Encontro das Ruas (como citado anteriormente, um evento voltado para a cultura urbana), elencando os motivos de sua criação, de manutenção e do seu encerramento, tendo em vista que estes Encontros contaram com a participação efetiva de integrantes do Movimento nacional e local, como *rappers*, *b-boys* e grafiteiros, tendo dentro de suas atrações abertas, a potencialização do cenário do grafite na cidade catarinense (foco deste presente trabalho), possibilitando – como veremos – a interação de indivíduos e apreciadores do *Hip-Hop* e do Grafite entre os anos de 2006 e 2013. O subcapítulo intitulado “A inserção do Movimento do *Hip-Hop* no Festival de Dança de Joinville” tem por objetivo ver estes nuances, bem como a configuração que estruturou o evento.

Como segundo momento será abordada as tensões a partir das grafitagens em Joinville, principalmente com a

presença desta intervenção artística, cultural e urbana na região central da cidade, e, sobretudo, com a pintura da antiga sede da Prefeitura, o que mobilizou diversos setores da comunidade joinvilense em expressarem as suas opiniões por meio dos mais variados veículos de comunicação. Neste caminho, o capítulo busca perceber as permanências e rupturas do Grafite em Joinville por meio de uma relação entre o que fora discutido anteriormente (principalmente no Segundo Capítulo deste trabalho) e o que o Encontro das Ruas proporcionou, tanto na sua criação, quanto no seu término em 2013. São nestas pistas presentes em Joinville e seu Festival de Dança que será observado o fomento do grafite, do *Hip-Hop* e da maior presença cotidiana destes elementos nas regiões centrais joinvilense, por meio do Encontro das Ruas e as suas marcas urbanas.

3.1 A INSERÇÃO DO MOVIMENTO DO *HIP-HOP* NO FESTIVAL DE DANÇA E AS TENSÕES DA GRAFITAGEM EM JOINVILLE

As adaptações realizadas ao longo da existência do Festival de Dança de Joinville – a exemplo dos locais e investimentos -, assim como a inclusão de novas modalidades, aumento de dias do evento, palcos abertos, feiras, oficinas e

cursos, trouxeram consigo novas atrações, a exemplo da implementação do Movimento do *Hip-Hop* - que, em sua raiz de existência se fez durante um longo período enquanto socialmente e culturalmente marginalizado[88] - e seu caráter urbano e artístico, envolvendo elementos que se pautam na pintura, na dança, na rima e na música, trazendo estas características para o corpo do Festival e inaugurando um espaço dedicado para este(s), o "Encontro das Ruas", onde, segundo o Catálogo Encontro das Ruas (2010), se tinha a necessidade de abrir espaço ao *Hip-Hop*. O Encontro teve início no ano de 2006 e manteve a sua proposta inicial até o ano de 2013, no ano de 2014 o evento não contou a mesma estrutura dos anos anteriores, sendo dedicado apenas à pintura, onde grafiteiros e grafiteiras utilizaram de chapas em forma de quadro para apresentarem a sua arte no centro da cidade joinvilense e entreterem o público passante, tal fato criou incertezas sobre a continuação do Encontro no ano de 2014 (e nos seguintes) e também um breve balanço do que ocorrera neste evento[89] Em entrevista com o coordenador do Festival,

---

[88] O segundo capítulo deste presente trabalho intitulado "'Agride ou Agrada'? A Presença do Grafite na cidade de Joinville" traz consigo uma discussão sobre a história do Movimento do *Hip-Hop* e os elementos que o compõem.

[89] Maiores informações podem ser encontradas nas seguintes notícias: "Nada de Encontro das Ruas em 2014", que aborda a sua possível não realização, sendo ela disponível em:

Vitor Aronis, ele disserta que a proposta do Encontro das Ruas, em suma, era criar um espaço para que as diversas "tribos" presentes dentro do Movimento do *Hip-Hop* pudessem interagir entre elas, porém, ao longo de todos os eventos, a praticidade e/ou possibilidade desta visão fora se distanciando do planejado, tendo em vista – segundo o coordenador – que cada grupo (*breaker*, *rapper* e grafiteiro) ia apenas no momento destinado à sua modalidade, tal constatação (como se discutido posteriormente) demonstrou a independência e o crescimento "pessoal" de cada elemento da cultura *Hip-Hop* o que, para a organização do Encontro das Ruas, não existia mais a finalidade de manter tal evento (ARONIS. V. 2016).

Segundo a narrativa do coordenador-geral do Festival de Dança, Vitor Aronis[90], o Encontro veio trazer uma nova dimensão para o grafite e para o *Hip-Hop* em si, trazendo indivíduos com grande nome no cenário nacional e internacional, o que, por sua vez, facilitou o contato entre os

---

<http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/05/08/nada-de-encontro-das-ruas-em-2014/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso: 11 de nov. 2014; e a matéria intitulada "Desemparedados", comentando acerca do que ocorrera com o Encontro e a forma que foi realizada – sobretudo sem um espaço "urbano" para os seus participantes atuarem -. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/08/04/desemparedados/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 20 de fev. 2015.

[90] O porto-alegrense Vitor Aronis, mora em Joinville desde o ano de 2013, mas está envolvido com o Festival de Dança há dezenove anos. Vitor concedeu entrevista para a pesquisa onde abordou sobretudo, características, intenções e mudanças acerca do Encontro das Ruas.

seus/suas simpatizantes (ARONIS. V. 2016). O próprio nome vinculado ao evento salienta as suas intencionalidades de preservar os elementos urbanos presentes neste estilo cultural e artístico, criando um cenário que representou alguns *pedaços* da cidade de Joinville.

O conceito de *pedaço* é trabalhado pelo professor, pesquisador e antropólogo José Guilherme Cantor Magnani, enquanto um local entre a vida privada e a pública, que se supõe enquanto uma referência espacial e com presença regular de códigos de reconhecimento facilmente identificáveis pelos participantes do pedaço, podendo ser manifestado por ordem física (um território claramente demarcado, como um ponto de encontro) ou social (uma rede de relações), sendo o último "(...) capaz de separar, ordenar e classificar (...) quem era e quem não era do pedaço em que grau ('colega', 'chegado', 'xara', etc.)" (MAGNANI. 2002; 21). Neste sentido, alguns códigos visuais como roupas, cumprimentos e gírias, poderiam identificar o pertencimento (e o seu grau) em relação ao grupo que faz parte do *pedaço*, no caso ao Movimento do *Hip-Hop*, sendo um "(...) tipo particular de sociabilidade e apropriação do espaço urbano" (MAGNANI. 2002; 21).

Este material elaborado pelo Instituto Festival de Dança (em conjunto de sua documentação presente em seus arquivos institucionais) em forma de catálogo apresentam ricas

informações sobre o evento até o ano de sua publicação (2010), servindo, sobretudo, para identificar os seus participantes, organizadores, investimentos, fotografias, relatos e mudanças no evento. A primeira edição do Encontro das Ruas ocorreu no dia 23 de julho de 2006, na Liga de Sociedades de Joinville, contando com a organização de alguns indivíduos atuantes no cenário do Hip-Hop nacional, como *Iceman*, Nilberto e Thiago "*Super Star*", tendo como MC (mestre de cerimônia) JP (de São Paulo) e alguns grafiteiros convidados de quatro estados diferentes, "Trampo" do Rio Grande do Sul, "Roco" e "Nick" de São Paulo, "Acme" do Rio de Janeiro e "*Heal*" e "Soew" do Paraná.

A quadra de esportes da Liga de Sociedades fora dividida e montado setores onde ocorreram apresentações de *break-dance* por meio de *b-boys*, oficinas de grafite, grafitagem em painéis e uma estrutura voltada para a discotecagem do MC (INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. 2006). Segundo o texto referente ao primeiro Encontro das ruas:

> A novidade rendeu grandes apresentações com nível elevado de inscritos e de jurados conhecidos mundialmente. Nesse período, o Hip Hop já é considerado um estilo de vida por muitos, a contemporaneidade do movimento que envolve dança, Graffiti, Rap e DJ. Foi um sucesso e rapidamente aderido por jovens que

> se identificaram com o estilo. (CATÁLOGO ENCONTRO DAS RUAS. 2010)

Esta breve constatação relatada no material nos apresenta o constante crescimento dos estilos presentes no *Hip-Hop* na cidade de Joinville, principalmente por sua adesão pela camada jovem que encontrou no espaço (recheado de participantes reconhecidos no movimento) uma forma de experienciar de maneira introdutória tal cenário e/ou participar da oficina de grafite disponibilizada. O próprio arquivo elaborado pela Instituição possui poucas informações técnicas sobre a primeira edição do Encontro, trazendo apenas algumas informações sobre o material utilizado (como latas de tintas em *sprays* de variadas cores e corantes) e gastos com a locação e permissão de intervenção do local utilizado, não apresentando uma estimativa de público. Por outro lado, os arquivos do Festival possuem um rico *clipping* (conjunto de materiais produzidos em jornais locais) que nos apresenta informações extras sobre o Encontro, a exemplo da fala do grafiteiro carioca, de 27 anos, Carlos "Acme" que diz que pretendeu – por meio de seu grafite – "(...) passar a mensagem do consumismo que vem de fora e que está cada vez mais presente, através das diferentes marcas" (A NOTICIA. 2006) e investimentos para a estruturação desta edição, por volta de R$: 25.000,00 (GAZETA DE JOINVILLE. 2006), bem como

fotografias – como podem ser vistas na Figura 12 – que apresentam as interações e acontecimentos no dia. O grafiteiro Gabriel “Época Mouco” - em entrevista concedida para a presente pesquisa – narra que:

> G.E.: O primeiro, pelo o que eu lembro, foi meio que restrito, parecia uma social com a galera, porque com o grafite acontecia as batalhas de rap, o pessoal dançando break, daí o agito mesmo se dava mais pela galera da batalha, assim, porque o grafite ficava mais em... segundo plano. Só que no decorrer dos outros eventos a figura foi mudando um pouco, né? (ÉPOCA, G. 2016)

A atração principal do evento estava principalmente voltada para as batalhas de *rap* (MC’s), as danças de *b-boys* com as suas apresentações de *break* (estilo de dança do *Hip-Hop*), criando uma agitação própria e que atraia um número grande de curiosos e admiradores desta modalidade, o grafite, neste primeiro momento ficava, assim como apresenta o grafiteiro joinvilense, em “segundo plano”, não tendo, como veremos mais adiante, um espaço ou um núcleo próprio e estruturado que se fazia uma das principais atrações do Encontro.

Figura 12 - Registro do público participante (convidado e espectador) da primeira edição do Encontro das Ruas.

Fonte: Elaborada pelo autor /Instituto Festival de Dança de Joinville (2006).

Os eventos posteriores – devido ao sucesso do primeiro – trouxeram nova visibilidade para o Movimento do Hip-Hop na cidade e, principalmente, para o cenário do Grafite. A segunda edição do Encontro das ruas, em 2007, aconteceu entre os dias 21 e 22 de julho, no *Big Bowlling* (antigo estabelecimento de festa, com *shows* e área de boliche), localizado também na região central de Joinville, contando com a estrutura voltada para MC, *B-Boys* (dançarinos de rua dentro do *Hip-Hop*, conhecidos como *breakers*) e Grafite. O arquivo do Festival apresenta uma documentação mais

detalhada a partir desta edição, contendo o número de participantes, convidados, critérios de avaliação (penalidades e pontuações) e os seus investimentos. Segundo o "Relatório resumido" do Instituto Festival de Dança (2007), tendo sido gasto R$ 16.155,91, onde R$: 3.000,00 reais foram destinados para a premiação (entre o 1º, o 2º e o 3º lugar), R$: 5.100,00 de cachê e o restante dividido entre transporte, alimentação, equipamentos, hospedagem, filmagem, produção, material gráfico e troféus.

A documentação apresenta que tiveram 44 competidores (22 duplas) na batalha de *b-boys*, 10 competidores nas batalhas de MC's – sendo estes inscritos pela página do evento - e 8 grafiteiros convidados, com 3 jurados e um apresentador, envolvendo grupos de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. Dentre os grafiteiros estiveram "Todo Kanto Crew" e "Ginho" de São Paulo, "Eco"[91] e "Acme" do Rio de Janeiro, "Trampo" do Rio Grande do Sul e "Iceman" e "Heal" do

---

[91] Marcelo "Eco" é considerado componente da primeira geração do grafite carioca e expoente da prática no Brasil, tendo como principal característica o seu personagem de "queixo pontudo", onde suas intervenções compõem diversas áreas do Rio de Janeiro, criando uma interação entre a imagem e o ambiente. Maiores informações sobre o grafiteiro estão disponíveis em seu sítio eletrônico: <http://marceloeco.com/2016/>. Acesso em: 27 de jul. 2016. Esta plataforma serve também como divulgação e registro das intervenções do artista.

Paraná, alguns destes convidados permaneceram do primeiro Encontro.

O primeiro dia (21 de julho) fora iniciado com a recepção dos convidados e o transporte da rodoviária de Joinville até o local de evento, sendo este aberto as 10 horas da manhã, onde fora distribuído os crachás e repassado o ajudo de custa para a alimentação, tal processo discorreu até o fechamento do portão ao meio-dia, sendo reaberto 13h30m para o início das competições que se estendeu até o encerramento às 18h do mesmo dia, contando com uma festa para os convidados no próprio local de evento. No segundo dia, as disputas iniciaram às 14h (devido ao número de participantes finalistas), tendo alguns problemas com o equipamento acústico (microfones), gerando um pequeno atraso, a premiação e o encerramento ocorreu, assim como no primeiro dia, por volta das 18h (INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. 2007).

Quanto aos grafites realizados no Encontro das Ruas de 2007, estes aconteceram na parte externa da casa de *shows Big Bowlling* na extensão do muro vizinho à boate, com aproximadamente 50 metros de comprimento. Segundo a documentação, fora necessário para tais intervenções a liberação do local de grafitagem pelo dono do imóvel, tintas, máscaras e solventes, sendo que no primeiro dia do evento a

pintura começou no período vespertino até às 18 horas e fora continuado, apesar das fortes chuvas, no segundo dia, até o mesmo horário, constando no documento que não ocorrerá nenhum problema relatado (INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. 2007). Segundo a documentação do Instituto Festival de Dança (2007) ocorreram problemas referentes aos *B-Boys* e MC's, tanto quanto no quesito técnico (uma mesa de som original e não adaptada), quanto na própria estrutura do evento (um palco menor, 6,40m x 5,50m para evitar que a estrutura balance), bem como a menção de um incidente com um dos convidados em uma das hospedagens utilizadas pelo evento, contendo um anexo que relata o ocorrido, onde o músico e DJ (hospedado neste local) fora agredido verbalmente pela proprietária do estabelecimento por meio de injúrias racistas (por ser afro étnico, como consta o documento) e alegando que o mesmo não teria condições de custear as despesas (que seriam e foram pagas pelo Festival) da hospedagem, constrangendo-o em público no *hall* do local. Tal discussão gerou um enorme desconforto e ambos, após a chegada da Polícia Militar e de responsáveis do Encontro, foram direcionados à uma delegacia no bairro Boa Vista (próximo ao hotel em questão) onde fora gerado um Boletim de Ocorrência.

> No segundo ano do evento sua grandiosidade foi notória. Além das apresentações mais ousadas, os muros ao lado do Big Bowlling ganharam cor e vida com a presença de cerca de vinte grafiteiros que, como na origem do Hip Hop, interagiram com a festa. (CATÁLOGO ENCONTRO DAS RUAS. 2010)

A mensagem presente no Catálogo do Encontro das Ruas salienta na presença de ao menos vinte grafiteiros, o que sugere que outros indivíduos (não convidados, mas participantes) interferiram e contribuíram para a produção no local. As intervenções realizadas – nesta segunda edição – em áreas externas, possibilitaram a maior apreciação de transeuntes que passam pelos arredores do local cotidianamente, para além disso, o Instituto Festival de Dança teve uma maior preocupação na divulgação do Encontro, sobretudo por meio de redes-sociais (*Orkut* na época) e *flyers* (Figura 13).

Figura 13 - Convite do 2º Encontro das Ruas realizado em Joinville

Fonte: Elaborada pelo autor/Instituo Festival de Dança (2007)

Aparentemente a 2ª Edição do Encontro das Ruas fomentou a inserção de novas particularidades no evento, bem como uma maior organização de seus idealizadores, mobilizando o corpo técnico em outubro de 2007 no planejamento da terceira edição em 2008, onde fora definido a data – 19 e 20 de julho -, o local (Colégio Germano Timm, próximo ao Bolshoi - centro), o número aproximado de convidados para cada modalidade, as oficinas, os debates, a sua divulgação e inovações para o Encontro, onde neste último quesito ocorreu a inserção de um debate sobre a arte do Graffiti, *Workshop*s (*Freestryle*, DJ e *Break Dance)* e a

modalidade de *B-girls*, *Popping e Locking*[92] (INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. 2008).

O número de grafiteiros convidados também aumentou, contando com alguns já presentes desde a primeira edição, como “Trampo”, “*Heal*”, “*Iceman*” (organizador) e “Acme”, tendo a participação de dos paranaenses “Soew”, “Alma” e “Jorge Galv”, dos paulistas “Does”, “Anjo”, “Téia”, “Roko” e “Nick”, dos cariocas “Eco” (participante da edição de 2007) e “Tommy”, bem como de “Fokker” e “Sat” do Distrito Federal. Com essas pertinentes mudanças e implementações:

> Esse ano, o Encontro das Ruas teve a presença de MC Thaíde, um dos precursores do Hip Hop no Brasil, juntamente com dezesseis MC’s, sendo três jurados e dezesses artistas do graffiti. Convidados que deram mais notoeriedade e reconhecimento ao crescimento do evento.
> Outra novidade foram os Workshops de “Freestyle” com Nil, “Breaking” com Bispo, “DJ” com Dj Basin e “Popping/Locking” com Frank Ejara, além de uma Mesa Redonda – “A arte do graffiti e sua utilização comercial”. (CATÁLOGO ENCONTRO DAS RUAS. 2010)

A presença de expoentes no meio do Movimento do *Hip-Hop*, como MC Thaíde (que teve uma grande importância

---

[92] *Popping* e *Locking* são duas divisões presentes dentro da própria *Street Dance* (dança de rua), possuindo características de movimentação do corpo e da contração dos músculos para explorar a estética da dança.

na difusão da cultura em São Paulo por meio dos bailes)[93] e a sua notoriedade para todos dentro do cenário nacional, trouxeram um folego maior ao Encontro das Ruas, além disso a abertura para debates e *Workshops* facilitaram o contato com o público participante do 26º Festival de Dança de Joinville com esta(s) forma(s) de relação com a vida urbana. Outro ponto em destaque no arquivo institucional se dá por um Edital que explicita todas formas de organização, de julgamento competitivo dos grupos dentro de cada uma das modalidades, exibindo as premiações para os três primeiros lugares e a idade mínima de 12 anos para a inscrição na modalidade competitiva do Encontro (INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. 2008). Com esta perspectiva, o Encontro – em seu *flyer* de divulgação – ganhou o epiteto de "O maior encontro de Hip-Hop do Sul do país" (como pode ser visto nas Figura 14 e 15).

---

[93] O historiador Roberto Camargos apresenta em sua obra "Rap e Política: Percepções da vida social brasileira" que "Os bailes constituíram espaços fundamentais na difusão do *rap* no Brasil (...) era neles que uma porção de jovens se deu conta da existência dessa música e se interessou em conhece-la. Esse ambiente está na memória daqueles que vivenciaram a cena *rap* durante os anos 1980. Mais uma vez, recorro a uma composição de Thaíde, especificamente a "Senhor tempo bom", na qual faz referência ao período" (CAMARGOS. 2015; 43), música essa que traz elementos da cultura Hip-Hop como a vestimenta (calça boca de sino), o corte de cabelo (*black*) e os passos de *break* presentes nos bailes. Thaíde durante um longo período apresentou programas televisivos (na TV Cultura, por exemplo) referente ao Hip-Hop.

Figura 14 – *Folder* do Encontro das Ruas de 2008 – O maior encontro de *Hip-Hop* do Sul do país

Fonte: Elaborada pelo autor/Instituo Festival de Dança (2008)

Figura 15 – Verso do *folder* do Encontro das Ruas de 2008 - informações

Fonte: Elaborada pelo autor/Instituo Festival de Dança (2008)

O evento foi realizado no ginásio de esportes da Escola Estadual Professor Germano Timm, onde “(...) o palco do ginásio, espaço escolhido para as batalhas, desfavoreceu a visão do público que permaneceu assistindo da arquibancada” (INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. 2008), outra “dificuldade” relatada se deu pelo número de participantes (por volta de 50 equipes) que, enquanto esperavam a sua participação, realizavam aquecimentos, ensaios e coreografias fora dos palcos, o que chamava a atenção do público enquanto uma “segunda atração”. O Conjunto de documentos referentes a 2008 é finalizado com a seguinte menção das propostas de melhorias para a 4ª edição do Encontro.

> O Festival de Dança de Joinville proporciona, através do Encontro das Ruas, um ambiente propício para o crescimento das Danças de Rua no Brasil. A capacidade em agregar profissionais e estudantes de dança de todo o país é mérito de uma equipe competente e responsável. Dessa forma, o Encontro das Ruas, como parte de uma grandiosa estrutura dedicada a dança, deve superar as expectativas da classe; focando num diferencial e em planejamento calcado na qualidade de informação. Os primeiros passos já foram dados. A partir de agora, é avaliar e traçar os caminhos para a edição de 2009. (INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. 2008)

Esta preocupação em consolidar o Encontro das Ruas e modifica-lo a cada ano, trouxe, por exemplo, em 2008, uma palestra/debate sobre Grafite e arte, onde – por meio de registros audiovisuais presentes no arquivo do Instituto – pode se presenciar debates acerca da legalidade e marginalidade desta intervenção, das conquistas dentro da modalidade (existências de eventos destinados, facilidade de grafitagem, ampliação de cenário, dentre outros), bem como os embates com truculência policial. Este material acerca da palestra/debate se demonstra enquanto uma forma de divulgar as experiências dos indivíduos que vivem e assumem o Movimento do *Hip-Hop* e do Grafite, principalmente, construindo uma espécie de rede que conecta as diversas localidades (estados e cidades) brasileiras presentes no Encontro ao redor de um interesse em comum.

A quarta edição do Encontro das Ruas, em 2009, ocorreu na mesma localidade do ano anterior, na E.E. Prof. Germano Timm, sendo organizado – para além de pessoas ligadas ao Instituo Festival de Dança – os grafiteiros *Iceman* e Trampo, Thiago "*Super Star*", Frank Ejara e o rapper Criolo Doido[94], tendo como proposta de melhorias incluir a

---

[94] O artista se encontrava em período de início de carreira, atualmente Criolo é reconhecido nacional e internacionalmente por suas músicas e parcerias com outros músicos, realizando, sobretudo, músicas de cunho

modalidade *House* na amostra competitiva, executar o evento em forma de arena (utilizando o centro do ginásio esportivo da escola, como mostrado na Figura 16) e possuíam o interesse em produzir um material sobre o evento (livros e CD's) para o ano seguinte (2010, data que fora publicado o Catálogo do Encontro).

Figura 16 - 4º Encontro das Ruas –presença de painéis de grafite.

Fonte: Trampo/Instituo Festival de Dança (2010)

---

político e social, com críticas pertinentes ao cenário contemporâneo brasileiro.

Neste 4º Encontro se teve alterações no Regulamento do evento no que se refere ao número máximo de equipes em cada modalidade, sendo delimitado para 16 grupos/participantes por estilo (*B-Boys/Girls*, MC's, *House*, *Popping*, *Locking* e *Hip-Hop Freestyle*), além disso, as inscrições deveriam ser realizadas pelo sítio eletrônico e as avaliações, para grupos de dança, foram realizadas por o envio de um vídeo de apresentação pela plataforma *Youtube* entre os dias 1º a 30 de abril de 2009, tendo a divulgação dos selecionados no dia 1º de junho do mesmo ano. Enquanto ao grafite, na pauta de reunião para o evento, fora pensado no convite a dez grafiteiros, sendo cinco rapazes e cinco moças maiores de 18 anos, cabendo para a seleção o envio de duas fotografias de intervenções feitas em ruas (INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. 2009).

Como programação paralela o Encontro das ruas deste ano, proporcionou a exibição de documentários, filmes e curtas temáticos, envolvendo a cultura do *Hip-Hop*, como por exemplo "Free Style – estilo de vida jovem"[95]de 2008 e o filme

---

[95] O curta apresenta a rima improvisada (*Freestyle)* existente dentro da cultura do *Hip-Hop*, trazendo a narrativa de alguns de seus adeptos no cenário brasileiro, como o próprio Criolo Doido (um dos organizadores da 4ª edição do Encontro das Ruas). O material se faz disponível em: <http://curtadoc.tv/curta/cultura-popular/freestyle-um-estilo-de-vida/>. Acesso em: 27 de jul. 2016.

"*Wild Style*" de 1983[96]. Dentre os/as grafiteiros/as convidados estavam Mateus Grim, "Viber", Lídia, "Zack", "Satão", "Ignoreporfavor", "Suzue", "Lia Fenix", "Tikka", "Café", "V", "Huggo", "Toddy", "Ric" e "Val"[97], a participação feminina no evento de grafite se faz uma modificação notória, tendo em vista a primeira vez que ocorreu o convite para a intervenção das meninas grafiteiras (diferente do que ocorrera com a *B-Girls*, inclusas já na edição anterior – 2008) no evento joinvilense (CATALOGO ENCONTRO DAS RUAS. 2010).

Diferentemente das outras edições do Encontro das Ruas, a grafitagem ocorreu em dois locais distintos, primeiramente no local principal do evento (a Escola Germano Timm), onde alguns painéis foram disponibilizados para a intervenção e, como segundo ponto, em algumas paredes ao redor da parte de trás do Centreventos Cau Hansen[98], proporcionando uma riqueza de registros fotográficos do evento, sobretudo por um de seus participantes e organizadores, o gaúcho "Trampo". Dentre este material, pode-

---

[96] Filme que aborda a efervescência do *Hip-Hop* nova-iorquino nos bairros periféricos na década de 80.

[97] Infelizmente os materiais pesquisados não apresentam o local de origem das grafiteiras e grafiteiros.

[98] O local fica na região central de Joinville, aos fundos do Bolshoi, do local de apresentação do Festival de Dança e da Fundação Cultural de Joinville, sendo um local de extremo destaque na cidade. As intervenções realizadas na localidade no ano de 2009, ainda se fazem presentes nos dias atuais (2016).

se perceber a interação entre grafiteiras e grafiteiros com as demais atrações do evento, bem como a transposição da área interna para a área externa (em um local próximo aos palcos centrais do Festival de Dança) favoreceram a maior visibilidade do Encontro das Ruas e das intervenções artísticas e urbanas do grafite com as pessoas presentes na cidade (seja por causa do evento ou por estarem transitando no local), promovendo uma relação de troca entre todos os envolvidos.

Figura 17 – Público observando a grafitagem nos muros do Centreventos Cau Hansen.

Fonte: Trampo/Instituo Festival de Dança (2009)

Figura 18 - Grafitagem nos muros do Centreventos Cau Hansen.

Fonte: Trampo/Instituo Festival de Dança (2009).

A fotografias (Figura 17 e 18) apresentam, sobretudo, como os grafiteiros e grafiteiras conseguiram otimizar o espaço destinado à grafitagem, construindo as suas intervenções em relação com as produções dos demais participantes, misturando diversos estilos de grafite (desde letras a personagens), bem como da existência de pessoas interessadas em conhecer e observar as mudanças urbanas de caráter artístico que o Encontro proporcionou. Tais construções serviram, principalmente, para o fomente do cenário do grafite e do *Hip-*

Hop na cidade de Joinville e a troca de experiência entre os próprios participantes.

No ano de 2010, entre os dias 22 e 25 de julho, ocorreu a quinta edição do Encontro das Ruas no SESC Joinville localizado, assim com as outras sedes do evento, na região central da cidade, tendo como organizadores Marcelinho "Back Spin", Frank Ejara, Criolo Doido e o grafiteiro "Trampo" (CATALOGO ENCONTRO DAS RUA. 2010).

> Em 2010 aconteceu um grande debate sobre a sobrevivência da arte urbana. Participaram do debate, Frank Ejara e Marcelinho Back Spin, representantes da cultura na dança urbana, Emicida representando a arte do fazer rimas dentro da cultura hip hop, Trampo e Binho Ribeiro na Arte do Grafitti e Gleici Erica, Presidente da Associação dos artistas plásticos de Joinville. (CATALOGO ENCONTRO DAS RUA. 2010)

Com o número de dias ampliados, o evento contou com a participação de personagens emblemáticos para o *Hip-Hop* e, principalmente, para o cenário Grafite, como "Anarkia"[99],

---

[99] A grafiteira carioca Panmela Castro, conhecida pela sua assinatura urbana enquanto "Anarkia Boladona", é um expoente nacional quando se trata de discussões que envolvam, grafite, gênero, feminismo, denúncia, empoderamento e defesa da mulher contra a violência doméstica. Artista plástica, ex-professora da rede pública do Rio de Janeiro, graduada e pós-graduada na área, Panmela encontrou no grafite e na arte urbana uma forma de alertar sobre os abusos do machismo na sociedade brasileira, bem como

"Binho Ribeiro"[100] e "Nina Moraes"[101], além de convidados como "Chambs", "Spiros", "Jackson Brum", "Tinho", "Flah", "Emol", "Farinha" e "Sena" e Paulo "Pincel" de Joinville, (todos escolhidos e indicados por grafiteiros organizadores), além de alguns entusiastas da dança de outros países (como norte-americanos)[102], servindo enquanto um ponto de atração e divulgação do Encontro das Ruas para outras esferas e públicos. Outro atrativo fora apresentação de show do rapper

---

usar da grafitagem para reunir e alertar diversas mulheres que, cotidianamente, sofrerem de algum abuso por seus parceiros. A artística construiu uma rede de discussão sobre os temas (grafite e feminismo) chamado NAMI, promovendo oficinas e cursos que mesclam o ensino da grafitagem e a memória de mulheres vítimas de violência. Maiores informações sobre Panmela "Anarkia Boladona" e a Rede NAMI estão disponíveis em: <http://www.redenami.com/>. Acesso em: 7 de nov. 2015.

[100] Grafiteiro paulista, conhecido como um dos pioneiros da *street art* no Brasil, seus grafites compõem o cenário de diversas localidades nacionais e internacionais, bem como de campanhas publicitárias e curadorias de eventos (como o próprio Encontro das Ruas). Maiores informações sobre Binho Ribeiros estão disponíveis em seu sítio eletrônico: <http://www.binhoribeiro.com.br/>. Acesso em: 28 de jul. 2016.

[101] Nina Moraes é uma grafiteira gaúcha que utiliza de cores vibrantes para compor as suas personagens femininas que "(...) primam pelo movimento e seus seres lúdicos parecem saídos de um cult movie ou de um circo freak show. São retratos que parecem frágeis e até mesmo tristes, mas um olhar atento às figuras revela uma estranha força repleta de sarcasmo e magnetismo" (FESTIVAL DE DANÇA. 2010).

[102] Segundo a documentação do Festival, o convite para especialistas em dança e admiradores do tema, advindos de outras localidades, traria novos olhares para o Encontro. Existe uma documentação de contato com o consulado estadunidense (no dia 30 de junho de 2008) para a participação de alguns ganhadores das modalidades de dança do Encontro das Ruas no "*World Hip-Hop Championship and World Bboy, Popping and Locking Battles"* (INSTITUO FESTIVAL DE DANÇA. 2008).

nacional Emicida[103], que realizou apresentações e shows dentro desta edição do Encontro, compreendendo em um momento em que o próprio evento buscou a sua expansão por meio de outras linguagens e estilos, favorecendo que alguns aspectos do Encontro crescessem consideravelmente, a exemplo do grafite e a dança de rua que ganharam um espaço de destaque e um incentivo de sua organização, tendo em vista os convidados escolhidos, o que acabou por facilitar a curiosidade de públicos externos ao Movimento do *Hip-Hop* e o fortalecimento do grupo participante do evento.

A cada ano o Encontro fora ampliando o seu nível de exigência e também o grau de critérios de escolha de seus convidados e participantes. Na modalidade do MC's, por exemplo, teriam no máximo 16 participantes, sendo 12 destes por meio de um processo de seleção (aos moldes da edição anterior) e quatro convidados; o campeão do evento passado, o

---

[103]Assim como o artista "Criolo Doido", Emicida estava em fase de crescimento dentro do cenário do *rap* e do *Hip-Hop* brasileiro, tendo na época o início da consagração de seu *CD* intitulado "Triunfo" (nome de uma de suas músicas dentro do álbum) que era distribuído de forma amadora (sem grandes investimentos de terceiros) – uma cópia fora entregue aos organizadores do Festival-. A indicação do rapper para a participação do evento se deu pelo músico Criolo que, em uma das reuniões, disserta que Emicida é um artista de referência em São Paulo e que está em expansão, podendo ser uma presença ilustre. Atualmente o *rapper* é reconhecido no cenário mundial, realizando diversos shows nos mais variados países, bem como realizando parcerias com outros músicos (como com o próprio Criolo), sendo um dos grandes incentivadores do Movimento *Hip-Hop* nacional (INSTITUO FESTIVAL DE DANÇA. 2010).

campeão brasileiro, a destaque do cenário feminino (Priscila) e o ganhador do prêmio TVGAZETA[104], sendo todos estes avaliados por alguns critérios, como performance, ritmo, criatividade e movimento (INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. 2010).

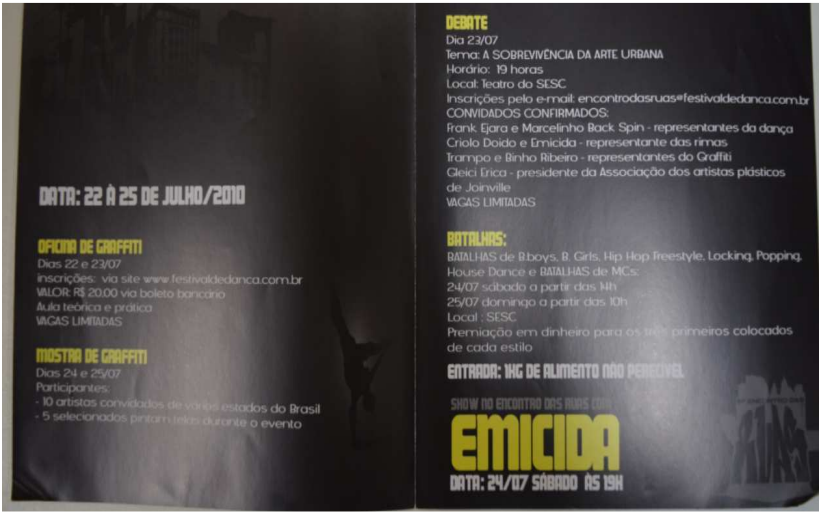
A programação ficou esquematizada – assim como mostra na Figura 19 – por quatro principais categorias; primeiramente com a realização de uma "Oficina de Graffiti" nos dias 22 e 23 de julho, tendo o valor de inscrição de R$:20,00 (sendo necessário a realização da inscrição e a emissão do boleto pelo sítio eletrônico do evento), contando com aulas práticas e teóricas de grafitagem, sendo ministrado pelo grafiteiro Binho Ribeiro; como segunda atração uma "Mostra de Graffiti" nos dias 24 e 25 de julho, com 15 grafiteiros/as de locais distintos do Brasil e cinco destes que realizaram pinturas em telas ao longo do evento; no dia 23/07 ocorreu um debate com o tema "A sobrevivência da Arte Urbana" no Teatro SESC, tendo como debatedores Frank Ejara e Marcelinho Back Spin (representando a dança), Criolo e Emicida discutindo a música/*rap*, Trampo e Binho abordando sobre a cena do grafite e a Presidente da Associação dos artistas plásticos de Joinville, Greici Erica, participando e

---

[104] Concurso destinado para a apresentação em modalidade solo em grupo de dança de rua e batalha de MC.

articulando os debates, tendo um limite de 30 vagas; as Batalhas (competições) de dança dentro do estilo *Hip-Hop* ocorreram ao longo dos dias 24 e 25 de julho[105]; (INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. 2010).

Figura 19 - Parte interna do *flyer* de divulgação da 5ª Edição do Encontro das Ruas.



Fonte: Elaborada pelo autor/Instituo Festival de Dança (2010)

Nos arquivos institucionais do Festival não foram encontrados registros fotográficos das atrações constituintes desta edição do Encontro, tendo a necessidade de suprir esta ausência por meio dos veículos midiáticos que fizeram a

---

[105] As doações de alimentos arrecadaram 2.200kg em 2010 e 3.300kg no ano seguinte como consta no balanceamento do evento de 2011 (INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. 2011).

cobertura do evento, a exemplo do jornal “ANotícia”, apresentando alguns relatos sobre a grafitagem e também disponibilizando imagens das intervenções realizadas no SESC e no Centreventos Cau Hansen em sua reportagem intitulada “Grafites do 28º Festival de Dança de Joinville”, salientando que os alunos da oficina de grafite (ministrada por Binho) deixaram as suas marcas e desenhos nos muros que contornam o SESC (ver Figura 20, onde alguns indivíduos – ao fundo – realizam a pintura em alguns espaços dos muros do local) e “(...) também o muro do Centreventos, onde suas assinaturas ficarão registradas durante um ano, para que no próximo, o sucesso se repita” (ANOTÍCIA. 2010). A grafitagem realizada no Centreventos (espaço nobre da cidade), assim como no ano de 2009, foram intervenções que mobilizaram um número grande de indivíduos interessados em conhecer o Grafite, e, todavia, compõem (mesmo que afetadas com o desgaste do tempo) ainda o cenário urbano joinvilense no tempo presente, bem como aspectos de elementos que compõem o *Hip-Hop*, como a dança e as suas disputas grupais (Figura 21).

Figura 20 - Muros ao entorno do SESC (centro) de Joinville durante a 5ª edição do Encontro das Ruas em 2010.

Fonte: ANotícia (2010). Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/semcensura/2010/07/29/grafites-do-28%C2%BA-festival-de-danca-de-joinville/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em 28 de jul. 2016.

Figura 21 - Grafite representando o Movimento do *Hip-Hop* nas paredes do Centreventos Cau Hansen em Joinville.

Fonte: ANotícia (2010). Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/semcensura/2010/07/29/grafites-do-28%C2%BA-festival-de-danca-de-joinville/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em 28 de jul. 2016.

Em uma ata de reunião acerca da avaliação – pelo viés da equipe organizadora e técnica – da 5ª edição do Encontro das Ruas do ano de 2010, o *rapper* Criolo Doido elogia a estruturação do evento, a organização, a interação entre os elementos do Movimento do *Hip-Hop* entre si e, sobretudo, destes com o público participante (enquanto espectador) da parte "clássica" (referindo-se ao grupo de pessoas que assiste as noites competitivas, como o Balé Clássico) do Festival de Dança de Joinville, o DJ Marcelinho "Back Spin", por sua vez,

salienta sobre o caráter profissionalizante que o evento concede aos participantes, bem como aos vencedores e vencedoras das batalhas competitivas[106], o que proporciona uma maior procura e destaque no Encontro (INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. 2010). Nesta "maior procura" pelo Encontro, fora que o grafiteiro Igor "Gôri" (em entrevista concedida) salienta que se viu motivado a participar do evento, querendo que os seus desenhos que antes ficavam presos no seu caderno de esboços tomassem o espaço da rua e, para isso, sentiu-se convidado (com a realização do evento em sua cidade) de verificar e ter um contato mais direto com o universo do grafite e com indivíduos experientes dentro deste. Nesta perspectiva e pelo depoimento de Gôri, isso demonstra que, de certa maneira, o evento acabou por tornar-se, sobretudo para os grafiteiros, uma forma de ter um contato mais direto com a modalidade e também uma das formas de estruturar laços com praticantes locais/regionais, bem como trocar conhecimentos e aprendizagens para com estes convidados e demais público.

> B.R.R.: E tipo, o Encontrou das Ruas serviu então como uma troca de experiências, seria então?
> I.G.: Sim! Com certeza, com certeza! Conhecer o negócio, ver muita coisa diferente né? Tipo,

[106] Os participantes convidados, bem como os vencedores de cada categoria, receberam um certificado de validade de suas apresentações e intervenções.

> porque, tu dá uma volta ali pelo Centreventos, tem muito grafite diferente, de todo lugar do Brasil e com, meu, estilos bem diferentes, então essa troca é, sempre foi legal assim. (GÔRI, I. 2016)

Ao longo de todo documento presente nos arquivos do Instituto é mencionado o interesse de diversas marcas destinadas ao público jovem em contribuir, patrocinar ou cobrir o evento, tendo como exemplo a marca de bebidas energéticas *RedBull*, alguns promoters joinvilenses e o canal televisivo de rede aberta nacional, TV Cultura, o que, segundo a perspectiva destes relatos, trariam – como mencionado anteriormente – uma notoriedade no circuito de *Hip-Hop* nacional.

O 6º Encontro das Ruas ocorreu no ano de 2011 dentro da 29ª edição do Festival de Dança de Joinville, ao longo dos dias 23 e 24 de julho, tendo como palco das competições e apresentações de *break* e *rap* as partes internas do SESC (o mesmo que sediou o evento no ano de 2010) e para a grafitagem, além do local citado anteriormente, a parte externa do Expocentro Edmundo Doubrawa[107]. Referente as batalhas, elas ocorreram nos mesmos moldes dos anos anteriores, com a capacidade máxima de 16 vagas por estilo (seja dupla ou

---

[107] Localizado na região central tendo um espaço que é destinado para a realização de eventos de grande porte na cidade (como feiras), estando nas proximidades (mesmo terreno) do Centreventos Cau Hansen e a sede do Bolshoi em Joinville.

individual), sendo estes e estas avaliados/as por jurados especializados, que se pautaram, por exemplo, em critérios como performance, coreografia, criatividade e técnica, sendo premiado/a os/as três primeiros lugares de cada modalidade. Segundo um material midiático (acerca das competições):

> Marcelinho BackSpin, curador das batalhas de dança, falou sobre o impressionante nível técnico das competições e disse que, além do lado coreográfico, são valorizadas a essência e a prática das danças de rua. Segundo ele, todos os jurados selecionados são experientes e foram instruídos a avaliar fundamentos, musicalidade, ritmo, presença de batalha e criatividade. Cada disputa permitia duas entradas para cada dançarino ou dupla, de no máximo um minuto cada uma. Embora as batalhas tenham sido calorosas, a maioria dos competidores sempre se abraçavam no final, mostrando que o clima de amizade e camaradagem sobressai nesse tipo de evento. Clima de descontração e troca de experiências entre dançarinos urbanos de todo o País. (ACONTECENDO AQUI. 2011)[108]

Dentro deste cenário competitivo, parte da documentação referente ao Encontro das Ruas de 2011 apresenta que uma modificação significante nas modalidades, fora a análise justa (de um viés extremamente técnico e profissional) possibilitando outros competidores (não apenas os

---

[108] O portal “Acontecendo Aqui” tem por finalidade divulgar marcas, eventos, propagandas e inovações da região catarinense tendo como foco o destaque de marcas e empresas locais.

vencedores e vencedoras dos anos anteriores, uma grande maioria de São Paulo), possibilitando a emergência de novos destaques, principalmente da região Sul e de Joinville. Como mencionado anteriormente, o crescimento do evento em comparação com a sua primeira edição em 2006 e, sobretudo, por sua inserção em um festival de prestígio nacional e internacional, proporcionou uma procura intensa e profissionais, admiradores e simpatizantes do Movimento *Hip-Hop*, trazendo, por assim, profissionais dos variados estilos presentes neste, facilitando a projeção, articulação e redes destes/as profissionais, como mencionado por Black Spin, isso fomenta a cultura urbana e o clima do evento. A documentação do Instituto de Dança salienta que:

> Cada participante do evento receberá um certificado de participação que deve ser retirado na secretaria do evento, no domingo, dia 24/07. Se não for retirado nesta data, o certificado permanecerá à disposição do grupo por seis meses, podendo ser solicitado o envio por correio, desde que as despesas sejam pagas pelo solicitante. Receberão também certificados de classificação os premiados pelo Festival, de primeiro a terceiro lugar. (INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. 2011)

Além dos certificados, os/as candidatos/as convidados contaram com alojamento, alimentação, custeio de material e transporte – seguindo os modelos dos Encontros anteriores –.

Não apenas *B-Boys/Girls, MC's e DJ's*, receberam estes benefícios e os certificados, mas os convidados dentre os grafiteiros também tiveram assistência para a realização de suas intervenções artísticas, urbanas e culturais. Dentre os selecionados para o grafite, estavam "Trampo", "Anjo", "Eco", "Ed Mun" e "Snek", que pintaram ao longo dos dois dias de evento, segundo o Instituto de Dança (2011). A análise do curador paulistano Binho Ribeiro, em material publicado na página virtual "Acontecendo Aqui"[109], disserta que:

> "(...) esse ano a proposta foi trabalhar a fundo a relação entre pintura e dança. Os grafiteiros retrataram o início da arte, na época das cavernas, com a pintura rupestre e as danças tribais, avançaram pelo teatro, balé, pelos anos 60 e concluíram nos anos 80, com o início do hip hop e do graffiti. Além dos convidados, que coloriram a parede do Expocentro, outros cinco artistas foram selecionados para a mostra: Anderson Aparecido Souza (Hope), Elton Carvalho (Schock), Andrew Bueno de Oliveira (Iceman), Emerson da Silva Oliveira (Kiko), Nuno Miguel Brizida Barros (Skor). Os selecionados ficaram responsáveis pela execução dos graffitis na quadra do Sesc, em meio às batalhas. "São todos artistas com um grande potencial e uma boa experiência na área, fiquei supercontente com o resultado das

---

[109] A matéria completa, "Joinville mais de 1000 pessoas de diversos estados participam do 6º Encontro das Ruas" se faz disponível em: <http://www.acontecendoaqui.com.br/joinville-mais-de-1000-pessoas-de-diversos-estados-participam-do-6-encontro-das-ruas/>. Acesso em: 19 de fev. 2015.

> pinturas, todas de alto nível e com potencial de servir de referência para jovens que estão ingressando no universo do graffiti", comenta. (ACONTECENDO AQUI. 2011)

A proposta explorada pelos grafiteiros – uma bailarina clássica dançando enquanto se encontra imbricada a escrita estilizadas e personagens carttonescos, buscando aproximar ambos estilos culturais (Figura 22) - mobilizou diversos registros e pessoas para apreciar a grafitagem feito no Expocentro, sendo este contato facilitado devido à proximidade com o Festival de Dança (que ao longo de sua realização se faz muito movimentado), estes materiais produzidos - como as notícias publicadas em jornais locais e produções audiovisuais – apresentam relatos de grafiteiros e o processo de construção dos grafites ao longo do evento. O jornal "Notícias do Dia", em sua reportagem "Encontro das Ruas movimenta Sesc e Expocentro, em Joinville", traz o relato de participantes que se deslocaram de outras cidades prestigiar e interagir no Encontro das Ruas, a exemplo de Luiz Henrique Frabetti (22 anos) de São Paulo e Thiago Furtado (23 anos) de Florianópolis, que viram na edição do evento uma possibilidade de expor a sua arte e socializar com os grupos presentes (NOTÍCIAS DO DIA. 2011).

O Encontro de 2011 teve também a montagem de um audiovisual – disponibilizado na integra na plataforma de

vídeos *Youtube* – que apresenta as atividades presentes ao longo dos dois dias de evento, como as batalhas de dança e rima, a grafitagem nos locais de sede e, principalmente, a interação destes elementos do *Hip-Hop* entre si e com os participantes envolvidos no clima da festa. A produção editada por "Binho Ribeiro", de nome "Encontro das Ruas 2011[110]" acaba por demonstrar o envolvimento que os convidados tiveram no Encontro das Ruas a conciliação de grafiteiros/as para produzir intervenções que articulem o ambiente, o local e o contexto com as demais produções presentes e a influência da música e da dança em suas obras. O audiovisual é finalizado com uma roda de jovens (a noite), nas proximidades do Complexo Edmundo Doubrawa, realizando rimas improvisadas (*Freestyle)* que mencionam algumas de suas experiências e também falam sobre a presença de algumas pessoas de outras regiões que compareceram no evento, tal momento é interrompido por possíveis autoridades policiais (somente se

---

[110] A produção ajuda, sobretudo, em perceber a interação dos participantes – de todas as modalidades – e, no caso do grafite, o seu poder de atração de um público que transita pelo Festival de Dança, principalmente pela proposta de criação de grafites que se remetam a história da Dança e do *Hip-Hop.* O conteúdo na integra do material audiovisual se faz disponível em <http:// https://www.youtube.com/watch?v=IWryalG4i0M>. Acesso em: 27 de set. 2014.

escuta a fala deste(s)) que mandam os meninos abaixarem o som e “irem todos para a parede”[111].

Figura 22 - Bailarina grafitada “dançando” entre os grafites nas paredes do Complexo Edmundo Doubrawa.

Fonte: Trampo e Kicow/Graffitche (2011). Disponível em: <http://www.grafftche.com/2011/08/kicow-nsk-no-edr-encontro-das-ruas.html>. Acesso em: 28 de jul. 2016.

Na produção elaborada/editada por Binho (citada anteriormente) existe uma passagem do vídeo onde algumas bailarinas – participantes do 29º Festival de Dança de Joinville – tiraram fotografias posando em frente ao grafite do Encontro das Ruas, tornando o local, assim como discute MAGNANI (2002), em uma *mancha*. Segundo o autor este seria o:

[111] Nas gírias presentes em diversos grupos e culturas urbanas (como o Picho e o Grafite) as abordagens de policiais desta maneira são nomeadas de “enquadro”.

> (...) resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso, o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários (...) a mancha cede lugar para cruzamentos não previstos, para encontros até certo ponto inesperados, para combinatórias mais variadas. (MAGNANI. 2002; 23)

A ideia de *mancha* se encaixa para esta etapa em específico do evento, sobretudo por ceder cruzamentos culturais e sociais não previstos, mesclando diversos públicos com experiências e bagagens históricas distintas, classes e posições diversificadas, em torno de uma mesma localidade, dentro de um mesmo evento, possibilitando o encontro de modalidades diferentes de dança e de movimentos de cultura, como a grafitagem, o *rap*, o *break*, a música e o balé.

O arquivo do Instituto Festival de Dança de Joinville consultado não apresenta um material detalhado – relatórios, catálogos, fotografias, perspectivas de melhoria, orçamentos, dentre outros – acerca dos Encontros das Ruas do ano de 2012 e 2013 (do evento que ocorre em 2014, apenas alguns relatos de jornais – já que o evento fora pouco divulgado devido ao seu quase cancelamento e por não ter sido da mesma grandeza dos anteriores), sendo necessário consultar outras documentações (como jornais e páginas eletrônicas que

mencionaram o Encontro) que tragam relatos sobre estes dois anos.

A página eletrônica do 30º Festival de Dança de Joinville, no ano de 2012, traz algumas pistas de como fora realizado o 7º Encontro das Ruas e as suas mudanças, sobretudo nas modalidades de dança e música no *Hip-Hop*. Segundo o conteúdo do *site*:

> Parada certa dos seguidores da cultura urbana durante o Festival, o Encontro das Ruas foi uma grande confraternização entre os amantes da cultura Hip Hop. Totalmente remodelado em 2012, as batalhas de B. Boys, B. Girls, Hip Hop Freestyle, Locking, Popping, House Dance e MC's aconteceram em forma de apresentações sem o caráter competitivo das outras edições. (FESTIVAL DE DANÇA. 2012)

O processo de remodelação, passou principalmente, pela retirada das mostras competitivas presentes no Encontro das Ruas, transformando-as em apresentações, tal caráter de mudanças partiu da organização, retirando tanto jurados quanto premiação, visando a ideia de interação entre os grupos inscritos e convidados, tendo disputas apenas entre os participantes sem o julgamento técnico, servindo como socialização e trocas de experiências entre os dançarinos e músicos, assim como um "convite" para que o público conheça

o *Hip-Hop* (NOTÍCIAS DO DIA. 2012)[112]. No mesmo material do Notícias do Dia (2012), se pode notificar alguns nomes que fizeram parte do evento, sendo estes de diversas localidades do Brasil, tendo como um dos principais destaques o rapper cearense "(...) Rapadura, que traz uma levada *underground* na qual o rap ganha contornos de ritmos nordestinos, como repente, maracatu, baião e forró" (NOTÍCIAS DO DIA. 2012), o que demonstra o crescimento e a procura pelo Encontro.

O evento fora realizado entre os dias 21 e 22 de julho, tendo a entrada o valor de R$:10,00, na Escola Germano Timm (região central), onde, além das apresentações de dança, ocorreram oficinas, exposições e intervenções de grafite, com os grafiteiros "Trampo" e "Danone" que auxiliaram o público interessado em conhecer esta manifestação artística, urbana e cultural, tendo a parte interna do colégio grafitado com ajuda de colaboradores. Diferentemente do Encontro passado, não fora encontrado registros audiovisuais e materiais fotográficos em abundância em documentações e publicações midiáticas.

A 8ªa edição do Encontro das Ruas, no ano de 2013, fora de extrema repercussão nos canais midiáticos joinvilenses,

---

[112] O conteúdo completo da nóticia intitulada "Neste fim de semana a cultura hip-hop ganha voz no Festival de Dança" está disponível em: <http://www.ndonline.com.br/joinville/plural/31469-neste-fim-de-semana-a-cultura-hip-hop-ganha-voz-no-festival-de-danca.html>. Acesso em: 29 de jul. 2016.

tanto em jornais locais, quanto em *blogs* que abordam temas sobre a cidade, tornando-se em materiais ricos para entender o que fora este evento neste ano. Outra fonte interessante são os comentários que leitores e leitoras deixaram nestes locais, colocando a sua visão sobre as intervenções realizadas pelos convidados do Encontro, tendo em vista que o arquivo do Instituo da Dança não possui uma documentação específica sobre este ano/edição. No sítio eletrônico do 31º Festival de Dança de Joinville constam algumas informações acerca dos convidados que compuseram tanto o grafite quanto a música deste ano, como os DJ's Basin, Bidu e Pogo, sendo este último um dos maiores nomes do *Hip-Hop* britânico, discotecando em grandes eventos do cenário mundial, por outro lado, no grafite, fora convidado os grafiteiros Anjo, Ed-Mun, Marcelo "Eco", Snek e Trampo (FESTIVAL DE DANÇA. 2013).

De forma diferente do ano anterior (2012) e na forma de um retorno ao que fora desde 2006, o 8º Encontro das Ruas contou com modalidades competitivas dentre os estilos *B-Boys/Girls*, *Freestyle*, *Locking*, *Popping*, *House Dance* e MC, tendo a inscrição para cada categoria podendo ser realizada pelo sítio eletrônico do Festival e também presencialmente – com vagas limitadas aos moldes dos anteriores -, as batalhas contaram com a premiação das três primeiras colocações de cada estilo, o que fomentou o deslocamento de diversos grupos

nacionais e personalidades dentro do cenário do *Hip-Hop* para prestigiarem, participarem e disputarem o evento que fora realizado na Escola Germano Timm

Uma das grandes modificações dentro desta edição fora acerca do Grafite, realizado – em forma de oficina e exposições– logo no início do Festival de Dança, de maneira separada das batalhas de *Hip-Hop* que ocorreram em um único dia e separados da grafitagem. A reportagem "Encontro das Ruas e Encontro de Graffiti trazem colorido especial a Joinville", do jornal Notícias do Dia (2013), relata que:

> Como este ano a mostra de grafite foi realizada logo no início do Festival de Dança, durante o Encontro das Ruas terão apenas batalhas. Para não deixar os grafiteiros sem atividades, está sendo organizado para sábado e domingo, a partir das 10h, um evento independente, o Encontro de Grafitti de Joinville. O Muro a ser pintado será o do América Futebol Clube – com 100 metros de comprimento- na rua Almirante Tamandaré, bairro América (...). (NOTÍCIAS DO DIA. 2013)

A ideia de um evento paralelo ao Encontro das Ruas, segundo a narrativa do seu idealizador na página eletrônica do jornal, Wendel Sena, era para propiciar um espaço de troca de experiência, de ensino e de convivências entre grafiteiros e grafiteiras joinvilenses (principalmente), possibilitando o (re)conhecimento da intervenção na cidade, não sendo,

sobretudo, um encontro individualizado, mas baseado na coletividade e na ajuda mutua para enriquecer e fortalecer o movimento do grafite local (NOTÍCIAS DO DIA. 2013)[113]. Este evento teve por ideia ocupar o espaço entre o início do Festival e o seu término, sendo uma forma de mobilizar os amantes do grafite da cidade para intervirem juntos (tendo em vista a pouca participação, até 2009, de joinvilenses no quadro de convidados do Encontro das Ruas).

O grafite em Joinville, como pode se perceber ao longo destes da história do evento mencionado, fora tomando uma grande visibilidade no cenário local e, até mesmo, no nacional, tendo em vista as participações de indivíduos que representam a "grafitagem brasileira" em diversos circuitos internacionais e são considerados expoentes do movimento, o que acabou por alimentar e mobilizar diversos praticantes e olhares para a prática na cidade. Tendo em vista tal notoriedade que o grafite fora conseguindo – mesmo com as premiações entre as

---

[113] Em entrevista com o grafiteiro local, Gabriel "Época Mouco", ele relembra que a ideia de ocupar o espaço do muro do América Futebol Clube já tinha sido iniciada no ano de 2008, sendo uma conversa entre os grafiteiros e grafiteiras locais em possui um encontro independente, criado e fomentado pelos próprios atuantes. A escolha do local se deu por um contato e, na narrativa de Época, se tornou um muro de intervenção permanente, uma espécie de "permissão vitalícia" para apropriar-se da localidade. Este evento paralelo acabou por atrair, nesta edição do Encontro das Ruas, os olhares dos grafiteiros de outras cidades que viram a cena da grafitagem joinvilense enquanto próspera, unida e rica em amizade e diversidade. (ÉPOCA, G. 2016).

batalhas musicais -, isto acabou por chamar a atenção de diversos setores culturais, sociais e midiáticos, lançando os seus olhares sobre as intervenções realizadas dentro do Encontro. Até o ano de 2013, as manifestações de caráter urbano realizados na cidade, dentro do Festival de Dança, mobilizaram muito mais a curiosidade e o anseio de ver e perceber o grafite no local, bem como proporcionar oficinas e troca de aprendizagem entre grafiteiros, grafiteiras e o público participante do evento, porém, nesta 8ª edição do Encontro das Ruas, contou com a divisão de olhares e opiniões acerca do local que fora escolhido enquanto suporte desta manifestação, um edifício tombado na região central de Joinville.

O edifício em questão se trata da antiga sede administrativa da Prefeitura de Joinville (PMJ), localizado na esquina das ruas Dr. João Colin e Max Colin (Centro), imóvel este que já serviu, como aponta o material produzido pelo jornal "ANotícia" intitulado "Minha História, Meu Patrimônio"[114], entre 1954 e 1968, enquanto oficina e agência revendedora da marca automobilística *Ford* (de propriedade de

---

[114] A equipe do projeto produziu, ao longo de nove meses, reportagens mensais que abordavam os patrimônios materiais e imateriais presentes na cidade de Joinville, buscando revelar a trajetória e o sentido histórico destes para a sociedade local. O material – por completo – se faz disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an_especiais_patrimonio/torre/projeto.html>. Acesso em: 14 de jan. 2015.

uma família imigrante libanesa), posteriormente, entre 1971 e 1973, a Prefeitura aluga o imóvel para atuar enquanto rodoviária intermunicipal e interestadual, sendo alugada no ano seguinte para alocação de repartições públicas da Prefeitura até o ano de 1996 quando é construída a sede atual do órgão. Após estes marcos a localidade também servira enquanto palco de exposições artísticas e arquitetônicas (decorações), sendo o mesmo edifício comprado pela PMJ em 2003 (onde fora pago o valor do imóvel e uma indenização pelo mau uso e desgaste do local), tendo um processo de tombamento da fachada e da torre (marcante na estrutura do local) iniciado no ano seguinte, sendo o processo parcialmente concluído em 2005 (ANOTICIA. 2014).

Este local que, sobretudo, participou de parte do desenvolvimento urbano, industrial e histórico da cidade de Joinville, carregado de elementos que compuseram referências e marcos para os moradores da cidade teve, no ano de 2013, uma nova apropriação, não sendo – assim como fora as anteriores – em sua estrutura ou funcionalidade, mas na mudança estética de sua fachada pelo grafite autorizado por órgãos públicos responsáveis, tal intervenção gerou diversas discussões sobre a presença deste elemento em uma localidade tombada e, principalmente, palco de diversas disputas.

> Embora o grafite, que existe desde o ano passado na fachada, dê cores e torne o prédio "mais simpático", a sujeira, o limo e as rachaduras não escondem o abandono que perdura há dez anos. Já dentro do imóvel, apesar do pó e do lixo, equipamentos públicos e centenas de caixas de documentação da Prefeitura preenchem o vazio que a Agência Ford (1954 a 1968), a estação rodoviária (1971 a 1973) e o Poder Executivo (1974 a 1996) deixaram, cada qual em seu período. Tombado pelo Patrimônio Histórico municipal em 2005, o imóvel de uma das esquinas mais movimentadas de Joinville, conhecido hoje como o da "antiga Prefeitura", é disputado por entidades culturais e departamentos públicos em diferentes gestões municipais. (ANOTÍCIA. 2014)

O grafite realizado na fachada da antiga Prefeitura de Joinville, que mistura elementos de caráter realistas – com figuras humanas -, cores atrativas e vivas que chamam a atenção para o suporte, bem como o nome do Festival de Dança e, ao lado direito, o nome do Encontro das Ruas do ano de 2013 (Figura 23), fora idealizado pelo Instituto Festival de Dança, dentro do Encontro das Ruas, tendo por curadoria o grafiteiro paulista Binho, tal intervenção – como dito anteriormente – antecedeu a abertura do Festival. Segundo a matéria jornalística do Notícias do Dia (2013) esta mobilização de grafiteiros gerou dúvidas e contestações, sobretudo de pesquisadores e entusiastas do patrimônio, contendo a indignação da arquiteta e pesquisadora do patrimônio cultural

Rosana Barreto Martins que diz conter – nesta ação – o descumprimento de portarias do Instituto de Patrimônio Artístico e Nacional (IPHAN) que salientam sobre a proibição de fixação e/ou interferências (por meio de outros materiais) que impeçam a visualização do imóvel. Discussões como essas – envolvendo o patrimônio histórico – não se restringem ao cenário joinvilense, mas sim em outras localidades nacionais e internacionais como, por exemplo, a grafitagem do Armazém Vieira[115], dos "Arcos do Jânio"[116] e, um dos casos que

---

[115] No ano de 2013, ocorreu a grafitagem de um imóvel tombado em Florianópolis, o Armazém Vieira, onde o dono do bar e restaurante idealizou a intervenção temática na fachada do estabelecimento – as bruxas de Franklin Cascaes -, tendo os seus grafites um tempo limite antes de ser (re)pintado pelo órgão responsável (IPUF). A presença dos grafites na localidade movimentou diversas discussões a favor e contra, mas, sobretudo, atraiu olhares para o imóvel. O conteúdo apresentado pelo Diário Catarinense se faz disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2013/11/grafite-no-armazem-vieira-na-capital-ficara-visivel-apenas-por-alguns-dias-4322525.html>. Acesso: 05 de ago. 2016.

[116] Em São Paulo, ocorreu a grafitagem dos muros de arrimo dos conhecidos "Arcos do Jânio" da Av. 23 de maio (construção histórica na cidade) no ano de 2015, criando uma discussão acerca das imagens pintadas (tendo em vista que uma – segundo as discussões acaloradas – referenciava o líder venezuelano Hugo Chavez) e da intervenção em si, mobilizando diversos setores referentes ao patrimônio, a sociedade e diversas discussões políticas. Maiores informações sobre o caso podem ser conferidas em: <http://negrobelchior.cartacapital.com.br/2015/02/23/arcos-do-janio-e-o-grafite/?utm_content=buffer45802&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer>. Acesso em: 24 de fev. 2015; bem como em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/02/1583790-haddad-autoriza-grafite-em-parede-de-patrimonio-historico.shtml?cmpid=%22facefolha%22> Acesso em: 02 de fev. 2015.

repercutiu em diversas mídias, a grafitagem de um castelo escocês em 2007[117].

Figura 23 - Fachada grafitada do edifício tombado da antiga sede da Prefeitura de Joinville.

Fonte: Elaborada pelo autor (2015).

Como um contraponto ao que a arquiteta e pesquisadora salientou, o Notícias do Dia (2013)[118], apresenta o viés do

---

[117] A grafiteira Nina Pandolfo e os grafiteiros "OSGEMÊOS" (Gustavo e Otávio Pandolfo) e "Nunca", foram convidados para realizarem a grafitagem do castelo Kelburn (século XIII) na Escócia a pedidos do filho do nobre, sendo a intervenção pensada para durar um tempo estipulado, porém, devido a repercussão, o período se estendeu. Conteúdo disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/arte-e-design/indicacao/os-gemeos-grafitam-castelo-na-escocia/>. Acesso em: 05 de ago. 2016.

diretor executivo da Fundação Cultural de Joinville (FCJ), Joel Gehlen, que disserta sobre a permissão pelo órgão responsável pela proteção e tombamento do imóvel, a Comissão do Patrimônio, Histórico, Arqueológico, Artístico e Natural de Joinville (COMPHAAN), destacando a efemeridade do grafite e que a aplicação da tinta sobre a camada cinza do edifício não seria tão danosa quanto a sujeira acumulada ao longo de anos no imóvel, dissertando sobre o "cumprimento" do papel da intervenção, sendo este, o seu poder de chamar a atenção para o local grafitado. Segundo a Ata nº 203, do dia 10 de julho de 2013, da COMPHAAN ocorreu a discussão acerca da "Intervenção artística no imóvel da Rua Dr. João Colin, nº 550 – antiga sede da Prefeitura Municipal de Joinville", sendo elaborada uma análise sobre a possibilidade de grafitagem deste edifício tombado, sendo uma solicitação vinda diretamente do Instituto Festival de Dança, onde fora frisado, por ambas as partes, o caráter provisórios e temporal que as intervenções teriam sobre o lugar, bem como a necessidade de aviso prévio aos convidados (grafiteiros) deste acordo, tendo

---

[118] A matéria jornalística "Pintura com grafite no prédio tombado da antiga prefeitura é alvo de contestação em Joinville", do jornal Notícias do Dia, está na integra em seu sítio eletrônico, disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/noticias/87396-pintura-com-grafite-no-predio-tombado-da-antiga-prefeitura-e-alvo-de-contestacao-em-joinville.html>. Acesso em: 17 de jul. 2013.

um parecer favorável e não oposição ao pedido. Na Ata de nº 204, do dia 24 de julho de 2013, se tem, inicialmente, o desligamento de um dos membros da comissão, que, por *e-mail*, alega estar entristecida com a permissão de intervenção deste estabelecimento (antiga Prefeitura) e que a sua visão de preservação patrimonial se difere dos demais membros. Para além desta discussão introdutória o documento consta aparatos legislativos que sustentam a decisão tomada, onde a intervenção de qualquer bem patrimonial sob a proteção de um órgão responsável deve passar pelo aval permissivo do mesmo, o que, por sua vez, afasta tal decisão e intervenção enquanto um ato criminoso, outro ponto que se faz interessante são de apontamentos que salientam, novamente, o caráter temporal de tal manifestação sobre o edifício, não sendo uma apropriação permanente e nem que danifica a integridade do local. Tal documentação articula com a narrativa do coordenador-geral do Festival de Dança, Vitor Aronis (em entrevista), que disserta sobre a preocupação em alertar sobre a intencionalidade de que tal grafitagem não seja permanente e/ou ocupe outros espaços do edifício que não foram autorizados.

Para os grafiteiros locais, sobretudo, a grafitagem do edifício tombado se tornou um marco no grafite da cidade, principalmente pela atração de diversos olhares que se

voltaram para a prática e para a localidade ocupada, tais elementos fazem deste um “marco no grafite joinvilense”, assim como uma parte mister para se compreender as mudanças existentes dentro do cenário desta manifestação urbana na região. Neste aspecto as narrativas dos grafiteiros Época e Gôri ajudam a entender o impacto que tal apropriação teve em suas vidas e em suas trajetórias urbanas, ambos os artistas dissertam que:

> G.E.: A arte visual também tem o seu poder, o seu charme né. Acredito que nos últimos mesmo que teve, aquele ali da antiga Prefeitura mesmo, eu acho que foi bem marcante nesse lado. O grafite já estava tomando outros parâmetros, assim, né e comentaram na cidade inteira né, aquele mural ali, praticamente todo mundo que fala comigo sobre grafite pergunta se eu pintei ali ou se eu conheço alguém que pintou ali né (risos) chama muito atenção né? Apesar que, durante a execução, acho que nem foi tanto divulgado assim né? (ÉPOCA, G. 2016)
>
> [...]
>
> I.G.: Mas acho que pra mim, assim, o que mudou, o que me somou como grafiteiro foi ter esse intercâmbio né?
> I.G.: De ter pessoas que pintam desde 85 ou 84 que foi uma das primeiras pessoas a pintarem no Brasil, ter pintando aqui do nosso lado, né? Então, essa troca de experiência é muito... mais vindo deles né? Da gente chupinhando o outro né? (risos)

> I.G.: É que vale a pena assim, que foi sempre uma coisa legal no Encontro das Ruas, ter um festival, uma organização assim pra cidade, tipo, ter essa, poder prestigiar isso né? Presenciar isso, visualizar, trocar essa informação (...) (GÔRI. I. 2016)

Apesar destas declarações que fazem emergir o papel construtivo e colaborativo que o Encontro das Ruas e, principalmente, a grafitagem da antiga Prefeitura tiveram de influências sobre os/as diversos/as grafiteiros e grafiteiras que participaram do evento na cidade de Joinville, uma das menções mais corriqueiras presentes nas falas de ambos os jovens é de que, nesta etapa do Encontro, se teve pouca participação de autores locais, sendo convidado muito mais artistas de outras localidades do Brasil para apropriarem-se do prédio do que os que aqui residem. Este sentimento de estar apenas como espectador e de, cotidianamente, indivíduos perguntarem sobre a sua participação efetiva na pintura desta localidade, se misturam enquanto alegria (de ter um evento que chame grandes figuras da grafitagem) e tristeza (de terem poucos joinvilenses participando efetivamente o grafite, tal "*mix*" se fica perceptível, sobretudo, quando o grafiteiro Gôri narra que:

> I.G.: Cara... pelo lado do tombamento eu não to nem aí cara, eu quero mais que pintem sabe?

> Tipo , pelo tombado eu acho mais lindo ainda. Porque geralmente o prédio tombado tem aquela história, toda aquele negócio. Tu pintar, escrever em cima daquilo, contribuir com aquilo é muito louco, sabe? Só que quanto às pessoas que pintaram, como foi feito, organizado o negócio... tipo, o resultado ficou bonito, mas podia ter ficado muito melhor, tipo, não falando da qualidade técnica. Eu to falando do espaço que deram só pra pintura, poderia ter sido pintada aquela Prefeitura inteira, sabe?
> I.G.: É, não foi dado espaço pras pessoas locais participarem nem de bicão, sabe? Nem de chegar e "Eu vou dar a minha tinta, minha lata, meu dinheiro, minha lata, meu material e o meu tempo pra isso daqui", sabe? E não deixaram as pessoas pintar, sabe? Então, foi um ato muito elitizado, que as pessoas da cidade viram isso, vangloriaram isso, e é muito chato quando alguém chega, até hoje, quanto tempo a gente tá, dois, três anos depois? (GÔRI, I. 2016)

A narrativa do grafiteiro expressa um aspecto que se faz mister para entender esta edição do evento, sendo o que Márcia Fantin (2000) aborda enquanto uma *disputa da cidade*, se tendo uma "(...) disputa de mercado (de capital cultural e simbólico) (...) uma sensação de 'ameaça', de 'perda' sempre presente na vida e no microcosmos da cidade", ou seja, uma "traição" – no presente caso - de um evento criado na cidade de Joinville, para o público local, mas que, quando fora intervir diretamente em um bem cultural (e simbólico) joinvilense, não contou com a participação indivíduos que compõem a cena da grafitagem na localidade, criando uma diferenciação entre "nós" (nascidos ou

que moravam em Joinville) e “eles” (forasteiros de outras localidades).

Na esteira deste entrave, o *blog* “Chuva Ácida”[119] publicou em sua página um texto intitulado “Os grafites não resolverão o problema da antiga prefeitura”, tendo como discussão base que aquele local não deveria servir enquanto suporte de grafitagem, mas sim de uma intervenção de restauro e preservação da estrutura do local enquanto um patrimônio tombado, salientando que o grafite servira enquanto uma forma de mascarar os problemas no local (como acusado no próprio título do artigo), servindo enquanto uma espécie de “*band-aid*”. Todos estes materiais apresentados acerca do Encontro das Ruas do ano de 2013 e a sua grafitagem na antiga sede da Prefeitura de Joinville, nos sinalizam que a intervenção mobilizou diversas discussões, seja de pesquisadores, agentes públicos ou demais interessados na discussão patrimonial, apresentando as suas perspectivas acerca do imóvel e da prática do grafite, ou mesmo do papel realizado pelas mídias locais em divulgar estes debates e o fato ocorrido, servindo estes, sobretudo, enquanto uma possibilidade de moradores de

---

[119] Em sua matéria “Os grafites não resolverão os problemas da antiga Prefeitura”, o *blog* (que discute sobre Joinville e região) abordou sobre a questão da grafitagem na antiga sede da Prefeitura. Disponível em: <http://www.chuvaacida.info/2013/07/os-grafites-nao-resolverao-o-problema.html>. Acesso em de jul. 2013.

Joinville também se expressarem por meio destes materiais divulgados em sítios eletrônicos e/ou *blog*.

Nos comentários presentes nestes conteúdos disponibilizados na *internet*, podem se perceber indivíduos que veem o patrimônio histórico e cultural enquanto sinônimo de "velho" e "contramão da modernidade", elencando em suas postagens a necessidade de derrubada destes locais para promover novas obras, como hospitais, estacionamentos e/ou escolas. Por outro lado, ocorrem comentários que salientam a necessidade de preservação e restauração destas edificações, servindo estas enquanto uma possibilidade de conectividade com a trajetória histórica da cidade e da sociedade joinvilense, tendo em vista que o imóvel em questão fizera parte da modernidade e industrialização presente em Joinville, bem como da transição e presença de um poder público em seu interior. O grafiteiro joinvilense, "Época Mouco" (em entrevista) apresentou a sua perspectiva acerca da grafitagem da antiga Prefeitura de Joinville, salientando que, para ele, os espaços abandonados pelo poder público ou pela sociedade, são os alvos de interventores urbanos e das manifestações artísticas e culturais presentes na cidade, fazendo, segundo este, "a flor nascer no meio do lixão", sendo, para ele, uma pena as reações da sociedade "puritana" joinvilense para com essa intervenção, bem como que algo deveria ter sido realizado

para além das discussões presentes em veículos midiáticos e/ou sítios eletrônicos.

> G.E.: O grafite, num todo, eu achei ótimo, né? Ótimo! Acho ótimo, como seria também uma reforma geral na antiga Prefeitura né, cara? Sou tão a favor do grafite na antiga Prefeitura, quanto sou a favor do grafite na Prefeitura atual também (risos) como em qualquer órgão público, pra mim é a representação artística num todo, né? Uma peça de teatro da Prefeitura, qualquer coisa, eu acho, assim, no geral, a reação da cidade uma pena, sinceramente, porque eu acho que a questão que poderia ser discutida ali é que muito pouco se viu saindo daqueles comentários, pô quem deixou, quem não deixou, por que fazer essas pinturas aí, que são muito mais importantes do que o grafite em si até, até porque aquele lugar só chegou a ser pintado pela situação que ele estava né? Eu acredito, né. Se tivesse qualquer órgão público ali, uma repartição pública ali né, principalmente se fosse uma repartição mais séria, assim, não ia autorizar, né? Quebrar o... semblante do espaço né! Eu, no geral, achei uma pena! Uma pena, assim, que pra mim só faz pensar o quanto a cidade é puritana e só se calca nesse puritanismo assim, não pode, tá, e daí? Vai ficar do jeito que está? Vai deixar caindo? E cá entre nós, é o que eu vejo em Joinville em prédios ditos, é... históricos e tal, que tem uma arquitetura legal e tal, antigo, que as pessoas deixam cair para não se incomodar! É essa impressão que eu tenho, já que tu é obrigado a reformar de tal maneira e sei lá o que, então deixa cair para não se incomodar, ninguém pode te impedir de deixar cair, né? É essa a impressão que eu tenho, é uma pena que a Prefeitura antiga acabou tendo esse aspecto que, assim, favorável aos grafiteiros e é isso

> que acontece, né? Porque no fundo eu acho que nós temos ainda um bom senso, os grafiteiros ocupam esse tipo de espaço né, meio que parasitas do abandono, assim, tudo que é esquecível. Pode até tirar uma poesia disso né, a gente faz a flor nascer no meio do lixão. (ÉPOCA, G. 2016)

Segundo Dominique Poulot, no capítulo introdutório de sua obra "Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores", a representação de uma herança a ser conservada:

> (...) parece satisfazer umas das aspirações profundas das sociedades contemporâneas. Encarnação consensual dos valores cívicos, além de pretexto para articular atitudes culturais e práticas de consumo, essa verdadeira explosão de iniciativas patrimoniais corresponde certamente à nova condição – pelo menos nesse plano – de obras ou de lugares que se encontravam sem uso no espaço público (...) Sob o signo de uma "provocação da memória", o patrimônio instala-se assim no centro da instituição da cultura e é acompanhado por uma ética, ao mesmo tempo, da precaução e da fruição (...) a definição e os contornos dos patrimônios estão profundamente associados à atualidade de uma sociedade, a seus interesses do momento e até mesmo a suas modas. (POULOT, 2009; 31)

Estas visões que, por vezes se distanciam e/ou se encontram, podem nos ser ricas por alguns motivos: 1-) em sua grande maioria – mesmo, em alguns casos, com vieses dispares

– buscam que o poder público volte os seus olhares para o bem tombado; 2-) discutem acerca da carência de um planejamento municipal, quando se trata do patrimônio histórico local e; 3-) que, fugindo da dicotomia “certo” ou “errado”, o grafite acabara por chamar a atenção para o estado do edifício e mobilizando diversos grupos sociais para debaterem as temáticas: grafite, intervenção, patrimônio histórico e poder público, sendo, como salienta POULOUT (2009) uma ação que está intrinsicamente ligada e associada com a atualidade e os seus interesses para com o monumento.

O evento, Encontro das Ruas, teve uma grande mobilização ao longo dos anos em que fora realizado, ampliando o cenário do grafite e do *Hip-Hop* no Brasil e, indubitavelmente, em Joinville, proporcionando o encontro de expoentes do cenário propostos, realizando uma troca de experiências e redes de contato entre convidados, participantes, organizadores e o público, fomentando a organização de grupos simpatizantes com o movimento e disponibilizando espaços de competição para estes, bem como, expandir os olhares sobre a grafitagem joinvilense, introduzindo a prática para algumas camadas sociais presente na cidade (moradores ou visitantes), salientando as múltiplas possibilidades de experimentar, experienciarr, intervir e se apropriar da região urbana utilizando-a enquanto suporte para esta(s)

manifestação(ões). Para além desta proposta realizada pelo Encontro, ele possibilitou, seja conscientemente ou não, o fomento dos elementos do *Hip-Hop* em Joinville, sobretudo do Grafite, que – como discutido em outras etapas do trabalho – se apresentou de diversas formas nos mais variados espaços da urbe, seja permitido ou contraventor, seja de caráter artístico, contestatório ou político, mas, sobretudo, aparente e presente na cidade, podendo ser reinventado e/ou transformado.

O evento, mesmo que priorizando a região central (devido ao seu forte apelo estético e pelo caráter artístico de visibilidade das localidade que sofreram intervenção, como escolas, casas noturnas e centros de exposição) e contrariando a ideia de "essência política e marginal" do grafite – pelo seu aval permissivo dos locais de intervenção -, mobilizou diversos indivíduos que se sentiram motivados em conhecer e/ou presenciar a realização do evento, mesclando públicos distintos (como no caso da grafitagem da bailarina no Centro de Exposições, em 2011) e também servindo enquanto um ponto de encontro (um circuito) para grafiteiros e grafiteiras (novatos/as ou experientes) aprimorarem as suas técnicas, conhecer histórias, vivências a prática e, principalmente, grafitar em conjunto. O Encontro das Ruas de 2014, como mencionado anteriormente, ocorreu apenas com a grafitagem de painéis no centro da cidade, sem ter a realização das

disputas de dança/música e com uma divulgação do encontro bem tímida perto dos eventos anteriores, demonstrando um encaminhamento para o seu término, tal premissa se concretizou no ano de 2015, sobretudo, com a matéria intitulada “Sem Encontro da Rua em 2015” do jornal ANOTICIA (2015)[120], onde o autor salienta que, assim como no ano anterior que a programação fora limtada, o evento por completo não ocorreria no ano vigente, sendo uma opção adotada pela organização para dar “um tempo” no Encontro. Segundo Vitor Aronis, uma das frustrações e o principal motivo de se encerrar o evento:

> V.A.: (...) foi um pouco essa decepção é... que os elementos não se conversavam. A gente realmente acreditava que os elementos... que podia haver uma grande confraternização disso tudo, a gente achava que sim, quando a gente começou a perceber que era cada um no seu canto, é... que os b-boys vinham na hora da competição, que o MC vinha somente na hora dele, o grafite tava embora, a gente achou não... não é isso. Não é isso que a gente se propôs a fazer, não é isso” (ARONIS, V. 2016)

Neste aspecto dissertado pelo coordenador-geral do Festival de Dança de Joinville, os estilos dentro do Movimento

---

[120]ANOTÍCIA. Sem Encontro da Rua em 2015. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2015/07/07/sem-encontro-das-ruas-em-2015/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 7 de jul. 2015.

Hip-Hop na cidade acabavam por não se articularem e/ou se comunicarem dentro do evento, realizando intervenções apenas em seus horários e momentos destinados, nestes Encontros finais, não tendo uma maior sociabilização entre os elementos constituintes. Outro aspecto que ao longo da entrevista com Vitor Aronis (2016) se faz perceptível e narrado por este é de que, ao longo das edições do Encontro das Ruas, foram surgindo outros eventos temáticos na região abordando, por vezes, segmentos direcionados do *Hip-Hop*, por exemplo, uma festividade que é voltada somente ao grafite[121]. Para os grafiteiros (como veremos adiante) o encerramento do Encontro das Ruas ficou enquanto uma lacuna em eventos locais direcionados à cultura do Movimento *Hip-Hop* e, principalmente, ao grafite local.

Se faz interessante, nesta perspectiva e busca de perceber a trajetória do evento intitulado Encontro das Ruas e a sua contribuição e/ou mudança no cenário local do grafite, dissertar sobre a visão da coordenação geral do evento. Uma

---

[121] Na cidade de Curitiba (Paraná), por exemplo, existe o evento *Street of Styles*, direcionado principalmente ao grafite (com intervenções em lugares públicos – negociados com a Prefeitura e incentivado pelo poder público), com estande de tintas de *spray* e canetas marcadoras, bem como músicas de *rap*, contando com grafiteiros e grafiteiras locais, regionais, nacionais e internacionais. Maiores informações sobre o evento se fazem disponíveis em sua página no *Facebook:* <https://www.facebook.com/streetofstylescwb/?fref=ts>. Acesso em: 11 de abril 2015.

das questões da entrevista com Vitor Aronis – que se pautou na em diversos elementos organizacionais do Encontro – fora direcionada à quais mudanças perceptíveis a festa direcionada ao grafite trouxe para Joinville e para o Festival de Dança em si, sendo dissertado que:

> V.A.: Acho que, assim, é, trouxe assim, atraiu a curiosidade da mídia, porque o evento... a mídia sempre busca novidade, o que tem de novo, o que tem de novo. O Festival em si não tem nada de novo, competição, cursos e é isso, entendeu? São as pessoas... quando se cria um evento novo as pessoas ficam mais aguçadas, "e agora? Isso é a novidade, ta-ta-ta" e, puxa, se busca cobrir e era um processo de criação, o próprio grafite iniciava, a gente falava para eles não pode fazer de uma vez só, pode fazer em etapas para concluir lá na frente, dá para você ir acompanhando o processo e, pra mim, o que eu acho mais interessante no grafite é que você não tem ideia do que vai sair até que saia.
> V.A.: Pô, tinha coisa no primeiro dia que eu via assim e "Pô, o que será que esse cara tá fazendo? Um índio, depois o índio virava uma estátua da liberdade, tá louco? Cadê o índio? Tá atrás da estátua agora! Então por que você fez o índio então?", escondeu o índio né... e ia construir uma coisa que não tinha nada ver com aquela coisa que você viu no início. Isso é o processo do grafite.
> B.R.R.: Eles tinham uma liberdade para fazer...
> V.A.: Sim!
> V.A.: Muitas vezes eles, "A, qual o tema?", não sei, o tema que você quiser. A gente sempre deixou isso muito livre, a gente nunca é... a única coisa mesmo, mesmo o nosso cartaz, a gente, puxa, só não envolve gente que existem,

> que nem, políticos existem, [não] vamos... fazer essa briga agora! (ARONIS. V. 2016)

A atração e o envolvimento que as edições do Encontro das Ruas trouxeram para a cidade de Joinville pode ser perceptível ao deste trabalho, sendo uma possibilidade de experienciar e vivenciar o cenário local, nacional e internacional da grafitagem e do *Hip-Hop* por meio do contato com diversos indivíduos que pautam-se nestes elementos enquanto filosofia e estilo de vida, servindo – como já mencionado diversas vezes – enquanto uma rede que, a cada pouco, se fortaleceu e ajudou em difundir a(s) práticas para, assim como menciona Vitor Aronis, outras tribos e pessoas que desconheciam tais formas de viver a cidade. Outro adendo que se faz interessante é que, mesmo com locais pré-definidos de apropriação e intervenção, as temáticas se faziam de maneira livre, não tendo uma influência decisiva sobre os traços de grafiteiros e grafiteiras participantes o que, todavia, se faz uma maneira de incentivar a prática e estruturar o movimento. Na esteira de tais constatações, Vitor Aronis e o grafiteiro joinvilense Gabriel "Época Mouco" dissertam que, mesmo com estes locais estabelecidos de grafitagem, ocorriam apropriações em outros espaços da urbe no intervalo e/ou no pós-Encontro sendo uma maneira de sociabilidade entre pessoas de fora da cidade com moradores locais e, sobretudo, o momento em que

grafiteiros iniciantes e os mais experientes trocavam experiências, tais argumentos ficam claros quando ambos rememoram que:

> V.A.: Pra surgir novos, que vinham, achavam legal, pegavam dicas né com pessoas talvez mais experientes, enfim, que se destacavam mais e aí pegaram dicas... e sempre andavam pela cidade, mesmo depois do Encontro das Ruas, muita coisa acontecia na cidade né... No entorno da Biblioteca Pública, enfim, onde era o antigo cinema, então muita coisa ali a gente via, não era nosso, não em lugares nossos, mas outros. Extrapolavam a própria área do Festival né? (ARONIS, V. 2016)
> (...)
> G.E.: A primeira coisa que me vem na mente é de que os muros, assim, ao redor de onde foi o evento sempre costumam amanhecer é (risos) coloridos, né? Isso é, de cara me vem a mente né. Porque o pessoal fica dois ou três dias em Joinville né, com tinta e tudo, então eles aproveitavam para pintar o máximo da cidade né. Daí nem sempre a gente tava junto quando eles saiam e tal a gente só sabia depois, sei lá, saia dois ou três dias depois e via, o cara lá fez ali, já começa por aí, né? (...) No primeiro que teve eu conversei de mais com o Luís Flávio Trampo de Porto Alegre e o bicho faz grafite há uma cara, assim, já viveu várias coisas e ele super perceptível assim e eu devo ter enchido ele de perguntas e enchi mesmo e ele, assim, além de trocar uma ideia, assim, eu lembro que ele falou assim, que veio para Joinville e tava meio que sem ideia do que pintar, assim, daí eu peguei e comentei pra ele sobre o Rio Cachoeira, né? Falei pô, tem o Rio Cachoeira aqui em Joinville cara, um rio, porra, bonito pra caramba, tá poluído e tal, essa história toda da

> indústria e ele refletiu naquilo e fez uma pintura dele no painel, assim, um personagem dele no Rio sujo, navegando no rio sujo, assim, tenho até hoje... pô, não trouxe cara, mas eu tenho o... esboço que ele fez ele me deu (...) (ÉPOCA, G. 2016)

Um dos pontos elencados por ARONIS (2016) é de que uma grande aceitação que se tem, atualmente, pelo grafite, além da persistência de seus praticantes, se dá pela mobilização que o Encontro das Ruas fez ao trazer elementos que estavam espalhados e dispersos em variados locais da cidade para a região central e, principalmente, para a região “nobre” central. Para além deste discurso que, compreensivelmente, visa valorizar o evento, o coordenador geral salienta que a permissão e possibilidade de grafitar e intervir com tinta alguns destes locais no centro se deu pelo evento estar sob a guarda do Festival de Dança que arcou com todos os seus custos e responsabilidades, dando, segundo sua linha de pensamento, uma possibilidade de ampliar a grafitagem local indo ao contraponto que algumas visões tinham sobre o grafite e o seu caráter de “vandalismo” (como visto em conteúdos anteriores deste trabalho).

Neste cenário produzido pelo intenso fluxo de informações, pessoas e ideias, bem como, de crescimento espacial e populacional da cidade que, todavia, podemos

perceber as modificações presentes nas esferas políticas, sociais, culturais e econômicas da cidade de Joinville, tendo em vista as novas relações urbanas que seus moradores e visitantes lançaram sobre esta e utilizando dela enquanto suporte para a sua relação com outrem. São nestas pistas e arestas que, pegando como mote estes elementos mencionados – fluxos, eventos e apropriações urbanas – podemos discutir as permanências e rupturas acerca do Grafite na cidade de Joinville, buscando, indubitavelmente, a partir da trajetória deste movimento na cidade, do discurso de seus praticantes e da realidade vivida no local, como se consolida e sobrevive a grafitagem joinvilense, bem como os novos e velhos olhares sobre esta manifestação artística urbana.

3.2 PERMANÊNCIAS E RUPTURAS ACERCA DO GRAFITE EM JOINVILLE

Tendo em vista estas inúmeras discussões acerca da prática urbana do grafite em Joinville, de ter transitado pela sua diversidade de estilos, características e influências, passeando entre o permitido e o transgressor, analisadas pinturas que utilizam personagens cartoonesco à indivíduos que pintam por influências políticas e ideológicas, os traços que priorizam as formas de escrita, os múltiplos suportes que a cidade pode

oferecer à este ou esta pessoa que adere a grafitagem enquanto um estilo de vida, fica um questionamento que, todavia, emerge do leitor atento deste presente trabalho, afinal de contas, ele “Agride ou Agrada”? Devemos iniciar a resposta de tal indagação com a seguinte resposta, ele “Agride e Agrada”.

Com o fim do Encontro das Ruas, os grafiteiros e grafiteiras joinvilenses necessitaram, assim como faziam anteriormente, realizarem mobilizações individuais e/ou coletivas para continuarem atuando na cidade, tendo em vista que o evento garantia para os admiradores e admiradoras da arte urbana um momento de junção e confraternização com pessoas com interesses similares e/ou abertas a conhecerem mais sobre o cenário do grafite, sendo uma possibilidade anual de participarem de um circuito de grafite e *Hip-Hop* (com proporções grandes de notoriedade) no local, atraindo diversas pessoas atuantes neste âmbito, este “vazio” deixado pelo Encontro pode ser percebida na narrativa de alguns dos grafiteiros da cidade.

> G.E.: (...) houve discussão algumas vezes logo que nós vimos que em 2015 não ia rolar, meio que organizar um evento paralelo ao Festival e tal no mesmo formato, mas acabamos no fim, decidindo por não fazer, assim. No geral, no geral, assim, ficou um vazio, ficou um hiato desde então, eu acredito que o da CELESC ali, acho que foi o mais próximo, esse recente,

> Energia das Ruas, foi o que teve mais próximo, chegou mais próximo do que teria sido o Encontro das Ruas a uns tempos atrás, né? (ÉPOCA, G. 2016)

O evento mencionado por Gabriel "Época Mouco" ocorreu no ano de 2016 sendo intitulado como "Energia das Ruas", fruto de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Joinville (PMJ), a Fundação Cultural de Joinville (FCJ) e as Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC), tendo como temática a essência da energia e visando, segundo do jornal "ANotícia" (2016)[122], valorizar o trabalho de artistas urbanos locais e prevenir a depredação de suas subestações elétricas. O evento, da mesma maneira que o Encontro das Ruas, mobilizou diversos grafiteiros e grafiteiras da região de Joinville (grande maioria), de Curitiba e de Florianópolis, tendo a intencionalidade de formar murais – nas fachadas destas estações – onde estes/as artistas, baseando-se na temática, expressariam o assunto utilizando de seus traçados particulares. Dentre o encerramento do Encontro das Ruas e a o Energia das Ruas não ocorreu, na cidade de Joinville, um evento que mobilizasse um grande número de indivíduos e tivesse

---

[122] A reportagem na integra se faz disponível no sítio eletrônico: <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/joinville/noticia/2016/06/primeira-etapa-do-projeto-energia-das-ruas-ocorre-neste-fim-de-semana-em-joinville-6255694.html>. Acesso em: 29 de jun. 2016.

tamanho investimento, apenas – como veremos posteriormente – encontros espontâneos organizados pelos próprios artistas ou de pequeno porte.

Um elemento que já pode se notar ao longo das discussões é de que grande parte das conquistas do grafite na cidade se deu pela persistência de seus membros que buscaram unirem-se e mobilizarem-se para fomentarem o movimento. Como relembra ÉPOCA (2016), em entrevista concedida, a grande parte das ações de grafiteiros se faz de maneira independente (sem apoio externo), juntando colegas de prática onde cada um leva aquilo que pode contribuir (comida, buscando um espaço para a intervenção e/ou com apoio com tintas), fortalecendo os laços de amizade entre os artistas urbanos, bem como da grafitagem, não conseguindo, todavia, uma garantia de que todo ano aquela mesma localidade e/ou o mesmo evento ocorra novamente, mas servindo enquanto um momento de união e sobrevivência do grafite na cidade, algo que, segundo ele, foi sempre assim.

Na perspectiva de Gôri, por exemplo, mesmo com esta rede estabelecida entre os grafiteiros e grafiteiras de Joinville (seja entre si e/ou com forasteiros) e com uma produção alta de grafites em diversas localidades da área urbana, bem como o interesse destes em produzir trabalhos com uma alta qualidade, ainda, em sua visão, falta mais “massa forte de trabalho” ou,

em outras palavras, maiores adeptos em realizar a grafitagem enquanto uma forma de experienciar a cidade e de uma quantidade maior de marcas urbanas espalhadas por ela, neste sentido, GÔRI (2016) acredita que quanto mais o grafite forçar a sua presença no local, mais portas irão abrir para este movimento em crescimento.

Com o intuito de entender as mudanças e as permanências desta forma de manifestar-se e apropriar-se da cidade que, visivelmente, cresceu ano pós ano, ao longo do início do século XXI, ambos grafiteiros entrevistados foram indagados sobre a percepção que estes possuem quando relacionam o cenário passado no qual tiveram o primeiro contato com a grafitagem e o momento atual deste. Tal momento da entrevista, segundo ambos jovens, serviu para refletirem não apenas sobre as suas trajetórias, feitos e contatos, mas para desacelerarem e perceberem alguns nuances que passam, por vezes, despercebidos, com isto, ricas informações emergem da narrativa destes elementos que, em épocas distintas de início, vivem e viveram algumas grandes etapas do grafite joinvilense.

> G.E.: Pô eu tenho uma frase, assim, que o camarada lá atrás que eu fiz, que veio de Curitiba e começou a pintar aqui que ele falou, uns anos atrás, (risos) e que bate bem nesse negócio assim, ele falou –“Meu, como o povo

> daqui é desconfiado!" – (risos). E eu vou dizer pra ti no geral, quanto mais pintura tem, em quantidade mesmo, nem em qualidade, se for discutir isso... pela quantidade mesmo, são outros tempos, né? A mídia eu acho que influencia de mais, assim, influencia de mais. E o Encontro das Ruas mesmo, aquele da antiga Prefeitura, é o estilo de... por ter um grafite realista, bem dizer, dois realistas, umas paradas com uma simbologia forte né, uma simbologia, assim, com um apelo, um certo apelo, isso com certeza, muitas pessoas passam ali todo dia naquele prédio que é um marco para a história joinvilense, influencia bastante no subconsciente das pessoas, né? Delas pessoas, pô, o nome pra mim é meio estranho mas até que eles sabem fazer uma coisa legal, né? Eles andam esquisito, tem tatuagem, mas até que eles sabem fazer umas... Eu acho que esse processo, assim, nos últimos anos eu sinto um amadurecimento, com certeza. (ÉPOCA, G. 2016)

Esta desconfiança acerca da grafitagem (como já visto anteriormente) e, principalmente, do tipo de grafite que se é proposto em determinado(s) local(is), faz com que as pessoas teçam pensamentos diversos sobre esta maneira de apropriar-se do espaço público que, cotidianamente, as mais variadas pessoas observam e transitam perante estes lugares, um grafite considerado "bonito" (muitas vezes por ser carregado de cores e/ou por ter uma forma reconhecível – a exemplo de personagens ou aspectos humanos e realistas) pode trazer ao caminhante a sensação de familiaridade e de aproximação da obra urbana, porém, por outro lado, um estilo que prioriza a

estética da letra (mesmo que carregada de colorações e tridimensionalidade) pode ser vista enquanto marginal (como citado em outra etapa no caso do grafiteiro Igor “Gôri”) devido a complexidade de entendimento de tal intervenção. O exemplo que Época utiliza, a tão falada e questionada grafitagem da antiga Prefeitura de Joinville na edição do Encontro das Ruas do ano de 2013, pode refletir bem este argumento, os traços realistas presentes nas pinturas e as cores que saltam das paredes aproximam as pessoas desta modalidade de grafite, lançando-a em uma assimilação de que apenas aquela modalidade de apropriação deve ser aceita e/ou que, erroneamente, aquilo, e apenas aquilo, é um grafite. Neste sentido, algumas intervenções mais agradam do que agridem.

Todavia este momento e este jogo dúbio que o grafite pode proporcionar é extremamente circunstancial, dependendo, sobretudo, da relação subjetiva que a imagem projetada no suporte escolhido manifesta naquele ou naquela que a observa e a interpreta, por isso, assim como muito bem lembra o grafiteiro Igor “Gôri” a essência do grafite, para além de toda a discussão técnica e de ser permitido ou transgressor (aos moldes dos anos de 1980), é ser da rua e estar no público à mercê das intemperes mundanas e arcando com a sua efemeridade ou distúrbio da “ordem” (como alguns discursos presentes). Neste sentido, ligando o caráter público e a sua

presença em diversos espaços da cidade, o grafiteiro salienta que Joinville é um lugar que possui as suas peculiaridades, sobretudo, devido ao nível de elaboração e qualidade de seus praticantes para com o grafite, criando, o que para ele seria, uma “identidade joinvilense”, onde personagens, escritas, *stencil, bombs,* dentre os mais variados estilos acabam estando extremamente próximas e dividindo o mesmo espaço, porém contendo, sobretudo, uma forte ligação entre seus praticantes, que foram, por muitas vezes, influenciados em seus trabalhos por pessoas de outras localidades e pelo fluxo de ideias vindas de outra capitais, a exemplo de de São Paulo, que participaram do Encontro das Ruas e/ou presenciaram aspectos da cena local (GÔRI, I. 2016).

Nas pistas desta “identidade joinvilense do grafite” algumas práticas delas acabam por “agredir” as visões de algumas camadas da cidade de Joinville, a pichação, como já mencionada em outros momentos, continua ainda permeada pelo seu caráter transgressor e efêmero e visto por grande parcela dos moradores locais enquanto uma prática de destruição e desordem, porém o grafite, mesmo com inúmeros exemplos de seu caráter muito mais permissivo e aceito por este mesmo grupo que contesta a pichação, também, por vezes, é recriminado e hostilizado, seja por servidores públicos, como policiais, ou por alguns indivíduos exaltados. Os primeiros,

principalmente, são vistos por alguns grafiteiros enquanto truculentos e extremamente violentos, onde, dependendo do horário que você transita alguns lugares, se tem abordagens agressivas, os segundos, por sua vez, se apresentam enquanto sedentos por justiça e/ou em busca de soluções rápidas (aos moldes da grafitagem Gôri sobre a onda de "justiça com as próprias mãos"), agindo, por vezes, de maneira descabida e impulsiva, sendo, segundo o designer gráfico e grafiteiro, uma onda reacionária que assolou o Brasil inteiro.

> I.G.: Mas num lance assim de tar vivendo a cidade de outra forma, como pintando a noite, digamos, fazendo algo mais ilegal já apanhei também. É, daí eles já são mais violentos, mas quando tu tá fazendo algo mais tranquilo, mais, digamos, de dia sabe (...) fazendo um personagem, então eles são bem, até de tá de dia tu tá tranquilo sabe? Tu tá na paz, mas de um tempo pra cá eu percebo assim, digamos, que uns seis ou sete meses, com essa onda reacionária que a gente teve no Brasil inteiro, eu percebi que as pessoas estão ligando mais para a polícia, sabe?
> (...)
> I.G.: Mas eu tive, esse ano, eu tive três casos assim de ligarem para a polícia, sabe? Tipo, pô, tão pichando aqui, sabe? Tu tá lá, num lugar nada ver, abandonado, cheio de pintura. Um era, assim, lugar abandonado cheio de pintura, ligaram pra polícia. Outro foi num encontro que a gente organizou, sabe? A gente pintou o muro inteiro, passou o fundo do muro inteiro, daí a gente tava escrevendo o nome do evento na esquina, ligaram pra polícia, a gente tava com mais de cem litros de tinta na calçada, tu acha

> que alguém iria estar fazendo uma pichação com... sabe?
> I.G.: Tu acha que eu não teria autorização pra tar ali, né? E eles ligaram para a polícia, foi um puta incomodo assim, porque eles ficaram lá, tava sem autorização em mãos, tive que pedir pra trazer e daí no outro final de semana, foi em dois finais de semana separados, passou o fundo e depois foi o evento, ligaram para a polícia de novo (...) Então eu acho que as pessoas estão mais reacionárias assim, acho que em outro momento a gente já pintou muito muro ilegal por ai e não deu em nada. (GÔRI, I. 2016)

Este exemplo que o grafiteiro narra sobre as abordagens policiais e dos olhares controversos de alguns moradores para com os grafiteiros e grafiteiras faz emergir o questionamento inicial deste trabalho e, principalmente, deste subcapítulo, o grafite atualmente agride ou agrada? Neste sentido, cabe revisitar o que fora narrado por Gôri, onde, dependendo do horário, do local, da forma que está sendo grafitado e do estilo que fora feito no suporte, as reações podem ser de aceitação e/ou de negação para com o indivíduo grafiteiro(a) ou com a arte impressa na localidade, sendo isto independente de ser permissivo ou transgressor (como nos casos elencados por ele), estando ligado muito com a relação social, política, econômica e cultural, bem como os olhares, que os indivíduos de *fora e de longe* lançam para aqueles que estão *de perto e de dentro* do movimento urbano (aos moldes do que problematiza

MAGNANI (2002) em seus escritos). Dependendo desta relação e, no caso específico rememorado, dos olhares lançados sobre esta forma de manifestação artística, ela pode muito mais "Agredir" do que "Agradar".

Diante da mobilização proporcionada pelo Encontro das Ruas, advinda da estrutura do Festival de Dança de Joinville, muitos elementos culturais e sociais acabaram por adentrar na sociedade joinvilense de maneira mais efetiva, tanto por meio da divulgação das práticas existentes no *Hip-Hop*, como o grafite, bem como pelo convite de indivíduos notáveis no cenário nacional e referência dentro deste movimento, ampliando, por assim, a presença desta cultura urbana para diversas camadas e regiões da cidade ou, no caso específico do evento, trazendo estas manifestações tidas enquanto periféricas e/ou marginais para o Centro, proporcionando o contato com grupos que não tinham familiaridade com tais expressões. Este movimento acabou por atrair os mais diversos olhares sobre o Grafite e a grafitagem por exemplo, bem como tornar mais visível os seus praticantes, tendo a mídia jornalística, a *internet* e as redes sociais enquanto ferramentas cruciais para a divulgação desta forma de apropriar-se da cidade. Muitos eventos, encontros e grafitagens – como percebido ao longo do trabalho – foram divulgadas por estes meios e lançadas para os mais variados debates e discussões (favoráveis ou não), porém,

apresentando a conectividade que a cidade possui com outros movimentos globais e temáticas que perpassam diversos lugares. Por outro lado, algumas camadas da cidade de Joinville ainda se apresentam enquanto pautadas em um discurso conservador e retrogrado calçado na segunda metade do século XX, advinda do seu processo de expansão industrial, onde o seu reconhecimento e a sua vivência se espelham em seus epítetos repetidos à exaustão em diversas narrativas, salientando o seu caráter “ordeiro” e de um “povo trabalhador”, onde, mesmo com diversas expressões artísticas e contemporâneas, com inúmeras novas formas de sinalizar-se, identificar-se e referenciar-se na cidade, acaba solapada por esta “essência joinvilense”.

Outro adendo que pode emergir desta discussão acerca da permanência no presente e da ruptura com o passado, quando pautado no grafite, é de ao mesmo tempo que se tem um esforço descomunal de evidenciar estas mudanças do tempo presente e as formas novas de que jovens se relacionam e se identificam com os grupos e pedaços que pertencem, tendo, por exemplo, a campanha de divulgação da edição de 2015 do Festival de Dança de Joinville que utilizou da arte urbana e da técnica do *stencil* do grafiteiro porto-alegrense “Trampo” enquanto *folder* de promoção do evento (Figura 24), onde o artista buscou inspiração nas bailarinas presentes no

evento e mesclou a características destas com a forma de pássaros que são marcas de suas obras urbanas(NOTÍCIAS DO DIA. 2015)[123], neste sentido, existem movimentações que agraciam o grafite (mesmo que institucionalizado e comercial) enquanto uma expressão artística que é preservada na cidade catarinense e, por este aspecto belo, deve ser mantida e divulgada, por outro lado, algumas campanhas e propagandas (vistas anteriormente) acabam por lançar estas modalidades urbanas enquanto um desvio imoral de conduta de alguns de seus moradores, cabendo severas punições e/ou abordagens truculentas, ficando, por assim, o grafite em uma balança que pesa para ambos os lados, do agrado e da agressão.

---

[123] A reportagem completa acerca da criação do cartaz por Luíz Flávio "Trampo" se faz disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/plural/cartaz-do-festival-de-danca-de-joinville-valoriza-arte-em-grafite>. Acesso em: 16 de jul. 2015.

Figura 24 – Cartaz de divulgação da 33ª edição do Festival de Dança de Joinville

Fonte: Divulgação/Notícias do Dia (2015). Disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/plural/cartaz-do-festival-de-danca-de-joinville-valoriza-arte-em-grafite>. Acesso em: 16 de jul. 2015.

Para além desta dualidade, o que cabe para a presente pesquisa é a investigação histórica da trajetória desta manifestação artística, cultural e urbana na e para a cidade de Joinville, sobretudo pela análise de um evento que proporcionou a efervescência de novos e velhos olhares sobre o grafite contemporâneo, bem como a rede aberta e fortalecida pelos grafiteiros e grafiteiras joinvilenses (considerando os migrantes que residem na localidade), tornando-se uma estrutura sólida e unida que, para além da discussão bipolar (Agride ou Agrada?) elaboraram práticas e movimentos impares de aprendizagem que os projetaram enquanto praticantes visíveis na urbe catarinense, fazendo-os(as) enquanto indivíduos ativos e contribuintes para as múltiplas interpretações que uma cidade contemporânea pode oferecer. Neste sentido, e parafraseando o escritor Italo Calvino em sua obra Cidades invisíveis (2003), “De uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas as respostas que dá às nossas perguntas”, basta desviarmos os olhares para outras “maravilhas” da cidade que lançamos novas perguntas e vemos novas respostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das investigações realizadas sobre Joinville e, sobretudo, da prática da grafitagem na localidade, emergiram diversos questionamentos e posicionamentos que acabaram por munir a presente dissertação e o seu pesquisador com materiais, fontes e narrativas que o lançaram em um terreno movediço e com uma estrutura ainda em formação e expansão, movendo a pesquisa histórica pelo anseio de conhecer como estas novas práticas de experienciar e vivenciar a cidade emergem, alastram e se sustentam no tempo presente. Revisitar a historiografia local e regional, buscando compreender o sentimento germânico construído e enraizado na sociedade joinvilense, desde o seu projeto de colonização, passando pela estrutura urbana e arquitetônica da localidade, até a atualidade, serviram enquanto a possibilidade de conhecer as permanências, distanciamentos e reformulação destes discursos e sentimentos, percebendo, todavia, a comunidade imaginada destinada ao seu território, tentando, por meio destes elementos, criar um sentido de ligação à um passado em comum, compartilhado e preservado por todos/as. Este projeto de sociedade joinvilense fora, como se pôde perceber, extrapolada e, como abordado no primeiro capítulo desta produção acadêmica, abalada por mudanças certeiras na

cidade, sobretudo advindas do movimento migratório para a região catarinense, o processo de industrialização e expansão da área urbana, pautada na busca de novas experiências e de mudanças de vida que estes migrantes internos trouxeram em suas bagagens, promovendo um intercâmbio de ideias e lançando a, até então "cidade tipicamente germânica", em conectividade com outras metrópoles e capitais.

Dentre os materiais levantados na pesquisa e apresentados ao longo do texto, se fica perceptível que tal troca e fluxo de pessoas e ideias acabaram por abrir caminhos para a entrada de novas práticas urbanas que se faziam efervescentes nas mais diversas localidades do Brasil (e do mundo), a exemplo da crescente expansão do Movimento do *Hip-Hop* na capital paulista por volta dos anos de 1980, onde ocorriam encontros entre jovens simpatizantes de tal estilo musical, cultural e visual norte-americano, buscando trocar conhecimentos e entreterem-se em seu período de intervalo ou folga do trabalho, encontrando no centro da cidade uma localidade para discutir e estruturar esta nova filosofia de vida. Muitos do migrantes que arriscaram uma nova experiência de vida na urbe catarinense, possuíam contato e/ou formas de aproximarem-se dos elementos que compunham este cenário paulista, tanto por meio de fitas *k-7*, revistas temáticas ou materiais que abordavam o elementos que compõem o *Hip-*

Hop, criando assim um rede que ampliava o território joinvilense em relação com outras cidades, bem como extrapolava a estrutura de sociedade pensada para o local, fazendo transbordar diversas formas de identificar-se e inserir-se neste ambiente. Tal discurso e prática não se restringiu aos migrantes, mas se alastrou para as diversas camadas residentes em Joinville e que tinham curiosidade ou vontade de conhecer tal movimentação.

Nestas pistas que emergem deste diálogo com o passado e a sua conectividade com o presente, bem como da entrada de novas formas de relacionar-se com a área urbana que se insere, aparecem diversas marcas nas estruturas físicas da cidade de Joinville, marcas estas que se apresentam enquanto uma cultura não familiar aos moradores locais e impensáveis para o discurso "ordeiro" que esta carrega, sendo, por assim, escrituras coloridas ou monocromáticas, desenhos, formas e dizeres que, por via de regra, destoam-se no cotidiano da urbe catarinense, apropriando-se de fachadas, muros, casas, ruínas e os mais diversos lugares que a servem enquanto suporte. Neste aspecto, a pichação e o grafite (os elementos artísticos do *Hip-Hop*) causam espanto, demonstrando, por meio de tintas, a narrativa que seus praticantes exercem sobre o local, bem como as influências que estes têm enquanto indivíduos anônimos e desconhecidos – em um primeiro momento – na cidade,

deixando as suas assinaturas urbanas visíveis aos olhos de todos. Este movimento acabou tomando uma proporção grande, tendo a sua constante presença por vezes agradado ou incomodado os joinvilenses, necessitando, sobretudo, de ser abordado e discutido, recebendo, por assim os holofotes diversos que as mídias locais poderiam oferecer, lançando tais apropriações para a sociedade, apresentando debates que buscavam entender a intencionalidade e a presença destas na cidade.

Os grafites, por exemplo, deixaram o anonimato e fizeram parte destes discursos que emergiram, utilizando-se destes veículos, bem como das redes sociais e *internet* para fortalecer o seu movimento e, principalmente, estruturar e unir os seus praticantes, fazendo, por vezes, a grafitagem transitar pelas mais diversas camadas sociais, econômicas, políticas e culturais presentes na região. Este fato fez com que alguns jovens que, no início conturbado da prática na cidade, se viam isolados por não encontrarem pares que possuíam o mesmo interesse, criarem redes concisas de relacionamento e fortalecerem novos indivíduos interessados, bem como grupos especializados nesta arte urbana, trocando entre eles, experiências, vivências, técnicas e materiais, formulando movimentos independentes e espontâneos que, a todo

momento, tomavam os suportes oferecidos por Joinville. Como bem pontua e discute WELLER (2011):

> Nos últimos anos, e de forma cada vez mais intensa, podemos observar que os jovens vêm lançando mão da dimensão simbólica como a principal e mais visível forma de comunicação, expressa nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam diante de si mesmos e da sociedade. É possível constatar este fenômeno nas ruas, nas escolas ou nos espaços de agregação juvenil, onde os jovens, se reúnem em torno de diferentes expressões culturais, como a música, a dança, o teatro, dentre outras, e tornam visíveis através do corpo, das roupas e de comportamentos próprios, as diferentes formas de expressar e de se colocar diante do mundo. (WELLER, W. 2011)

Essas culturas juvenis, como aborda a autora enquanto uma noção de cultura de uma sociedade, fora se desenvolvendo à medida que "juventude" começou a ser vista enquanto categoria social e obteve autonomia e um amplo poder de decisão, neste sentido, o conceito de "culturas juvenis" possibilita uma maior compreensão das múltiplas e distintas manifestações juvenis que são criados e recriados em diversas localidades e contextos (WELLER. 2011), assim como podemos perceber o quanto o movimento do grafite em Joinville fora pautado por um exercício – inicialmente – independente de jovens que recriavam e buscavam adaptar a

modalidade nesta cidade catarinense, utilizando=a enquanto uma forma de expressar-se e identificar-se com a localidade e com o mundo no quais estavam inseridos. Com este alargamento do Grafite, da grafitagem e dos/as grafiteiros/as, se fez inegável revogar a existência de tais indivíduos e práticas, assim como do crescimento do Movimento do *Hip-Hop*, que, neste processo de ampliação e constante reformulação, acabou por tomar a presença em um evento de grande porte da cidade e, principalmente, tencionar os discursos passados e presentes sobre esta manifestação e apropriação urbana, lançando-a, novamente aos olhares preocupados de diversos grupos sociais.

É neste cenário de pesquisa que envolve trajetórias e narrativas históricas da cidade, dos seus moradores, dos movimentos migratórios internos, dos fluxos intensos e diversos para a localidade e, sobretudo, da relação entre passado, presente e futuro, que emergem desta discussão uma reflexão mister para o historiador e/ou historiadora que se lança em buscar entender as especificidades presentes no Grafite de Joinville, sobretudo da história de um movimento que, aparentemente, está em constante estruturação, expansão e crescimento, onde os seus membros – devido ao fato de ser uma prática recente – estão em processo de “autoconhecimento” e de busca de um campo sólido e conciso

para se estabelecerem enquanto tais, carecendo, sobretudo, da identificações destes indivíduos que, para além dos holofotes midiáticos, dos eventos patrocinados e/ou independentes, compõem a história e acrescentam, substancialmente, na historiografia local, principalmente pelos dizeres – políticos, reflexivos e carttoonescos – que carregam as suas grafitagens. O Grafite, em suma, é uma prática estreitamente ligada ao Tempo Presente e, indubitavelmente, deve ser analisada por esta vertente histórica, sendo necessário, assim como dialogado inicialmente neste trabalho, um afastamento cauteloso para podê-lo examiná-lo e investiga-lo enquanto um elemento que compõe o cenário urbano de Joinville e de outras cidades ao redor do mundo, sendo estas marcas, como frisado anteriormente, carregado de simbologias e intencionalidades. Mais do que uma discussão epistemológica e conceitual acerca do Grafite, o presente trabalho buscou elaborar uma ponte - não aos moldes da “causa e efeito” e muito menos linear- entre os seus praticantes e a prática em si, a introdução e o contato que estes tiveram com o movimento, a forma que enxergam as mudanças, as rupturas e as permanências desta modalidade de apropriação artística, efêmera e urbana, bem como a maneira que estes grafiteiros e grafiteiras se socializam e, principalmente, interagem com o cenário local, realizando um

esforço teórico, histórico e documental de apresenta-los enquanto membros atuantes da sociedade na qual se inserem.

Tais discussões só foram possíveis de serem analisadas e levantadas enquanto indagações a partir da própria experiência histórica do pesquisador, sendo este, assim como tantos outros que em Joinville residem, um migrante interno, que, todavia, buscou compreender a presença do grafite no local a partir de um Encontro destinado ao Movimento do *Hip-Hop* e que fora, aos poucos, dando uma notoriedade extra-movimento à grafitagem, tal argumentação não faz o grafite joinvilense fruto exclusivo do Encontro das Ruas (como vimos ao longo do texto), mas sim enquanto uma forma de potencializar o esforço e a luta de grafiteiros e grafiteiras que buscaram fortalecer o movimento, existindo sim, grafites fora do Encontro e em outras localidades que não as mediadas pelo evento. Na esteira desta constatação e inserido nas teias históricas que perpassam o grafite joinvilense, o trabalho teve por intencionalidade servir enquanto um material de pesquisa histórica que, longe de querer construir verdades inabaláveis ou ser uma estrutura imóvel, servir, primeiramente, enquanto uma maneira introdutória de conhecer esta manifestação artística, urbana e cultural em Joinville e, de uma segunda forma, como um material que pode ser analisado e observado buscando

lançar novas perguntas e/ou encontrar respostas sobre esta cidade catarinense.

REFERÊNCIAS

ACONTECENDO AQUI. Joinville mais de 1000 pessoas de diversos estados participam do 6º Encontro das Ruas. Disponível em: <http://www.acontecendoaqui.com.br/joinville-mais-de-1000-pessoas-de-diversos-estados-participam-do-6-encontro-das-ruas/>. Acesso em: 19 de fev. 2015.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, v.2, p. 155-202.

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral.** Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. 5f.
ANDERSON, Benedict. **Comunidade imaginada:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Benedict. **Comunidade imaginada:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANOTICIA. **A dança agora é na praça**. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/06/18/a-danca-agora-e-na-praca/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 20 de fev. 2015.

ANOTICIA. **Acadêmicos do Grafite**. Disponível em: Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/12/01/academicos-do-grafite/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 20 de fev. 2015.

ANOTICIA. **Grafite falado**. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/04/05/grafite-falado/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 23 de fev. 2015.

ANOTICIA. **Grafites do 28º Festival de Dança de Joinville**. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/semcensura/2010/07/29/grafites-do-28%C2%BA-festival-de-danca-de-joinville/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 28 de jul. 2016.

ANOTICIA. **Há mais de dez anos, prédio da antiga Prefeitura de Joinville serve como depósito**. Disponível em: <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/cultura-e-variedades/anexo/noticia/2014/08/ha-mais-de-dez-anos-predio-da-antiga-prefeitura-de-joinville-serve-como-deposito-4566516.html>. Acesso em: 02 de ago. 2016.

ANOTICIA. **Minha História, Meu Patrimônio**. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an_especiais_patrimonio/torre/projeto.html>. Acesso em: 14 de jan. 2015.

ANOTÍCIA. **Mural abaixo.** Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/06/13/mural-abaixo/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 20 de fev. 2015.

ANOTICIA. **Nos muros da favela.** Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/12/04/nos-muros-da-favela/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso: 20 de fev. 2015.

ANOTICIA. **O que dizem as ruas**. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/04/10/o-que-dizem-as-ruas/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 20 de fev. 2015.

ANOTICIA. **Ocupação tamanho gigante**. Disponível: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2014/10/21/ocupacao-tamanho-gigante/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 20 de fev. 2015.

ANOTICIA. **Pichadores exageram e dividem opiniões**. Disponível em: <http://www1.an.com.br/2001/jan/22/0cid.htm>. Acesso em: 27 de set. 2014.

ANOTICIA. **Primeira etapa do projeto "Energia das Ruas" ocorre neste fim de semana em Joinville**. Disponível em: <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/joinville/noticia/2016/06/primeira-etapa-do-projeto-energia-das-ruas-ocorre-neste-fim-de-semana-em-joinville-6255694.html>. Acesso em: 29 de jun. 2016.

ANOTÍCIA. **Sem Encontro da Rua em 2015**. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/orelhada/2015/07/07/sem-encontro-das-ruas-em-2015/?topo=84,2,18,,,84>. Acesso em: 07 de jul. 2015.

ARANIS, Vitor. **Entrevista concedida a Bruno Ramos Rodrigues**. Joinville, 24 de jun. de 2016. Entrevista acerca do evento Encontro das Ruas.

AREND. S. M. F.; MACEDO, F. Sobre a história do tempo presente: uma entrevista com Henry Rousso. **TEMPO E ARGUMENTO**, Florianópolis: Jan./Jun. 2009. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/705/608>. Acesso: 22 de abr. 2014.

ASSIS, Gláucia de O. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacionais. **Revista Estudos Feministas. Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(3): 336, setembro-dezembro/2007.

BHAZ. **Docente da UFMG defende pichação na Igrejinha da Pampulha em BH**. Disponível em: <http://bhaz.com.br/2016/03/21/docente-da-ufmg-denfende-pichacao-na-igrejinha-da-pampulha-em-bh/>. Acesso em: 21 de mar. 2016.

BINHO RIBEIRO. Disponível em: <http://www.binhoribeiro.com.br/>. Acesso em: 28 de jul. 2016.

BOLETIM DO ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE. Joinville, Fundação Cultural / Arquivo Histórico, nº. 15, jul. 1998.

BRASIL. **Presidência da República**. Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm>. Acesso em: 22 abr. 2014.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CAMARGOS, Roberto. **Rap e Política:** Percepções da vida social brasileira. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

CAMASÃO, Leonel. Hip-Hop tem espaço garantido em Ruas. **A Gazeta de Joinville**, Joinville, 27 a 31 de jul. 2006. Gazeta Festival, p. 3.

CANCLINI, Nestor G. Imaginários culturais da cidade: Conhecimento/Espetáculo/Desconhecimento. In: COELHO, Teixeira (Org.). **A cultura pela cidade**. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2008, p. 15-32.

CANCLINI, Nestor G. A globalização: objeto cultural não-identificado. In: **Globalização imaginada**. São Paulo, Iluminuras, 2003.

CÃO FILA KM26. **Revista Veja**. São Paulo, 6 jul. 1977. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/34090?page=104&section=1>. Acesso em: 21 de set. 2015.

CARTA CAPITAL. **Arcos do Jânio e o grafite**. Disponível em: <http://negrobelchior.cartacapital.com.br/2015/02/23/arcos-do-janio-e-o-grafite/?utm_content=buffer45802&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer>. Acesso em: 24 de fev. 2015

CASALILLA, Bartolomé Y. **Localism, global history and transnational history:** A reflection from the historian of early modern Europe. historisk tidskrift 127:4, 2007.

CERTEAU, Michel de. Introdução geral. In: CERTEAU, Michel et al. **A invenção do cotidiano.** 1. Artes de fazer, Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. v.1, p. 37-53.

CHUVA ÁCIDA. **Os grafites não resolverão os problemas da antiga Prefeitura**. Disponível em: <http://www.chuvaacida.info/2013/07/os-grafites-nao-resolverao-o-problema.html>. Acesso em de jul. 2013.

COELHO, Ilanil. É proibido ser alemão. In: GUEDES, Sandra P. L, de Camargo (org.) **Histórias de (i)migrantes: o cotidiano de uma cidade**. Joinville: Editora Univille, 2005.

COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville: Editora da Univille, 2011.

COLETIVO Chá – Um olhar sobre a arte urbana em Joinville. Joinville: *Vimeo*, 2012. Disponível em: <https://vimeo.com/26090924> Acesso em: 27 de set. 2014.

COLETIVO PINTE E LUTE. Disponível em: <https://www.facebook.com/pintelute/?fref=ts>. Acesso em: 03 de jul. 2016.

COMPHAAN. Ata de reunião ordinária nº 203, 10 de jul. 2013, Joinville. Sala de Reuniões da Fundação Cultural de Joinville (FCJ). 9 fls.

COMPHAAN. Ata de reunião ordinária nº 204, 24 de jul. 2013, Joinville. Sala de Reuniões da Fundação Cultural de Joinville (FCJ). 10 fls.

COSTA, Iara (Org.); GABARDO, Cláudia (Org.). **Tempos de educar:** os caminhos da história do ensino na rede municipal de Joinville /SC - 1851/2000. Joinville, UNIVILLE, 2005.

CRUZ, Dayse M. da; COSTA, Maria T. Grafite e pichação – que comunicação é esta? **LINHAS**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 95 – 112, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1351/1158>. Acesso em: 24 de abr. 2014.

DIÁRIO CATARINENSE. **Grafite no Armazém Vieira, na Capital, ficará visível apenas por alguns dias**. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2013/11/grafite-no-armazem-vieira-na-capital-ficara-visivel-apenas-por-alguns-dias-4322525.html>. Acesso: 05 de ago. 2016.

DIAS, Marcos A. **“Uma terra de oportunidades”:** a migração no período de crescimento industrial de Joinville/SC – 1970-1980. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

DUARTE, Guilherme. **Joinville entre ritmo e poesia**. Joinville: Lado B, Portal Joinvilense, 2013. Disponível em: <http://www.portaljoinville.com.br/blogs/ladob/29241> Acesso em: 04 de mar. 2015.

ÉPOCA, Gabriel. **Entrevista concedida a Bruno Ramos Rodrigues**. Joinville, 01 de ago. de 2016. Entrevista acerca do grafite na cidade de Joinville.

ÉPOCA MOUCO. Disponível em: <https://www.facebook.com/epoca.mouco/?fref=ts>. Acesso em: 05 de jun. 2016.

ESCOLA BOLSHOI. Disponível em <http://escolabolshoi.com.br/conheca-a-escola-bolshoi/>. Acesso em: 21 de jul. 2016.

FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida**. Florianópolis: Editora Cidade Futura, 2000.

FERREIRA, Marieta de M. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro F., VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2012, p. 21-54.

FESTIVAL DE DANÇA. **Encontro das Ruas 2010**. Disponível em: <http://www.festivaldedanca.com.br/2010/conheca-festival-encontro-ruas-apresentacao.php>. Acesso em: 19 de jan. 2015.

FESTIVAL DE DANÇA. **Encontro das Ruas 2012**. Disponível em: <http://ifdj.com.br/2013/conheca-festival-encontro-ruas-apresentacao.php>. Acesso em: 19 de jan. 2015.

FESTIVAL DE DANÇA. **Encontro das Ruas 2013**. Disponível em: <http://ifdj.com.br/2013/conheca-festival-encontro-ruas-convidados2.php>. Acesso em: 19 de jan. 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. Haddad autoriza grafite em parede de patrimônio histórico. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/02/1583790-haddad-autoriza-grafite-em-parede-de-patrimonio-historico.shtml?cmpid=%22facefolha%22> Acesso em: 02 de fev. 2015.

FREESTYLE UM ESTILO DE VIDA. Disponível em: <http://curtadoc.tv/curta/cultura-popular/freestyle-um-estilo-de-vida/>. Acesso em: 27 de jul. 2016.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE JOINVILLE. **Joinville bairro a bairro:** 2008-2009. Joinville, SC: [s.n.], [s.d.].

GANZ, Nicholas (Org.). **O mundo do grafite**: arte urbana dos cinco continents. São Paulo, WMF Martinsfontes, 2010.

GITAHY, Celso. **O que é grafite?** São Paulo, Editora Brasiliense, 1999.

GLOBOTV. **Indústria metalúrgica é a principal fonte da economia de Joinville**. 10 de set. 2010. Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/industria-metalurgica-e-a-principal-fonte-da-economia-de-joinville/1337099/>. Acesso em: 22 de nov. 2014.

GÔRI, Igor. **Entrevista concedida a Bruno Ramos Rodrigues**. Joinville, 20 de jul. de 2016. Entrevista acerca do grafite na cidade de Joinville.

GÔRI. *Facebook.* Disponível em: <https://www.facebook.com/igorgori/photos/a.590734297658596.1073741827.566373520094674/1083847718347249/?type=3&theater>. Acesso em: 05 de jun. 2016.

GRAFFTCHE. **Encontro das Ruas – Joinville/SC**. Disponível em: <http://www.grafftche.com/2011/08/kicow-nsk-no-edr-encontro-das-ruas.html>. Acesso em: 28 de jul. 2016.

GUEDES, Sandra P. L, de Camargo. A colônia Dona Francisca: A vida... O medo... A morte. In: GUEDES, Sandra P. L, de Camargo (Org.) **Histórias de (i)migrantes: o cotidiano de uma cidade**. Joinville: Editora Univille, 2005.

G1. **MP denúncia três pichadores por pichação na Igrejinha da Pampulha em BH**. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/05/mp-denuncia-tres-por-pichacao-na-igrejinha-da-pampulha-em-bh.html>. Acesso em: 04 de maio 2016.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: ___. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 7-22.

HISTÓRIA DO FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE. Disponível em: <http://ifdj.com.br/2013/linha-tempo.php>. Acesso em: 19 de jan. 2015.

HOJE TEM – TVGAZETA. **Passeio em Joinville**. 8 de dez. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ze91CNw_rs>. Acesso em: 22 de nov. 2014.

INSTITUO FESTIVAL DE DANÇA. Disponível em: <http://www.ifdj.com.br/>. Acesso em: 19 de jan. 2015.

INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. **Catalogo Encontro das Ruas**. Joinville: 2010.

INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. **Encontro das Ruas 2006**. Joinville: 2006.

INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. **Encontro das Ruas 2007**. Joinville: 2007.

INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. **Encontro das Ruas 2008**. Joinville: 2008.

INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. **Encontro das Ruas 2009**. Joinville: 2009.

INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. **Encontro das Ruas 2010**. Joinville: 2010.

INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA. **Encontro das Ruas 2011**. Joinville: 2011.

KNAUSS, Paulo. Grafite Urbano Contemporâneo. In: TORRES, Sônia (org.) **Raízes e Rumos**: Perspectivas interdisciplinares em estudos americanos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. Representação, evento, estrutura. In: -. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC, 2006

LADO B. Um pouco de tinta não faz mal a ninguém. **Portal Joinville**. 03 maio 2013. Disponível em: <http://www.portaljoinville.com.br/v4/blogs/ladob/25934>. Acesso em: 24 de abr. 2014.

LARRAÍN, América. "Cultura" e Política, uma receita do Sucesso. In.: **O negócio da arte e da cultura**: Para uma antropologia do Festival de Dança de Joinville. 2008. 114 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MACHADO, Diego F. **Redimidos pelo passado?** Seduções nostálgicas em uma cidade contemporânea (Joinville, 1997-2008). 2009. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MAGNANI, José G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-20, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 de jan. 2015.

MARCELO ECO. Disponível em: <http://marceloeco.com/2016/>. Acesso em: 27 de jul. 2016.

MISTURA URBANA. ***Meeting of favela***. Disponível em: <ttp://misturaurbana.com/2014/12/meeting-of-favela-2014/>. Acesso em: 03 de jul. 2015.

MOTTA, Márcia M. M. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro F., VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2012, p. 21-36.

NOTÍCIA DO DIA. **Encontro das Ruas e Encontro de Grafitti trazem colorido especial a Joinville**. Disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/plural/90142-encontro-das-ruas-e-encontro-de-grafitti-trazem-colorido-especial-a-joinfille.html>. Acesso em: 19 de fev. 2015.

NOTÍCIAS DO DIA. **A grafitagem se expande como uma arte questionadora.** Disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/plural/a-grafitagem-se-expande-como-uma-arte-questionadora >. Acesso: 20 de set. 2014.

NOTÍCIAS DO DIA. **Cartaz do Festival de Dança de Joinville valoriza arte em Grafite**. Disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/plural/cartaz-do-festival-de-danca-de-joinville-valoriza-arte-em-grafite>. Acesso em: 16 de jul. 2015.

NOTÍCIAS DO DIA. **Encontro das Ruas movimenta Sesc e Expocentro, em Joinville**. Disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/noticias/14288-encontro-das-ruas-movimenta-sesc-e-expocentro-em-joinville.html>. Acesso em: 14 de fev. 2015.

NOTÍCIAS DO DIA. **Grafite como arte urbana e espaço de denúncia é tema de palestra neste sábado em Joinville**. Disponível em: < http://ndonline.com.br/joinville/plural/graffiti-como-arte-urbana-e-espaco-de-denuncia>. Acesso em: 04 de abril 2016.

NOTÍCIAS DO DIA. **Intervenção de artista questiona 'moda' de prender bandidos em postes, em Joinville**. Disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/noticias/149051-intervencao-artistica-em-joinville-questiona-moda-de-prender-bandidos-em-postes.html>. Acesso em: 07 de mar. 2014.

NOTÍCIAS DO DIA. **Neste fim de semana a cultura hip-hop ganha voz no Festival de Dança**. Disponível em: <http://www.ndonline.com.br/joinville/plural/31469-neste-fim-de-semana-a-cultura-hip-hop-ganha-voz-no-festival-de-danca.html>. Acesso em: 29 de jul. 2016.

NOTÍCIAS DO DIA. **Pintura com grafite no prédio tombado da antiga prefeitura é alvo de contestação em Joinville**. Disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/noticias/87396-pintura-com-grafite-no-predio-tombado-da-antiga-prefeitura-e-alvo-de-contestacao-em-joinville.html>. Acesso em: 17 de jul. 2013.

NOTÍCIAS DO DIA. **Projeto Arte na Cidade:** Gente de Rua irá colorir muro do Sesc na rua Orestes Guimarães em Joinville. Disponível em: <http://ndonline.com.br/joinville/plural/225015-projeto-arte-na-cidade-ndash-gente-de-rua-ira-colorir-muro-do-sesc-na-rua-orestes-guimaraes-em-joinville.html?fb_action_ids=1034227986594173&fb_action_types=og.likes>. Acesso: 15 de jan. 2015.

PEREIRA, Alexandre B. Pichando a cidade: apropriações “impróprias” do espaço urbano. In.: **Jovens na Metrópole**: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. MAGNANI, José G. C. (org.); DE SOUZA, Bruna M. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

PEREIRA, Tiago. **Pela escuta de Heinz Geyer na “cidade ressoante”:** Música e Campanha de Nacionalização no cotidiano urbano de Blumenau – SC (1921-1945). Dissertação de Mestrado (Mestrado em Música – Musicologia/Etnomusicologia) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. **Campanha contra o vandalismo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lUk-WD_4DD0>. Acesso em: 27 de set. 2014.

POULOUT, Dominique. História, Memória, Patrimônio. In.: **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**: do monumento aos valores. São Paulo: Editora Estação Liberdade Ltda., 2009.

RAMOS, Celia M. A. **Grafite, Pichação e Cia.** São Paulo: ANNABLUME, 1994.
REDE NAMI. Disponível em: <http://www.redenami.com/>. Acesso em: 7 de nov. 2015.

RIBEIRO, Binho. **Encontro das Ruas 2011**. 28 de jul. 2011. Disponível em: <http:// https://www.youtube.com/watch?v=IWryalG4i0M>. Acesso em: 27 de set. 2014.

SAYAD, Abdelmalek. O que é um migrante? In: **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: Editora da USP, 1998.

SEYFERTH, Gyralda. A dimensão cultural da imigração. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 2011, vol.26, n.77, p. 47-62. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092011000300007>. Acesso em: 25 de set. 2014.

SILVA-E-SILVA, Wilson. O grafite urbano contemporâneo: do Brasil e da Argentina para o mundo. **Revista Extrapensa** (USP), ano VI, nº 11, 2012. Disponível em: <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/extraprensa/article/view/s-ses2-22/ss2-t22>. Acesso em: 22 de abr. 2014.

SOUZA, Wendel S. Um pouco de tinta não faz mal a ninguém. **Portal Joinville**. 3 maio 2013. Entrevista. Disponível em: <http://www.portaljoinville.com.br/v4/blogs/ladob/25934>. Acesso em: 24 de abr. 2014.

STRAW, Will. *Cultural Scenes*. ***Loisir et societé/society and leisure***, vol. 27, n.2, 2004. Disponível em: <http://strawresearch.mcgil.ca/straw/loisirarticle.pdf>.

STREET OF STYLES. Disponível em: *<https://www.facebook.com/streetofstylescwb/?fref=ts>. Acesso em:* 11 de abril 2015.

TAM AIRLINES. **Joinville | TAM Nas Nuvens**. 8 de set. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eOoa9xGNBaQ>. Acesso em: 22 de nov. 2014.

TERNES, Apolinário. **História Econômica de Joinville.** Joinville, Meyer, 1986.

TRAÇOS Urbanos. Joinville: *Youtube*, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s1qaQbOqRmc> Acesso em: 4 de jul. 2014.

TROMM, Josi. Hip-Hop vira estilo de vida. **A Notícia**, Joinville, 24 de jul. 2006. Anexo.

WELLER, Wivian. **Minha voz é tudo o que eu tenho**: manifestações juvenis em Berlim e São Paulo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

YOUTUBE. **Pixo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JjS0653Gsn8>. Acesso em: 23 de abr. 2014.